

Sophia Bell - based on interviews with a
former Chinese official



O VÉU VERMELHO

THE RED VEIL

O TESTEMUNHO DE UM EX-ALTO FUNCIONÁRIO: O
DESPERTAR QUANDO SUA FILHA FOI ASSASSINADA
POR SUA FÉ

O VÉU VERMELHO

(THE RED VEIL)

*O Testemunho de um Ex-Alto
Funcionário: O Despertar Quando
Sua Filha Foi Assassinada por Sua Fé*

Autor: Relatado a **Sophia Bell**

(baseado em entrevistas com uma ex-autoridade do governo chinês que desertou para os EUA)

Copyright © 2025 THE LIVES MEDIA. All rights reserved. No reproduction allowed.

NOTA DOS EDITORES

Este livro é baseado em histórias, eventos e contextos reais. No entanto, para respeitar a privacidade e evitar qualquer impacto a certos indivíduos, os nomes dos personagens e alguns detalhes de identificação foram alterados, simplificados ou reestruturados de forma literária.

Alguns trechos do livro são narrados a partir da perspectiva pessoal dos envolvidos, refletindo suas próprias experiências e percepções naquele momento. Esses pontos de vista não coincidem necessariamente com a posição de THE LIVES MEDIA.

Quanto ao estilo, embora o Corpo Editorial tenha feito os ajustes necessários, para respeitar o personagem original e preservar o espírito e a vivacidade da história, nós nos esforçamos para manter ao máximo a autenticidade e o tom original do personagem.

O Corpo Editorial



PREFÁCIO

Todo ser humano vive com sonhos. Existem sonhos pequenos e simples. E existem sonhos grandiosos, com a magnitude de uma nação inteira, de uma era. Mas o que acontece quando uma pessoa, que já foi um arquiteto do poderoso "Sonho Chinês", de repente percebe que, para construir esse sonho, o sistema exige um preço impagável: a vida de sua própria filha, a quem ele mais amava?

Quando o castelo de ideais desmorona, quando toda a fé no caminho escolhido se transforma em cinzas, onde uma pessoa pode se agarrar? Quando a lógica do poder e as teorias materialistas se tornam impotentes diante de uma dor tão imensa, onde se pode encontrar a resposta para a pergunta: "Por quê?"

O Véu Vermelho é a jornada em busca dessa resposta. Este não é um livro de análise política, mas o relato doloroso de um pai, um confronto nu com a verdade depois que o véu da mentira foi rasgado pela tragédia familiar.

A jornada do protagonista é uma jornada de "despertar" – despertar para a verdadeira natureza do sistema em que ele um dia acreditou, despertar para compreender a

força da fé espiritual que ele antes rejeitava e, acima de tudo, despertar para reencontrar o valor de ser humano após atravessar o abismo do desespero.

Convidamos o leitor a entrar nesta história, não apenas como um observador, mas como um companheiro de jornada, para refletir sobre o preço da verdade, sobre a fragilidade dos sonhos de poder e sobre a luz da consciência que nunca se extingue, mesmo na noite mais escura.

Sophia Bell

DIA UM

Sr. Liu Siyuan:

(Ele acena levemente com a cabeça, um leve sorriso passa por seu rosto, a voz é grave e um pouco hesitante no início.)

Olá, Sra. Bell. Obrigado por ter vindo. Este lugar não é muito fácil de encontrar, não é?

Sophia Bell:

Sim, bom dia, Sr. Liu! O lugar é um pouco longe do

centro da cidade, mas para uma jornalista como eu, encontrar locais assim não é um grande problema...

Agradeço muito por ter aceitado fazer esta entrevista... Ah, mas não quero usar a palavra "entrevista", parece muito formal. Gostaria de chamar isso de uma partilha de sentimentos entre o senhor e os leitores de THE LIVES MEDIA, na qual sou apenas uma pequena ponte...

Sr. Liu Siyuan:

(Ele ouve atentamente, seus olhos observam Sophia com um certo escrutínio inicial, mas suavizam ao ouvi-la falar. Ele acena com a cabeça novamente, um traço de reflexão passa por seu rosto.)

"Uma partilha de sentimentos..."

(Ele repete baixinho, como se para absorver o significado da frase.)

Sim, Sra. Bell, essa forma de dizer... me deixa mais à vontade. "Entrevista" soa como se eu fosse um objeto sob investigação, ou um evento a ser dissecado. Já "partilha"... isso implica voluntariedade, sinceridade.

(Ele toma um pequeno gole de chá, seu olhar se dirige para a janela por um instante antes de voltar para Sophia.)

THE LIVES MEDIA... Sim, eu conheço o seu jornal. Eles fizeram muitas coisas admiráveis, trazendo informações que muitos outros não ousam, ou não querem, mencionar. Talvez por isso eu... eu tenha tido a coragem de estar aqui hoje.

(Uma breve pausa. Ele parece estar organizando os pensamentos caóticos.)

Então, Sra. Bell, por onde a senhora gostaria de começar nesta "partilha de sentimentos"? Minha vida teve muitas reviravoltas, e há coisas que talvez... não sejam fáceis de dizer. Mas vou tentar. Por Anran... e por pessoas como ela.

Sophia Bell:

Sim, como mencionei no e-mail que lhe enviei, somos uma organização de mídia independente, com uma rede de jornalistas em muitos países, e nos dirigimos a um público global... Buscamos valores universais como a verdade, a sinceridade e o despertar da bondade em cada ser humano...

É por isso que, quando nos falaram sobre o senhor, percebemos que poderia ser uma das pessoas representativas desses bons valores que THE LIVES MEDIA deseja transmitir aos seus leitores...

Bem, podemos começar oficialmente, então?

Vou começar com uma pergunta leve: Após cerca de um ano nos Estados Unidos, como o senhor sente a "atmosfera" por aqui? Parece um mercado barulhento e caótico, com cenas de pessoas disputando os dólares sujos dos "malditos capitalistas"?

Sr. Liu Siyuan:

(Um leve sorriso, um tanto distante, surge em seu rosto ao ouvir a pergunta de Sophia. Ele encara sua xícara de chá por um momento antes de levantar a cabeça, o olhar profundo.)

"Um mercado barulhento... os dólares sujos dos malditos capitalistas?"

(Ele repete as últimas palavras, não em tom de zombaria, mas como se estivesse ponderando sobre elas.)

Essas são palavras... que, no passado, em outro ambiente, eu já ouvi, e até, em alguns momentos, fui contaminado por elas, Sra. Bell. Quando se é permitido ver o mundo através de uma única lente, a imagem refletida só pode ter aquela única cor.

(Ele para, toma um gole de chá.)

Um ano aqui... não é muito tempo, mas foi o suficiente para eu sentir. A "atmosfera" de que a senhora fala... é

muito mais complexa. É verdade que há pressa, há competição, há pessoas obcecadas com o material, com o que chamam de "sonho americano". Às vezes, no meio da multidão agitada de Manhattan, também me sinto sobrecarregado, sinto como essa engrenagem é poderosa.

Mas o "barulho" que a senhora menciona, se existe, é muito diferente. Não é a disputa dentro de uma gaiola apertada, onde as pessoas têm que pisar umas nas outras para subir por medo, por não haver outro caminho. Aqui, eu sinto uma... liberdade. A liberdade de buscar, a liberdade de falhar e, mais importante, a liberdade de se expressar, a liberdade de acreditar no que se considera certo, mesmo que isso vá contra a maioria.

(Sua voz baixa um pouco, um traço de tristeza passa por seu rosto.)

Neste um ano aqui, o que senti com mais força não foram os "dólares sujos", mas o valor de um sopro de liberdade. Algo que, na minha terra natal, eu e tantas outras pessoas, especialmente minha filha... Anran... não tivemos.

(Ele olha diretamente para Sophia.)

Claro, nenhum lugar é o paraíso. Toda sociedade tem seu lado sombrio, suas injustiças, suas imperfeições. Mas, pelo menos aqui, as pessoas podem falar abertamente

sobre esses lados sombrios, tentar consertá-los, sem o medo de que amanhã possam desaparecer sem deixar vestígios.

Não é um simples "mercado", Sra. Bell. É um espaço muito mais amplo, onde cada pessoa, boa ou má, tem a oportunidade de se expressar de forma relativamente completa. E isso é algo com que estou aprendendo a me acostumar e a valorizar.

Sophia Bell:

Sim, eu entendo. O capitalismo ocidental no estilo americano não é um "molde de ouro", nem tudo brilha como as estrelas... também existem muitos lados negativos...

Mas enfim, hoje não estamos aqui para falar sobre a sociedade americana. Estamos reunidos para ouvi-lo compartilhar sobre as vidas e os destinos das pessoas do outro lado do Pacífico...

Sr. Liu Siyuan:

(Ele acena levemente, o olhar baixa por um instante para a xícara de chá sobre a mesa. Ele pousa as mãos nos joelhos, como um gesto de recolhimento, preparando-se para uma jornada mais difícil.)

A senhora está certa, Sophia. Não estamos aqui para debater os méritos e deméritos da sociedade americana. Afinal, não foi lá que vivi quase toda a minha vida.

(Ele levanta o rosto, o olhar que dirige a Sophia parece mais pesado. Um suspiro suave, quase inaudível, escapa.)

"Do outro lado do Pacífico..."

(Ele repete, a voz visivelmente mais grave.)

Aquele lugar guarda tantas coisas... a alegria, a esperança, os ideais da juventude... e também as decepções, a dor e perdas irreparáveis.

(Ele fica em silêncio por um momento, parecendo procurar as palavras certas, ou talvez tentando acalmar as emoções que ressurgem.)

As vidas, os destinos... como a senhora disse. É sobre isso que quero compartilhar. Mesmo que meu relato possa ser fragmentado, e que haja momentos em que as emoções me impeçam de continuar. Mas vou tentar, porque acredito que a verdade precisa ser conhecida. Especialmente a verdade sobre as pessoas... pessoas boas, inocentes, que sofreram tantas injustiças apenas por causa de sua fé.

(Ele olha diretamente para Sophia, uma determinação surge em seus olhos já cansados.)

Então, por onde a senhora quer que eu comece nessa longa e triste história? Dos dias em que eu era um jovem que abraçava o "Sonho Chinês" à minha maneira, ou dos eventos que mudaram completamente minha vida e minha percepção?

Sophia Bell:

Sim, para que os leitores possam acompanhar a história mais facilmente, o senhor poderia primeiro nos dar um breve resumo do seu histórico? Onde nasceu, seu trabalho, e por que veio para os Estados Unidos...

Sr. Liu Siyuan:

(Ele acena levemente, respira fundo como se para se recompor e organizar as memórias. Ele olha pela janela por um instante, depois se vira, com o olhar um tanto distante.)

Sim, Sra. Bell. Para que todos possam entender melhor o caminho que percorri... vou compartilhar de forma breve.

(Ele hesita um pouco, como se escolhendo as palavras.)

Nasci em uma pequena aldeia, numa província costeira do leste. Minha família não era abastada, mas meus pais valorizavam muito a educação. Desde pequeno, mostrei aptidão para os estudos, sempre sendo o primeiro da escola. Talvez por isso, logo chamei a atenção das autoridades locais, fui considerado uma "semente promissora" que precisava ser cultivada. Naquela época, ser visto assim era uma grande honra, não apenas para mim, mas para toda a família.

Meu caminho acadêmico foi bastante tranquilo. Fui aprovado em uma das principais universidades do país, na capital. Estudei áreas que, na época, eu acreditava que poderiam contribuir para a construção de um país forte: economia política e filosofia. Após me formar com excelência, fui convidado a permanecer na universidade como professor. Foram anos em que me dediquei à pesquisa, à escrita, e gradualmente obtive meu doutorado, e depois o título de professor.

(Ele para, um ar pensativo evidente em seu rosto.)

Por volta dos meus trinta e cinco, trinta e seis anos, meus ensaios sobre o futuro desenvolvimento da China, sobre um modelo que combinava o que eu considerava a elite de diferentes sistemas, ganharam certo renome nos círculos acadêmicos e até entre alguns líderes de alto escalão. Esse foi talvez o ponto de virada que me levou da academia para a política. Fui convidado para

trabalhar em uma agência central de pesquisa de políticas e, mais tarde, como parte de um processo de "treinamento prático", fui transferido para uma grande cidade, um dinâmico centro econômico no sul. Lá, trabalhei arduamente e também tive algum avanço, chegando a uma posição equivalente à de vice-prefeito, responsável pelo planejamento e desenvolvimento.

(Sua voz baixa, uma profunda tristeza passa por seus olhos.)

Quanto ao motivo de eu ter vindo para os Estados Unidos...

(Ele respira fundo.)

É uma longa história, a reviravolta mais dolorosa e trágica da minha vida, Sra. Bell. Está ligada à minha única filha, Liu Anran... e a um evento que fez com que toda a minha visão de mundo, minhas crenças e minha vida desmoronassem completamente. Para resumir ao máximo neste momento, foi pela minha própria segurança e, mais importante, para que eu pudesse manter um último resquício de dignidade e ter a chance de contar a verdade sobre o que aconteceu com minha filha, com minha família e com inúmeras outras pessoas... Tive que deixar minha pátria. E, felizmente, recebi ajuda do Consulado Americano em Guangzhou para poder chegar até aqui.

(Ele se cala, olhando para as mãos entrelaçadas em seu colo. A atmosfera na sala parece ter ficado mais pesada.)

Esses são os traços gerais, senhora. O resto... talvez precise de mais tempo para ser contado.

Sophia Bell:

Sim, é um quadro com muitas cores... há os ideais de vida de um jovem, a maturidade de um pensador e político, e a dor familiar, a dor por uma filha...

Peço desculpas se toquei em um assunto doloroso... Ouvei sobre a história da sua filha, uma história triste, uma situação que, se fosse eu, também não saberia como enfrentar tamanha tragédia... Eu realmente sinto muito por você e por sua filha...

Estamos dispostos a ouvi-lo compartilhar os detalhes, se isso ajudar a aliviar um pouco o seu coração...

Mas, antes disso, talvez o senhor pudesse falar sobre tópicos mais leves, como seus ideais de juventude... ou as conquistas das quais mais se orgulha?

Sr. Liu Siyuan:

(Ao ouvir as palavras de Sophia, seus olhos piscam levemente. Um calor passageiro cruza seu rosto sofrido. Ele acena lentamente com a cabeça.)

Obrigado, Sra. Sophia... pela sua compreensão. A história de Anran... é realmente uma ferida muito grande. Às vezes, também não sei como consegui superar. Talvez... graças a um resquício de fé, a uma pequena esperança de que minha voz, por menor que seja, possa contribuir de alguma forma...

(Ele para por um momento, respira suavemente, como se tentando afastar as emoções pesadas.)

A senhora está certa. Talvez devêssemos começar com coisas... mais leves. Para que eu possa, aos poucos, reorganizar os fragmentos de memória.

(Ele sorri levemente, um sorriso triste, mas sincero. Seu olhar se perde à distância, como se buscando um passado distante.)

Os ideais de juventude...

(Ele repete, a voz com um toque de nostalgia.)

Naquela época, como tantos outros jovens, eu estava cheio de entusiasmo. Nascido e criado em um período em que o país ainda enfrentava muitas dificuldades após

as turbulências históricas, fomos educados a nos dedicar de corpo e alma à construção de uma nova China, uma China próspera e forte, respeitada pelo mundo.

Eu acreditava nisso fervorosamente. Enquanto estava na universidade, e mais tarde, quando me tornei pesquisador e professor, essa chama dentro de mim ainda ardia. Eu era apaixonado por estudar economia, política, filosofia... não apenas teorias vazias, mas sempre tentando encontrar um caminho prático, um modelo mais adequado para tirar o país da pobreza, do atraso, e colocá-lo ao lado das grandes potências.

(Ele olha para Sophia, um vislumbre de orgulho em seus olhos.)

As conquistas das quais me orgulho... Talvez sejam os livros, os ensaios nos quais coloquei todo o meu coração. Neles, eu esboçava uma China moderna, não apenas forte economicamente, mas também avançada em ciência e tecnologia, uma sociedade ordenada onde as pessoas tivessem uma vida próspera. Eu imaginava uma nação que pudesse aprender as coisas boas do Ocidente, de outros países desenvolvidos, mas que ainda mantivesse sua própria identidade. Eu sonhava com o meu próprio "Sonho Chinês", onde os talentosos fossem valorizados, onde a lei fosse suprema, e o país se tornasse verdadeiramente um farol.

(Seu sorriso se desvanece, substituído por uma expressão pensativa.)

Naquela época, eu acreditava que, com a orientação correta, com pessoas dedicadas, todas as dificuldades poderiam ser superadas. Dediquei toda a minha energia intelectual a essas ideias, a essas páginas. E quando elas foram reconhecidas pela elite, por alguns líderes, eu pensei que... estava no caminho certo, que eu realmente poderia dar minha pequena contribuição para essa grande causa.

(Ele fica em silêncio por um momento, olhando para a xícara de chá que já havia esfriado um pouco.)

Aqueles foram os dias... em que eu senti que minha vida tinha mais significado, antes que as engrenagens da política e, mais tarde, os eventos cruéis, varressem tudo para longe.

Sophia Bell:

O que o senhor compartilhou sobre o "Sonho Chinês", me parece ter algo muito semelhante ao conceito de "Sonho Chinês" na ideologia política da liderança atual da China.

Sr. Liu Siyuan:

(Ao ouvir a pergunta de Sophia, ele ergue levemente as sobrancelhas, uma expressão complexa e pensativa surge em seu rosto. Ele fica em silêncio por um momento, como se ponderasse cuidadosamente cada palavra.)

Sra. Sophia, a senhora tem uma observação muito perspicaz. "Sonho Chinês"...

(Ele repete, a voz grave.)

Sim, em termos de vocabulário, há uma semelhança inegável. E isso, para ser honesto, é uma das coisas que mais me atormentaram mais tarde.

(Ele para, olhando para o vazio, o olhar como se atravessasse a parede para um lugar distante.)

Naquela época, quando eu e muitos outros intelectuais refletíamos sobre o futuro do país, essa expressão, ou ideias semelhantes, talvez já estivessem no fluxo geral do pensamento. Todos desejavam que seu país fosse forte, que sua nação fosse gloriosa. Meu "sonho" naquela época, como compartilhei, era sobre uma China desenvolvida de forma abrangente, civilizada, com estado de direito, com harmonia entre tradição e modernidade, onde as pessoas pudessem desenvolver seu potencial máximo em um ambiente relativamente livre e criativo. Eu pensava em aprender com a elite do mundo, tanto do

Oriente quanto do Ocidente, para construir um modelo único e superior.

(Ele balança a cabeça levemente, um sorriso triste passa por seu rosto.)

Mas o "sonho" que eu imaginava... não se resumia a números impressionantes de crescimento econômico, arranha-céus ou armas de última geração. Ele deveria ser construído sobre o fundamento do respeito ao ser humano, de um verdadeiro estado de direito, onde a voz do povo fosse ouvida, onde os valores morais e a consciência não fossem espezinhados. Era um sonho abrangente, não apenas para um grupo de pessoas, mas para toda a nação.

Quanto ao "Sonho Chinês" que vemos ser amplamente propagado mais tarde...

(Ele hesita, escolhendo as palavras com cuidado.)

Receio que ele tenha sido revestido com uma outra roupagem, ou talvez, tenha sido interpretado e implementado de uma maneira muito diferente do que eu e muitos dos meus contemporâneos havíamos imaginado.

(Sua voz carrega um tom de amargura.)

Talvez tenham pego emprestada a bela fachada verbal, mas o conteúdo interno... era outra coisa, algo que coloca os interesses de um partido, de um grupo, acima de tudo, a qualquer custo. Um "sonho" para o qual, a fim de alcançá-lo, estão dispostos a sacrificar a liberdade do povo, a silenciar vozes dissidentes, a pisotear os valores humanos fundamentais.

Às vezes me pergunto se minhas ideias iniciais, embora puras, não contribuíram inadvertidamente para criar uma ilusão, um slogan que foi depois explorado. É uma pergunta... para a qual talvez eu nunca tenha uma resposta completa.

(Ele olha para Sophia, seus olhos contendo uma profunda tristeza.)

O "sonho" que eu um dia persegui, ele se despedaçou, ou pelo menos, foi tão distorcido que eu não o reconheço mais, Sra. Sophia. E esse despedaçar, começou quando percebi quão cruéis as pessoas podiam ser para construir o que chamavam de "força".

Sophia Bell:

Sim, entendo que, tanto em sua juventude quanto em sua carreira política, o senhor sempre caminhou em direção a coisas boas para o país em geral e para cada família, cada indivíduo em particular?

O senhor poderia detalhar os pontos centrais do seu sistema de "sonho" daquela época? Além dos pontos principais como a valorização do desenvolvimento da economia privada, da ciência e tecnologia ou de um estado de direito, o senhor abordou outros ângulos como a liberdade de expressão, a liberdade de religião ou crença, a corrupção e a degeneração, ou se o modelo que o senhor visava se baseava em algum outro modelo mundial, como os Estados Unidos, Singapura, Japão ou os países nórdicos, por exemplo?

Sr. Liu Siyuan:

(Ele ouve com muita atenção, os olhos fixos em Sophia. Quando ela termina, ele acena levemente com a cabeça, um sorriso triste aparece e desaparece rapidamente.)

Sim, Sra. Sophia, pode-se dizer que sim. Ao longo da minha juventude, e mesmo depois de entrar na política, no fundo do meu coração eu sempre acreditei que deveria fazer algo útil pelo país, pelo povo. Embora, olhando para trás, eu tenha entendido algumas coisas de forma errada, e alguns caminhos que escolhi não me levaram ao destino que eu desejava.

(Ele respira fundo, organizando os pensamentos.)

Quando a senhora pergunta sobre os pontos centrais do meu "sonho" daquela época... além do que já mencionei

sobre economia, ciência e tecnologia e estado de direito, de fato havia outros aspectos sobre os quais refleti, embora talvez não estivessem totalmente maduros ou contivessem equívocos na minha percepção.

Sobre a liberdade de expressão, para ser honesto, na época eu a via através de uma lente um tanto limitada. Eu imaginava um espaço onde intelectuais e especialistas pudessem dar contribuições construtivas para as políticas nacionais, onde debates acadêmicos fossem encorajados para encontrar a verdade. Mas talvez eu não tenha imaginado completamente, ou não tenha ousado pensar, em uma liberdade de expressão absoluta para todos os cidadãos, onde cada pessoa pudesse expressar suas opiniões sem medo, mesmo que fossem contrárias às políticas do Estado. Eu ainda estava obcecado pela "ordem" и "estabilidade" como pré-requisitos para o desenvolvimento.

Sobre a liberdade de religião ou crença...

(Ele hesita, um olhar de remorso claro em seu rosto.)

Este é um ponto em que, olhando para trás, vejo que minha percepção era muito limitada, até mesmo equivocada. Fui fortemente influenciado pelo pensamento do materialismo dialético, educado em um sistema que considerava a religião, as crenças e até formas de cultivo espiritual como o Falun Gong mais

tarde, como coisas do passado, como "superstição", e até mesmo como obstáculos ao progresso da ciência e do pensamento racional. No meu "sonho" daquela época, não havia muito espaço para essas coisas. Eu ingenuamente pensei que, com o desenvolvimento social e a suficiência material, essas "superstições" desapareceriam naturalmente. Um erro grave, senhora.

Sobre a degeneração e a corrupção, eu as via como um problema sério, um câncer que poderia destruir todos os esforços de construção. Acreditava que um sistema de estado de direito forte, um aparelho estatal enxuto e íntegro, com sanções rigorosas, poderia resolver esse problema. Mas talvez eu tenha me concentrado demais na construção da "estrutura" e não tenha enxergado o suficiente a podridão dentro do "sistema humano" e o poder formidável dos grupos de interesse e da falta de valores morais fundamentais.

Quanto a um modelo específico, como a senhora mencionou, eu de fato estudei e fui influenciado por vários países.

Singapura era um modelo que me chamava muita atenção: uma política centralizada e eficiente, um aparelho administrativo considerado relativamente limpo e uma taxa de desenvolvimento econômico surpreendente, apesar dos recursos limitados. Eu

admirava a determinação e a visão de longo prazo de seus líderes.

Dos Estados Unidos, aprendi sobre o dinamismo da economia de mercado, a ciência e a tecnologia avançadas e o espírito de inovação constante.

Também olhava para o Japão com sua disciplina, ética de trabalho e capacidade milagrosa de se reerguer após a guerra, bem como sua combinação de tradição e modernidade.

Os países nórdicos, com seu modelo de estado de bem-estar social e relativa igualdade social, também eram pontos de reflexão, embora eu achasse difícil aplicá-los diretamente às condições da China.

Meu objetivo era extrair o que eu considerava a essência de cada um desses modelos, combinando-os com as especificidades da China, para criar um caminho próprio. Uma espécie de "capitalismo de estado com forte orientação" ou uma "economia de mercado socialista com características chinesas", operada por um estado de direito eficiente, onde o Partido Comunista ainda manteria o papel de liderança, mas deveria operar dentro da lei e ouvir mais a voz dos especialistas e do povo.

(Ele suspira suavemente.)

Olhando para trás, meu "sonho" daquela época, embora tivesse aspectos que ainda considero progressistas, estava cheio de falhas e era um tanto ingênuo. Eu me concentrei demais na "eficiência", na "força", na "ordem" através de uma certa perspectiva, e não percebi o suficiente a importância das liberdades humanas fundamentais, especialmente a liberdade de pensamento e de crença. E talvez, essa tenha sido uma das minhas maiores falhas, um "ponto cego" que me impediu de ver os perigos latentes dentro do próprio sistema em que eu confiava e servia.

Sophia Bell:

Vâng, posso sentir a sinceridade e a ambição que o senhor tinha pelo seu país... Dos pontos que mencionou em seu "sonho", muitos parecem ter sido alcançados pela China, não é? Por exemplo, na ciência aeroespacial, na biotecnologia, nas novas energias... e, especialmente, um exemplo concreto que pessoalmente acho extremamente impressionante no desenvolvimento econômico e científico da China é a sua infraestrutura e sistema de transporte, cujo ponto mais brilhante é a rede ferroviária de alta velocidade que se estende por todo o país, conectando as grandes cidades!

Sr. Liu Siyuan:

(Ele ouve Sophia, um sorriso fraco e um tanto amargo aparece em seus lábios. Ele acena levemente, o olhar distante, como se comparasse o que Sophia diz com suas próprias experiências.)

A senhora não está errada, Sophia. Visto de fora, e com base nos números e nas imagens deslumbrantes que a mídia estatal pinta incansavelmente, é verdade que a China alcançou "conquistas" que surpreenderam o mundo. Aeroespaço, biotecnologia, novas energias... e especialmente a rede ferroviária de alta velocidade que a senhora mencionou. Eu também já senti muito orgulho quando esses planos tomaram forma, muitos dos quais eram coisas que nossa geração, os planejadores de políticas, havia sonhado e desejado.

(Ele para por um momento, a voz baixa.)

Quando os primeiros trens de alta velocidade percorreram as modernas pontes elevadas, conectando regiões, eu imaginei que esses trens não transportavam apenas passageiros, mas também prosperidade, conexão, esperança. Pensei que aquilo era a manifestação concreta de um "sonho" que se tornava realidade.

(Um leve suspiro escapa.)

Mas então, quando tive a oportunidade de olhar mais a fundo, ou melhor, quando verdades inegáveis foram

expostas diante de mim, comecei a me perguntar: qual foi o preço pago por essas "conquistas"?

Para obter essas linhas de alta velocidade, quantas terras de camponeses foram desapropriadas a preços irrisórios, ou mesmo tomadas à força? Quantas casas foram demolidas, quantas vidas foram reviradas sem uma compensação adequada? Quantas "propinas" enormes foram para os bolsos de funcionários corruptos durante a execução desses projetos bilionários? Quantas vozes de protesto, quantas queixas do povo foram silenciadas cruelmente para garantir o "progresso" e a "imagem"?

(Sua voz embarga um pouco, mas ele rapidamente se recompõe.)

É o mesmo com muitas outras "conquistas" que o mundo admira. Por trás das fábricas modernas, dos enormes parques industriais, está o meio ambiente destruído, a saúde da população ameaçada. Por trás dos números impressionantes de exportação, estão as condições de trabalho severas, o suor e as lágrimas de milhões de trabalhadores.

Naquela época, eu, como muitos outros, talvez estivesse muito embriagado com os objetivos macro, com os números impressionantes, e esqueci que por trás de cada projeto, de cada número, está o destino de pessoas concretas, com suas alegrias, tristezas e direitos legítimos.

Fomos ensinados, e talvez também nos iludimos, que o sacrifício de alguns indivíduos era necessário para o grande bem do coletivo, da nação.

(Ele olha diretamente para Sophia, o olhar cheio de remorso.)

Os "pontos brilhantes" que a senhora mencionou, sim, eles são reais. Mas são como os holofotes deslumbrantes em um grande palco, escondendo os cantos escuros nos bastidores, onde os figurantes sofrem em silêncio. E o mais triste é que, às vezes, esses próprios "pontos brilhantes" são usados como ferramentas para legitimar, para justificar aquela escuridão.

Eu acreditava que o desenvolvimento econômico e científico traria automaticamente uma sociedade melhor. Mas agora, entendo que, sem uma base moral, sem um verdadeiro respeito pela lei, sem ouvir e proteger os direitos humanos, todas as "conquistas" materiais, por mais reluzentes que sejam, são apenas uma fachada, facilmente destrutível e incapaz de trazer felicidade real ao povo.

Sophia Bell:

Sim, até o momento, a China realmente impressionou o mundo com suas estatísticas! Mas, ao mesmo tempo, a

qualidade dos produtos também fez o mundo ficar cauteloso, até mesmo com medo de se aproximar... Em seu "sonho" daquela época, o senhor mencionou esse aspecto? Se sim, o que o senhor achava que deveria ser feito para melhorar a qualidade? Sobre os processos? A aplicação de alta tecnologia? O aprimoramento das habilidades?... O senhor acha que a categoria "moralidade" está relacionada à qualidade do produto?

Sr. Liu Siyuan:

(Ao ouvir os comentários de Sophia sobre a qualidade do produto, ele acena levemente, uma expressão de preocupação clara em seu rosto. Ele entrelaça as mãos sobre a mesa.)

A senhora está absolutamente certa, Sophia. O problema da qualidade dos produtos "Made in China" é uma triste realidade, uma preocupação não apenas para os consumidores internacionais, mas também para os próprios chineses de consciência. É como uma mancha difícil de limpar, que vai contra o orgulho nacional que sempre nos foi lembrado.

(Ele fica em silêncio por um momento, como se estivesse recordando.)

No meu "sonho" daquela época, ao imaginar uma China forte economicamente e tecnologicamente, eu também

pensei que o país deveria criar produtos de qualidade, com reputação no mercado internacional. Eu não imaginava uma superpotência dependendo apenas de mão de obra barata e produtos de baixa qualidade para competir. Eu pensava em transformar "made in China" (fabricado na China) em "created in China" (criado na China), e mais além, em "trusted in China" (confiável pela China).

Para melhorar a qualidade, eu também imaginei as soluções que a senhora acabou de mencionar:

Sobre os processos: Certamente deveria haver padrões nacionais rigorosos, próximos aos padrões internacionais, e um sistema de supervisão e inspeção de qualidade independente e transparente.

Sobre a aplicação de alta tecnologia: Acreditava que investir em pesquisa e desenvolvimento, aplicando tecnologia avançada na produção, era o caminho inevitável para aumentar a qualidade e a produtividade.

Sobre o aprimoramento das habilidades: A educação e a formação profissional deveriam ser priorizadas, para que os trabalhadores tivessem não apenas as habilidades, mas também a consciência da qualidade do produto que estavam fazendo.

(Ele para, olhando diretamente para Sophia, a voz se torna mais séria.)

Mas, Sra. Sophia, todas essas soluções técnicas, embora necessárias, são apenas a ponta do iceberg. A raiz do problema, na minha opinião, reside em uma categoria que a senhora acabou de mencionar, uma categoria cuja importância talvez eu não tenha percebido completamente na época neste campo: a moralidade.

(Ele enfatiza a palavra "moralidade".)

Por que existem produtos como leite contaminado com melamina, alimentos sujos, medicamentos falsos, brinquedos tóxicos...? É porque nos falta tecnologia, nos faltam processos? Sim, mas essa não é a razão principal. A razão principal é a decadência da moral nos negócios, a ganância sem fundo de algumas pessoas, dispostas a ignorar a saúde, e até a vida, de seus semelhantes para obter lucro.

Quando uma sociedade coloca o dinheiro acima de tudo, quando o objetivo do lucro cega as pessoas, quando os belos valores morais tradicionais são menosprezados, até ridicularizados, como se pode esperar que produtos de qualidade e seguros sejam produzidos de forma sustentável?

Quando o sistema legal não é rigoroso o suficiente para punir os fraudulentos, quando a corrupção é tão difundida que "acordos por baixo do pano" para enganar as agências de inspeção se tornam comuns, como os

processos e os padrões podem ser implementados seriamente?

Quando os trabalhadores são explorados, desrespeitados, vistos apenas como ferramentas de produção, como eles podem ter dedicação e orgulho para criar bons produtos?

(Sua voz carrega um tom amargo.)

Naquela época, talvez eu tenha confiado demais no poder dos "mecanismos", das "políticas", da "tecnologia". Eu não vi, ou deliberadamente ignorei, que sem uma base moral sólida para toda a sociedade – desde os líderes, os gerentes, até os produtores e os trabalhadores – todos os esforços para melhorar a qualidade são como construir uma casa na areia.

A decadência moral, na minha opinião, é uma das doenças mais graves, a fonte de muitos problemas que a China enfrenta, não apenas em relação à qualidade do produto. E para curar essa doença, não se pode depender apenas de ordens administrativas ou slogans vazios. Requer um despertar da consciência, uma restauração dos valores humanos fundamentais.

Isso é algo que, naquela época, em meu "sonho", eu não vi completamente, ou não ousei encarar de frente, senhora.

Sophia Bell:

Sim, aquele "sonho" era de fato um sonho, que rapidamente se desfez em fumaça quando "despertamos"... Então, o senhor poderia compartilhar com os leitores como despertou? O que o fez despertar? Está ligado à sua triste história?

Sr. Liu Siyuan:

(Ao ouvir a pergunta de Sophia, ele fecha os olhos por um momento. Quando os abre, há uma dor profunda neles, mas também uma estranha serenidade. Ele solta um suspiro lento.)

"O sonho... se desfaz em fumaça quando despertamos..."

(Ele repete, a voz grave e rouca.)

A senhora está certa, Sophia. Dolorosamente certa. Era realmente um sonho, um sonho no qual eu estive imerso por tempo demais. E ao acordar, a realidade que se apresentou diante de mim era tão nua e cruel que... nenhuma palavra pode descrever completamente.

(Ele fica em silêncio por um momento, olhando para suas mãos, os dedos tremendo levemente.)

Meu "despertar" não foi um momento súbito, como acender um interruptor. Foi um processo, lento, doloroso, com pequenas rachaduras iniciais que gradualmente se espalharam, até que todo o castelo de ilusões que eu havia construído em minha mente desmoronou completamente.

Enquanto estava na engrenagem, ocasionalmente eu via coisas erradas, injustiças, palavras que não correspondiam a ações. Mas na época, eu costumava me justificar, me tranquilizar dizendo que eram apenas "maçãs podres no cesto", problemas localizados em um grande sistema em funcionamento. Eu tentei acreditar que os grandes objetivos que perseguíamos justificariam as pequenas falhas. Ou talvez, eu estivesse muito focado nos planos, nos números no papel, e não tive coragem ou sensibilidade suficientes para encarar a dor das pessoas de carne e osso.

(Sua voz começa a tremer um pouco, ele pigarreia suavemente.)

Mas o verdadeiro "despertar", o choque final que derrubou tudo, exatamente como a senhora percebeu... está ligado à minha filha, Anran.

(Ele para, os olhos marejados. Ele levanta a mão para enxugá-los rapidamente, depois tenta manter a voz calma.)

Quando minha filha, uma estudante de elite, uma alma pura, apenas por sua fé no Falun Gong, uma prática de cultivo pacífica e voltada para o bem, foi presa, detida... foi quando as rachaduras em mim começaram a crescer. Tentei usar os contatos, a pouca influência que me restava depois de ter perdido poder na política devido a disputas internas, para descobrir, para intervir. Mas foi tudo em vão. Só recebi silêncio, evasivas ou promessas vazias.

Eu vi a frieza, a insensibilidade de uma máquina que se dizia ser "do povo, pelo povo e para o povo". Vi as mentiras tecidas com sofisticação para encobrir a verdade. Vi antigos colegas, pessoas que me cumprimentavam com entusiasmo, virarem as costas como se eu fosse um leproso.

(A dor em sua voz se torna cada vez mais evidente.)

E então... quando recebi a terrível notícia sobre Anran... a notícia de que ela havia sido... submetida à extração forçada de órgãos enquanto ainda estava viva...

(Ele não consegue continuar, a voz falha. Ele abaixa a cabeça, os ombros tremendo.)

(Depois de um longo momento, ele levanta a cabeça, os olhos vermelhos, mas o olhar tem uma firmeza assustadora.)

Naquele momento, Sra. Sophia, não foi mais um "despertar". Foi uma destruição completa. Todos os ideais, toda a fé na chamada "justiça", na "retidão" do sistema que eu havia servido, viraram pó. Eu vi claramente a natureza perversa, desumana e extremamente enganadora dele. Não eram apenas "maçons podres", era o cesto inteiro que estava envenenado desde a raiz.

O "Sonho Chinês" que eu um dia acalentei, agora se revelava como uma farsa trágica, um castelo de cartas pintado com o sangue e as lágrimas de pessoas inocentes como minha filha.

Doloroso, sim, doloroso ao extremo. Mas foi nessa dor extrema que eu realmente "acordei". Acordei para ver que eu estava errado, que fui cego, que inadvertidamente ajudei uma máquina desumana. E acordei para entender que o silêncio diante do mal é cumplicidade com o mal.

É por isso que estou aqui hoje, senhora. Mesmo que tardiamente, eu preciso contar a verdade. Por Anran, e por milhões de outras Anrans que estão sofrendo em silêncio.

Sophia Bell:

Sim, antes de encontrá-lo, eu também ouvi sobre o caso da sua filha e, como jornalista independente, ouvi sobre muitos outros casos dolorosos semelhantes... O crime da

extração forçada de órgãos de "prisioneiros políticos" e "prisioneiros de consciência" é terrivelmente doloroso... Ele demonstra a maldade suprema de um regime tirânico...

Eu entendo que a dor de perder um filho em tal situação é indescritível... Certamente agora, que o senhor despertou, deve ter muitos arrependimentos, coisas que gostaria de poder refazer...

Mas quando o senhor ainda estava no cargo, como um político especialista em ideologia, qual era sua visão sobre a religião em geral e o Falun Gong em particular?

Sr. Liu Siyuan:

(Ao ouvir as palavras de Sophia, ele acena levemente, o olhar distante, pesado de tristeza. Quando Sophia menciona "prisioneiros políticos", "prisioneiros de consciência" e o crime da extração forçada de órgãos, uma indignação e dor visíveis cruzam seu rosto, mas ele rapidamente as reprime.)

Sim, Sra. Sophia... "Maldade suprema", a senhora não errou ao usar essas palavras. Quando esse crime acontece com a pessoa que você mais ama, a verdade se revela nua e mais terrível do que qualquer palavra pode descrever.

(Ele respira fundo, tentando manter a voz calma.)

A dor de perder Anran... sim, ela me seguirá pelo resto da vida. E como a senhora disse, há tantas coisas das quais me arrependo, tantas coisas que eu gostaria de poder refazer, redizer, repensar... Se eu tivesse percebido antes, se não tivesse acreditado tanto no que me foi ensinado, se eu tivesse ouvido mais a minha filha... Talvez...

(Sua voz falha um pouco.)

Mas o passado não pode ser mudado. A única coisa que posso fazer agora é encará-lo e tentar fazer o que é certo no resto da minha vida.

(Ele para, organizando as memórias de um tempo distante, um tempo em que sua percepção era muito diferente.)

Quando a senhora pergunta sobre minha visão da religião e do Falun Gong quando eu estava no cargo, como alguém que trabalhava com "ideologia"... para ser honesto, foi uma fase em que eu, como muitos dos meus colegas, era fortemente dominado por preconceitos e propaganda unilateral.

Em relação à religião em geral, fui educado e eu mesmo acreditava que era um produto de um certo período

histórico, o "ópio do povo", como disse Marx. Eu via a religião como algo do passado, que poderia ter certos valores culturais e morais, mas que era fundamentalmente inadequada para uma sociedade moderna, científica e materialista. Acreditava que, à medida que o padrão de vida material do povo melhorasse e o nível de educação aumentasse, a influência da religião diminuiria naturalmente. Nos planos e projetos de desenvolvimento nos quais participei, a religião era frequentemente vista como um fator a ser "gerenciado", "orientado" para não atrapalhar o desenvolvimento geral, e raramente era vista como uma necessidade espiritual legítima das pessoas ou um recurso positivo para a sociedade.

Quanto ao Falun Gong, quando a perseguição começou em 1999...

(Ele hesita, uma expressão de desconforto em seu rosto.)

Naquela época, eu estava no auge da minha carreira de pesquisador, preparando-me para entrar na política. As informações às quais eu tinha acesso, assim como muitas outras pessoas no sistema, vinham principalmente dos canais de mídia estatais. Os noticiários, os artigos, os materiais de propaganda, todos descreviam o Falun Gong como um "culto maligno", uma organização política reacionária disfarçada de qigong, que ameaçava a estabilidade social e a saúde das pessoas.

Para ser sincero, na época eu não investiguei a fundo. Estava ocupado com meus projetos, meus grandes planos. Eu aceitei tacitamente aquelas informações como uma verdade que não precisava de verificação. Eu também tinha o preconceito inerente de um materialista, que via aqueles que buscavam o cultivo espiritual e acreditavam em Deuses e Budas como "supersticiosos", "atrasados". Pensei que, se o Falun Gong fosse realmente bom, por que o governo o reprimiria com tanta força? Devia haver uma razão para isso.

(Sua voz carrega um tom de remorso.)

Quando me tornei uma autoridade provincial, apesar de ter uma certa posição, as informações que recebia sobre a perseguição ainda eram unilaterais. Eram diretrizes do Comitê Central exigindo "fortalecer a luta", "lidar com firmeza", ou relatórios de subordinados sobre "conquistas" na "transformação" de praticantes do Falun Gong. Eu nunca tive a oportunidade, ou talvez nunca busquei ativamente a oportunidade, de entrar em contato com os praticantes, de ouvir a voz do lado deles.

Minha visão na época, se é que eu tinha uma, era apenas de indiferença, uma aceitação implícita de que "se o governo está fazendo isso, deve haver uma razão". Talvez, às vezes, eu sentisse que as medidas eram um pouco duras demais, desnecessárias, mas depois dizia a mim mesmo que isso era "assunto dos órgãos

especializados". Eu não vi, ou não quis ver, a essência do problema: era uma perseguição brutal contra cidadãos de bem apenas por terem uma crença espiritual diferente.

(Ele suspira, um profundo arrependimento evidente em seus olhos.)

Foi uma cegueira, uma insensibilidade indesculpável, Sra. Sophia. E eu paguei um preço muito alto por essa minha cegueira. Somente quando a tragédia atingiu minha própria família, com Anran, foi que percebi, chocado, o quão errado eu estava, o quão enganado e autoenganado eu havia sido.

Sophia Bell:

O senhor quer dizer que as informações que recebia sobre a perseguição ao Falun Gong eram todas unilaterais e que, mesmo sendo uma autoridade de alto escalão, o senhor não conhecia a situação real? É possível que o senhor nunca tenha ouvido falar do crime da extração forçada de órgãos enquanto estava no cargo?

Sr. Liu Siyuan:

(Ao ouvir a pergunta de Sophia, ele acena lentamente, o olhar baixo, escondendo uma amargura e vergonha.)

Sim, Sra. Sophia. Exatamente como a senhora disse. Parece difícil de acreditar, não é? Alguém na minha posição, alguém que supostamente tinha acesso a muitas fontes de informação, podia ser tão ignorante sobre um evento tão grande, uma tragédia que se desenrolava em seu próprio país.

(Ele levanta o rosto, olhando diretamente para Sophia, a voz com um tom amargo.)

"Informação unilateral"... é uma forma branda de dizer. A realidade é que vivíamos em uma bolha de informação rigidamente controlada. O que líamos nos jornais, víamos na televisão, ouvíamos nas reuniões... tudo era filtrado, direcionado por uma certa agenda. Os relatórios vindos dos subordinados eram frequentemente apenas números "bonitos", conquistas enfeitadas para agradar aos superiores ou para esconder problemas espinhosos.

Mesmo internamente, a discussão sobre questões "sensíveis" como o Falun Gong era muito limitada. As pessoas geralmente evitavam o assunto ou apenas repetiam a retórica oficial. Quem ousasse questionar, quem ousasse expressar dúvida, poderia trazer problemas para si mesmo, ser considerado como tendo "problemas ideológicos", "uma posição instável". O medo, embora não expresso, se infiltrava em todos os cantos.

Não estou me desculpando pela minha ignorância. Eu deveria ter buscado informações ativamente, deveria ter sido mais responsável. Mas na época, eu estava envolvido na roda viva do trabalho, das ambições pessoais e, talvez, houvesse também uma certa presunção de que eu já sabia o suficiente, que entendia as coisas corretamente.

Quanto ao crime da extração forçada de órgãos...

(Sua voz baixa drasticamente, uma repulsa e horror visíveis em seus olhos.)

Senhora, enquanto eu estava no cargo, eu nunca, nem uma vez, ouvi falar sobre isso de qualquer canal oficial, ou mesmo em sussurros internos.

(Ele enfatiza cada palavra.)

Talvez fosse mantido em segredo em um nível ainda mais alto, ou limitado a certos departamentos especiais. Ou talvez, aqueles que sabiam não ousavam dizer uma palavra devido à natureza horrenda do crime. Eu não sei.

A primeira vez que ouvi sobre esse crime foi depois que perdi todos os meus cargos, depois que minha filha foi presa. Alguns praticantes do Falun Gong me procuraram, eles compartilharam comigo o que sabiam, as evidências que haviam coletado. No início, para ser sincero, eu não

acreditei. Eu não podia acreditar que um governo, por mais ditatorial que fosse, pudesse cometer um ato tão bárbaro, tão desumano. Pensei que fossem acusações exageradas, produto do ressentimento. Eu ainda tinha alguma frágil ilusão sobre os "limites" do mal.

(A dor reaparece em seu rosto.)

Somente quando... somente quando aquela tragédia inimaginável aconteceu com a minha própria Anran... somente quando um antigo subordinado, com toda a sua coragem e a compaixão que lhe restava, me informou secretamente a verdade sobre a morte dela... foi que eu desmoronei completamente. Todas as ilusões, por menores que fossem, se dissiparam.

Era uma verdade terrível demais, muito além de qualquer coisa que eu pudesse imaginar quando era uma "autoridade ideológica". E isso também me mostrou que o sistema que eu servia não apenas controlava a informação, mas também tinha a capacidade de encobrir os crimes mais horríveis com uma densa cortina de mentiras.

(Ele se cala, a indignação e o sofrimento parecem impedi-lo de dizer mais.)

Sophia Bell:

Sim, soa como uma tragicomédia... Peço desculpas se minhas palavras são um pouco duras... mas certamente, depois que o senhor despertou e olhou para sua vida, deve ter percebido os elementos tragicômicos nela...

Sr. Liu Siyuan:

(Ao ouvir o comentário de Sophia, ele não mostra nenhum sinal de ofensa ou desconforto. Em vez disso, um sorriso triste, quase um esgar amargo, aparece em seus lábios. Ele acena levemente.)

"Uma tragicomédia..."

(Ele repete, a voz grave e reflexiva.)

Não, Sra. Sophia, suas palavras não são duras. Pelo contrário, são muito precisas. Quando eu "despertei", como a senhora disse, e olhei para trás, para toda a minha vida até aquele momento, também a vi como nada menos que uma peça de teatro. Uma peça na qual eu era ator, plateia e, talvez, um dos que ajudaram a escrever o roteiro tragicômico sem saber.

(Ele para, o olhar perdido, como se revisse cada cena de sua vida.)

A parte "cômica", talvez, fosse a minha ingenuidade, a minha ilusão. Um jovem do interior, com grandes sonhos de construir o país, debruçado sobre os livros, acreditando em teorias elevadas, em belas promessas. Depois, um intelectual, uma autoridade, pensando que detinha a verdade, que estava planejando o futuro de uma nação inteira, embriagado com planos, números, discursos eloquentes. Considerava-se um iluminado, um guia, sem saber que era apenas um fantoche sendo manipulado, ou pior, um cego guiando outros cegos para a escuridão.

A "comicidade" se torna amarga quando percebo que as coisas que eu considerava nobres, ideais, podiam, na verdade, ser exploradas, distorcidas para servir a propósitos sombrios. Meus escritos apaixonados, talvez, tenham sido apenas tijolos que ajudaram a construir o castelo de mentiras que mais tarde esmagou minha própria família.

(Sua voz baixa, a parte "trágica" começa a se manifestar.)

E a parte "trágica"... é o preço pago por essa ilusão, por essa cegueira. É a ruína da família, a morte injusta de Anran. É o colapso de todas as crenças, de todos os valores que eu um dia persegui. É a tardia percepção da verdade, quando nada mais podia ser salvo.

A tragédia está no fato de que eu, alguém supostamente encarregado do trabalho "ideológico", tinha um pensamento tão vazio e equivocado sobre as questões fundamentais do ser humano, da sociedade. Eu, um pai, não pude proteger minha única filha das garras do mal do qual eu mesmo, mesmo que inadvertidamente, fiz parte.

A tragédia está no fato de que, quando tentei buscar justiça para minha filha, percebi que a "justiça" naquele sistema era apenas um luxo, outra farsa.

(Ele suspira, um profundo cansaço visível em seu rosto.)

A senhora está certa, é uma tragicomédia. E eu sou um personagem nela, um personagem que talvez tenha feito muitos rirem de sua ingenuidade, e também feito muitos chorarem por sua dor. Quando a cortina de veludo do palco da minha vida se fechou em um capítulo antigo, e um novo se abriu aqui, nesta terra de liberdade, eu olho para trás e só sinto amargura, arrependimento.

Mas talvez, mesmo em uma tragicomédia, se possam tirar lições, não é, senhora? Lições sobre a verdade, sobre a consciência e sobre o preço do silêncio diante do mal. É o que estou tentando fazer, para que, pelo menos, o resto da minha vida não seja mais uma piada do destino.

Sophia Bell:

Sim, o passado já se foi e não pode ser mudado... Mas supondo, e eu enfatizo a palavra "supondo", que lhe fosse dada a chance de voltar ao passado, uns dois ou três anos atrás, e lhe fosse permitido mudar uma coisa, o que o senhor faria? Para sua filha, para sua esposa... o que faria para ajudá-las? Não conheço bem o contexto da sua família; se não for muito delicado e privado, o senhor poderia compartilhar um pouco?

Sr. Liu Siyuan:

(Ao ouvir a pergunta de Sophia, ele fica em silêncio por um longo momento, o olhar baixo, imerso em profunda reflexão. Sua mão se fecha levemente. Esta é uma pergunta que toca os cantos mais íntimos e dolorosos de seu coração.)

"Se eu pudesse voltar ao passado... e mudar uma coisa..."

(Ele repete, a voz quase um sussurro, e então solta um longo e pesado suspiro.)

Essa é uma pergunta que já me fiz inúmeras vezes, Sra. Sophia. Nas longas noites de insônia, nos momentos de solidão, as imagens do passado retornam, e a pergunta "e se" atormenta minha mente.

(Ele levanta a cabeça, o olhar um tanto vago, como se estivesse realmente olhando para uma memória distante.)

Se... se eu pudesse voltar uns dois, três anos... quando Anran ainda estava aqui, quando as coisas ainda não tinham chegado ao pior...

(Sua voz treme um pouco.)

Eu não hesitaria por um segundo.

A única coisa que eu gostaria de mudar não seria a carreira, nem o status, mas a minha atitude e minhas ações em relação à minha filha, em relação à fé dela.

Eu... eu me sentaria e realmente ouviria Anran. Ouviria ela falar sobre o Falun Gong, sobre as coisas boas que ela sentia, sobre os valores de Verdade, Compaixão e Tolerância que ela seguia. Eu não descartaria, não a aconselharia de forma impositiva a desistir por "me preocupar com o futuro dela", por "medo de afetar a família". Eu deixaria de lado todos os preconceitos, os medos irracionais de alguém que foi doutrinado pelo sistema por tempo demais.

Eu pesquisaria junto com ela. Eu leria o livro "*Zhuan Falun*", que mais tarde, tarde demais, tive a oportunidade de ler. Eu tentaria entender por que uma prática de cultivo tão pacífica assustava tanto o governo.

E o mais importante, eu ficaria do lado dela. Eu usaria tudo o que tinha, não para forçá-la a abandonar sua fé, mas para protegê-la, para proteger seu legítimo direito à liberdade de crença. Mesmo que tivesse que enfrentar qualquer coisa, mesmo que tivesse que desistir de tudo o que construí. Porque nada é mais precioso do que a segurança e a felicidade de um filho.

(Lágrimas rolam silenciosamente por suas bochechas. Ele não as enxuga imediatamente.)

Quanto à minha esposa...

(Sua voz baixa, outra tristeza, mais suave, mas não menos profunda, retorna.)

Minha esposa, o nome dela era Shuqian. Uma mulher gentil, uma dedicada professora do ensino fundamental. Ela faleceu há mais de dez anos, de câncer, quando Anran tinha apenas onze anos.

(Ele sorri tristemente.)

Se eu pudesse voltar a quando ela estava viva... talvez o que eu gostaria de fazer seria passar mais tempo com ela, ouvi-la mais, compartilhar mais com ela. Naquela época, eu estava muito absorvido na minha carreira, nos meus "grandes ideais", e muitas vezes negligenciei as coisas simples e mais próximas. Shuqian tinha uma alma muito

pura, uma intuição muito boa. Talvez, se eu tivesse me aberto mais com ela, ela poderia ter me dado conselhos sábios, me ajudado a ver as coisas de uma forma mais equilibrada.

Depois que ela faleceu, tentei compensar todo o meu amor em Anran. Ela era tudo o que eu tinha. É por isso que a dor de perdê-la se tornou ainda mais insuportável.

(Ele olha para Sophia, o olhar sincero.)

Sobre o contexto familiar... não há nada de muito especial ou complicado, senhora. Éramos uma pequena família normal, que se amava. Meus pais moram no campo, são camponeses simples. Sou filho único. Depois que Shuqian faleceu, ficamos apenas eu e minha filha, um apoiando o outro. Anran sempre foi muito compreensiva, obediente. Ela era uma ótima aluna, foi aprovada em uma prestigiosa universidade na capital. Era meu maior orgulho.

Mas foi a distância geográfica, e talvez a diferença de percepção na época, que me impediu de entender e proteger minha filha a tempo quando a tempestade chegou.

(Ele suspira, um arrependimento que não cessa.)

Se ao menos... se ao menos eu pudesse refazer. Mas a vida não tem "se", não é, senhora? Só podemos tentar

viver melhor com o que nos resta, e esperar que nossos erros sirvam de lição para os outros.

Sophia Bell:

Então, quando o senhor soube que sua filha praticava o Falun Gong, o senhor sente que perdeu a oportunidade de compreendê-la a tempo e não tinha um plano concreto para ajudá-la?

O senhor acredita que, se não fosse uma autoridade do governo, se não tivesse adversários políticos, talvez sua filha não tivesse caído em tal tragédia? Quero dizer, parece que sua filha foi, de certa forma, vítima de uma luta pelo poder que o senhor não percebeu antes?

Sr. Liu Siyuan:

(Ao ouvir cada palavra de Sophia, seu rosto se contrai, as rugas se aprofundam. Ele acena lentamente, uma admissão amarga.)

Sim, Sra. Sophia. Quando Anran me contou pela primeira vez que praticava o Falun Gong, minha reação na época... pensando agora, sinto uma vergonha e um arrependimento imensos. Eu não ouvi com o coração aberto, mas com o medo de uma autoridade, com preconceitos que já estavam profundamente enraizados

em meu subconsciente. Eu me preocupei com o "futuro" dela, temi que isso "afetasse" minha carreira, temi coisas vagas que a propaganda do sistema havia semeado.

Em vez de pesquisar, de tentar entender por que uma garota inteligente e informada como Anran escolheria esse caminho, eu me apressei em aconselhá-la a parar, até mesmo de forma um tanto impositiva, embora tentasse parecer gentil. Perdi a oportunidade de ouro de caminhar ao lado da minha filha, de entendê-la. Esse é um dos meus maiores arrependimentos. Naquela época, eu não tinha um "plano concreto" para ajudá-la da maneira que ela precisava, porque eu mesmo não entendia do que ela precisava, não entendia a natureza do problema. Eu só pensava em como mantê-la "segura" da minha perspectiva limitada, ou seja, fazendo-a abandonar o Falun Gong.

(Ele para, respira fundo. A segunda pergunta de Sophia toca em outro aspecto, uma verdade cruel que ele também teve que enfrentar.)

Quanto a saber se minha filha foi vítima da luta pelo poder na qual eu estava envolvido...

(Sua voz baixa, uma angústia contida evidente.)

Isso é algo que, mais tarde, quando tudo veio à tona, quando um antigo subordinado arriscou tudo para me contar os detalhes, eu dolorosamente percebi.

Como a senhora disse, talvez Anran, de certa forma, tenha se tornado um peão, um ponto fraco que meus adversários políticos usaram para dar o golpe final. Quando souberam que eu estava sendo "preparado" para um cargo mais alto, eles procuraram freneticamente uma maneira de me derrubar. E o fato de Anran praticar o Falun Gong, no contexto da perseguição feroz que estava ocorrendo, tornou-se o pretexto perfeito.

Eles deliberadamente ampliaram o caso, relataram aos superiores, criaram pressão. A prisão rápida e drástica de Anran, e depois minha expulsão do Partido e a perda de todos os meus cargos em um curto período, tudo fazia parte de um plano cuidadosamente calculado. O objetivo deles era me eliminar da cena política, e eles conseguiram.

(Ele aperta o punho, a indignação e a impotência claras em seu olhar.)

Naquela época, eu estava muito focado no meu trabalho profissional, nos meus "ideais", e não fui perspicaz o suficiente, não estava alerta o suficiente para as conspirações e artimanhas do mundo oficial. Não percebi que minha ascensão, minha "neutralidade política", era

um espinho no olho de muitas pessoas. Fui ingênuo demais ao pensar que, se eu apenas trabalhasse bem e me dedicasse de coração, seria reconhecido.

E Anran... minha filha inocente... teve que pagar o preço pela falta de perspicácia política, pela ingenuidade de seu pai. Se eu não fosse uma "autoridade", se não estivesse na "mira" daquelas pessoas, talvez... talvez Anran não tivesse chamado tanta atenção, não teria se tornado um alvo de forma tão rápida e cruel. Embora a perseguição ao Falun Gong fosse uma realidade, e qualquer praticante estivesse em perigo, o caso dela foi claramente acelerado, agravado pelo fator político que visava a mim.

(Ele suspira, uma dor infinita.)

Essa é uma verdade amarga, um fardo de culpa que terei que carregar pelo resto da vida. Eu não apenas falhei em proteger minha filha da maldade do regime, mas também a empurrei, sem querer, para o redemoinho de uma sórdida luta pelo poder.

É verdade que não percebi antes, Sra. Sophia. E quando percebi, já era tarde demais.

Sophia Bell:

Sim, conheço a situação da perseguição ao Falun Gong nos últimos 20 anos, mas, pelo que observei, nem 100% dos praticantes são presos pela polícia, embora quase 100% deles sejam monitorados. Parece que eles visam apenas a certos casos específicos, como praticantes que desempenham papéis importantes, ou aqueles que consideram "teimosos", ou outros casos especiais como o da sua filha...

Sr. Liu Siyuan:

(Ao ouvir a análise de Sophia, ele acena lentamente, o rosto pensativo.)

A senhora tem razão, Sophia. Sua observação está muito próxima da realidade que, mais tarde, tive a oportunidade de investigar e perceber. A perseguição ao Falun Gong, embora abrangente e brutal, tem seus métodos de implementação com certas "táticas" e "pontos focais".

É verdade que nem 100% dos praticantes são presos imediatamente. Mas, como a senhora disse, quase 100% deles estão sob vigilância, controle e assédio em vários níveis. Desde visitas frequentes da polícia local, pressão no local de trabalho, restrições de viagem, até o confisco de livros e materiais, e ameaças a familiares... É uma

atmosfera de tensão e sufocamento em que eles têm que viver diariamente.

Quanto às prisões, é verdade que eles geralmente visam "casos-chave", como a senhora analisou:

Primeiro, aqueles que desempenham papéis importantes: São as pessoas que eles consideram "coordenadores", "responsáveis" por grupos locais de praticantes. Ao prendê-los, eles visam dismantelar os grupos de prática, cortar a comunicação e causar pânico entre os restantes.

Segundo, os "teimosos": São os praticantes que se mantêm firmes em sua fé, que se recusam a ser "transformados" (ou seja, a renunciar à prática, escrever declarações de arrependimento e até mesmo caluniar o Falun Gong) apesar de serem torturados, aliciados ou ameaçados. Eles são considerados "elementos obstinados" que precisam ser punidos severamente para servir de exemplo. Muitos deles recebem sentenças de prisão muito longas ou são enviados para campos de trabalho forçado e centros de "lavagem cerebral" por longos períodos.

Terceiro, aqueles que ousam falar, que ousam expor a verdade: São os praticantes corajosos que coletam evidências da perseguição, de atos de tortura e maus-tratos, e tentam enviá-las para o exterior ou divulgá-las

no país. São as pessoas que o regime odeia especialmente e tenta silenciar a todo custo.

E quarto, outros "casos especiais": Como o caso de Anran, minha filha. Ela não era uma "coordenadora" ou alguém com um papel muito proeminente na comunidade de praticantes. Mas ela era filha de uma autoridade que estava "na mira". A prisão de Anran serviu a múltiplos propósitos: intimidar outros praticantes, ser um golpe direto em mim e ser uma "conquista" para aqueles que queriam agradar aos superiores.

(Ele suspira, uma amargura evidente.)

Eles têm um aparato de vigilância e monitoramento enorme e sofisticado. Eles fazem listas, classificam os praticantes. Eles têm "metas" a cumprir na "transformação" ou prisão. Às vezes, as prisões também são aleatórias, ou para "cumprir a meta", ou durante "campanhas" de pico.

Em um sistema onde a lei é apenas uma ferramenta, sem supervisão independente, a arbitrariedade e a brutalidade podem acontecer a qualquer momento, com qualquer um que eles considerem "problemático".

Minha filha, Anran, provavelmente caiu nesse "caso especial". Uma estudante de elite, filha de uma autoridade (embora já em declínio parcial), e firme em

sua fé. Ela se tornou um alvo "perfeito" demais para aqueles que queriam mérito e para aqueles que queriam me derrubar.

(Ele fica em silêncio por um momento, olhando pela janela, o olhar distante e dolorido.)

É uma luta desigual, Sra. Sophia. De um lado, todo um aparato estatal gigantesco, com polícia, agentes secretos, prisões, mídia... e do outro, apenas cidadãos comuns, de mãos vazias, com nada além de sua fé em Verdade, Compaixão e Tolerância. E nessa luta, pessoas como Anran se tornaram vítimas.

Sophia Bell:

Ainda não entendi bem o que o senhor quis dizer. Se, na situação hipotética em que o senhor entendesse melhor sua filha, a apoiasse em sua prática, e até mesmo praticasse junto com ela... o que o senhor faria para proteger sua filha e a si mesmo? Ou, se o senhor tivesse mais "experiência política" ou "perspicácia política" e pudesse ver a verdadeira face de seus adversários políticos, conhecendo seus planos de antemão, o que faria? Negociaria com eles, ou até mesmo se retiraria proativamente da cena política? Ou alguma outra solução clara?

Sr. Liu Siyuan:

(Ao ouvir as perguntas hipotéticas de Sophia, ele fica pensativo por um longo momento. São coisas sobre as quais ele também refletiu e se atormentou muito. Ele entrelaça os dedos, olha para baixo e, lentamente, levanta a cabeça.)

A senhora faz perguntas muito profundas, Sophia, perguntas que tocam as "encruzilhadas" que minha vida não tomou, ou não pôde tomar. É muito difícil dizer com certeza o que eu faria nessas situações hipotéticas, pois a realidade é sempre muito mais complexa. Mas, com base no que vivi e percebi mais tarde, posso compartilhar meus pensamentos.

Se eu entendesse melhor minha filha, a apoiasse na prática, e até praticasse com ela...

(Um sorriso triste passa por seus lábios.)

Este é um "se" belo, mas também cheio de desafios.

Primeiro, no aspecto espiritual: Acredito que, se pai e filha compartilhassem a mesma fé, caminhassem juntos no mesmo caminho de cultivo, nosso vínculo se aprofundaria ainda mais. Poderíamos compartilhar, encorajar um ao outro, enfrentar as dificuldades juntos. Seria uma fonte imensa de força espiritual. Anran não se

sentiria sozinha, e eu encontraria a paz e o verdadeiro sentido da vida mais cedo.

Quanto à proteção: Esta é a parte mais difícil.

Primeiro, eu seria mais cauteloso: Se já entendesse a natureza da perseguição, seríamos mais cuidadosos em todas as nossas ações. Talvez não praticássemos abertamente em lugares fáceis de serem notados, guardaríamos os livros e materiais com mais cuidado, limitaríamos o contato com pessoas não confiáveis.

Segundo, eu buscaria ajuda legal (embora frágil): Mesmo sabendo que a lei na China é apenas uma ferramenta, com preparação prévia, poderíamos procurar advogados de direitos humanos corajosos (embora poucos e eles também enfrentem inúmeros perigos) para obter aconselhamento, caso o pior acontecesse.

Terceiro, eu me prepararia para o pior cenário: Talvez tivéssemos que pensar em encontrar uma maneira de deixar o país mais cedo, antes que fosse tarde demais. Esta é uma decisão extremamente difícil, pois deixar a pátria nunca é fácil. Mas se a segurança e a liberdade de crença fossem a prioridade, essa poderia ser uma escolha obrigatória.

Quarto, eu exporia a verdade: Se houvesse oportunidade e preparação, coletar secretamente evidências da

perseguição, das violações de direitos humanos, e encontrar uma maneira de trazê-las à luz internacional também seria uma forma de autoproteção, embora muito arriscada. Porque quando o assunto se torna conhecido internacionalmente, o regime pode ter que ser um pouco mais contido.

Se eu tivesse mais "perspicácia política", visse os planos dos meus adversários...

Esta é outra situação, mais focada no aspecto da luta pelo poder.

Retirar-me proativamente da cena política: Esta é uma possibilidade muito grande. Se eu percebesse que era apenas um peão, que minha "integridade" e "neutralidade" se tornaram pontos fracos, и que essas lutas poderiam colocar minha família em perigo, eu provavelmente escolheria me retirar mais cedo. Poderia pedir uma transferência para um cargo menos importante, ou até mesmo abandonar a carreira política para voltar ao trabalho puramente acadêmico e de ensino. A segurança da minha família, especialmente de Anran, seria a prioridade máxima.

negociar? Esta é uma escolha difícil e não tenho certeza se conseguiria, especialmente se a negociação fosse contra meus princípios morais. Mas se uma "negociação" em certo nível (por exemplo, não ser muito proeminente, não disputar poder com eles) pudesse garantir a paz

para mim e minha família, talvez eu tivesse que considerar, embora contra a minha vontade. No entanto, com a natureza daquelas pessoas, seria difícil acreditar em qualquer "negociação" a longo prazo.

Procurar aliados (se possível): Na política, nem todos são maus. Se fosse possível encontrar pessoas com ideias semelhantes, que também estivessem insatisfeitas com a situação atual, a união poderia criar uma certa força de contrapeso, embora muito difícil e perigoso. Mas este é um caminho muito arriscado.

Preparar uma rota de fuga: Paralelamente a qualquer ação, preparar um "plano B" – ou seja, encontrar uma maneira de deixar o país se a situação se tornasse perigosa demais – também seria essencial. A perspicácia política não é apenas para lidar com a situação, mas também para saber quando é preciso "fugir" para preservar a vida e valores mais importantes.

(Ele suspira.)

Falar é fácil, Sra. Sophia. Na situação real, com inúmeras pressões, informações confusas e vínculos complexos, tomar a decisão certa é extremamente difícil.

Mas de uma coisa tenho certeza: se eu pudesse refazer, colocaria a segurança e a felicidade de Anran, sua liberdade de crença, acima de todas as ambições de

carreira ou dos "ideais" vazios que um dia persegui. Talvez essa seja a "perspicácia" mais importante que um pai, um ser humano, precisa ter.

E talvez, se eu tivesse feito isso, embora a vida pudesse ser diferente, sem "status", sem "poder", pelo menos eu não estaria vivendo com o remorso e o arrependimento incessantes que sinto agora.

Sophia Bell:

Sim, eu também sinto que, naquela situação real, seria muito difícil encontrar uma solução que agradasse a todos... mas na situação hipotética acima, o fato de o senhor priorizar a segurança e a felicidade de sua filha, sua liberdade de crença, acima de todas as ambições de carreira ou "ideais"... essa é uma decisão que exige um grande sacrifício, e acho que não muitas pessoas a escolheriam...

Sr. Liu Siyuan:

(Ao ouvir Sophia, ele acena levemente, um sorriso triste em seus lábios. Seu olhar é distante, contendo compreensão e também uma certa tristeza pelas escolhas que as pessoas muitas vezes enfrentam.)

A senhora está absolutamente certa, Sophia. Uma decisão como essa, colocar a segurança e a liberdade de um ente querido acima de todas as ambições pessoais, de todos os "ideais" enfeitados, exige um sacrifício muito grande. E na sociedade em que vivi, onde a carreira, o status, o "futuro" são frequentemente colocados em primeiro lugar, onde somos ensinados a sacrificar o pequeno pelo grande, o indivíduo pelo coletivo (embora o que esse "coletivo" realmente seja, seja outra questão)... sim, não muitas pessoas escolheriam assim. Ou talvez, não muitas pessoas ousariam escolher assim.

(Ele para por um momento, a voz pensativa.)

Quando estava na engrenagem, eu também testemunhei, e até fiz parte desse tipo de pensamento. As pessoas estão dispostas a sacrificar sua saúde, o tempo com a família, até mesmo a consciência, por um cargo mais alto, um pouco mais de poder, um pouco mais de benefício. Elas têm medo de ficar para trás, medo de serem vistas como "sem ambição", medo de não corresponderem às "expectativas da organização".

Esse redemoinho arrasta as pessoas, cega seus olhos, endurece seus corações. Elas gradualmente esquecem os verdadeiros valores da vida, esquecem o amor, o cuidado com seus entes mais queridos. Os filhos podem se tornar um "investimento" para o futuro, a família pode se tornar uma "retaguarda" para servir à carreira.

(Ele suspira, uma tristeza profunda.)

Eu também já fui assim, até certo ponto. Já me orgulhei de minhas realizações profissionais, já depusitei muitas expectativas em Anran como uma continuação. E quando Anran escolheu um caminho "diferente", um caminho que eu considerava "perigoso" e "sem futuro" pelos padrões daquela sociedade, minha primeira reação foi de medo, de querer que ela mudasse.

Somente quando perdi tudo, perdi a coisa mais preciosa, foi que dolorosamente percebi que todas aquelas coisas "elevadas", aquelas "ambições", aqueles "ideais" que eu um dia persegui, se não trouxessem felicidade e paz real para as pessoas que eu amava, eram sem sentido, efêmeros.

(Ele olha diretamente para Sophia, o olhar sincero e um pouco mais sereno.)

Essa decisão de sacrifício, sim, exige muito. Exige que se abandone o "eu" egoísta, que se abandone as ilusões de fama e status. Exige coragem suficiente para ir contra a multidão, para aceitar ser visto como um "fracassado" aos olhos do mundo segundo os padrões convencionais.

Mas agora, depois de "despertar", depois de ter provado o extremo da dor e do arrependimento, acredito que, se eu realmente pudesse refazer, não hesitaria em escolher esse sacrifício. Porque, no final, o que realmente importa?

Um cargo alto, uma fama vazia, ou o sorriso da minha filha, a paz de espírito daqueles que amo?

Talvez, somente quando se passa por perdas muito grandes, é que se pode ver mais claramente o que é ouro e o que é latão, quais são os valores eternos e quais são apenas ostentações passageiras.

E eu também acredito que, embora não muitas pessoas escolham assim nessas circunstâncias, ainda existem pais, mães, pessoas comuns, que silenciosamente fizeram e fazem coisas extraordinárias por amor, por sua consciência, apesar de todos os riscos. Eles são os pontos de luz bruxuleantes em uma sociedade ainda muito escura. E suas histórias também precisam ser contadas, precisam ser conhecidas.

Sophia Bell:

Sim, então, para fazer essa escolha, para o senhor, parece que seria mais fácil decidir depois de ter despertado e compreendido muitas coisas...

Mas há uma questão: quando os leitores lerem o que o senhor compartilhou acima, a maioria provavelmente se perguntará: por que o senhor mudou sua visão de mundo depois de ler as escrituras do Falun Gong? Por que pessoas como sua filha são tão firmes e devotadas

em sua prática em um ambiente proibido, perseguido, onde o risco de prisão e extração forçada de órgãos está sempre à espreita? Em outras palavras, o que o Falun Gong tem de tão valioso que muitas pessoas estão dispostas a sacrificar tudo por ele?

Sr. Liu Siyuan:

(Ao ouvir as perguntas de Sophia, ele acena lentamente. Um sorriso leve, sereno, mas também cheio de reflexão, aparece em seus lábios. Ele sabe que estas são as perguntas-chave, as coisas que muitas pessoas de fora se perguntariam, e até duvidariam.)

A senhora faz perguntas muito importantes, Sophia. Essas também são as perguntas que eu mesmo já me fiz, antes de realmente começar a investigar. E eu entendo que, para aqueles que nunca tiveram contato, nunca vivenciaram, é difícil imaginar por que uma prática de cultivo pode mudar uma pessoa tão profundamente, e por que muitos estão dispostos a enfrentar perigos, até mesmo a sacrificar suas vidas, para proteger sua fé.

(Ele para por um momento, como se para escolher as palavras com o máximo de cuidado.)

Sobre por que minha visão de mundo mudou depois de ler as escrituras do Falun Gong, especificamente o livro "*Zhuan Falun*"...

Antes disso, como eu compartilhei, eu era um completo seguidor do materialismo dialético, treinado e trabalhando em um ambiente que exaltava a ciência empírica e considerava tudo o que pertencia ao espiritual e à fé como "superstição". Minha visão de mundo foi construída sobre as teorias da luta de classes, do desenvolvimento linear da história, da crença de que o homem pode dominar a natureza e a sociedade com seu intelecto e vontade.

Quando li o "*Zhuan Falun*", inicialmente foi por curiosidade, com o desejo de descobrir o que, afinal, havia fascinado tanto minha filha e tantas outras pessoas, o que havia feito o governo reprimir com tanta veemência. Mas quanto mais eu lia, mais chocado eu ficava.

Aquele livro me abriu um mundo completamente diferente, uma cosmologia, uma visão da vida humana que eu nunca havia imaginado antes. Ele não falava apenas sobre qigong e saúde, mas explicava de forma profunda e sistemática a origem do universo, os diferentes níveis de dimensões, a existência de Deuses e Budas, a relação entre matéria e espírito, o verdadeiro propósito de ser humano, a lei de causa e efeito, a reencarnação...

Essas coisas, a princípio, poderiam ser difíceis de aceitar para um materialista como eu. Mas as explicações no

livro eram extremamente lógicas, coerentes, e respondiam a muitas das grandes questões da vida que a ciência empírica moderna ainda não consegue resolver, ou deliberadamente evita. Não contradizia a ciência verdadeira; pelo contrário, abria novos horizontes para a cognição.

Mais importante, o "*Zhuan Falun*" ensina as pessoas a serem boas pessoas, verdadeiramente boas, de acordo com o padrão do universo de Verdade, Compaixão e Tolerância.

Quando comparei esses princípios com a realidade da sociedade em que vivia, com as mentiras, as artimanhas, o egoísmo, a luta que eu testemunhei e da qual até fiz parte, vi um contraste enorme. Percebi que os valores morais que o Falun Gong promovia eram exatamente o remédio que a sociedade chinesa precisava desesperadamente, o alicerce para construir uma sociedade verdadeiramente civilizada e harmoniosa.

Não foi uma "mudança" forçada de visão de mundo, mas uma "abertura" natural de dentro para fora. As filosofias materialistas em que eu acreditava de repente se tornaram superficiais, limitadas. Comecei a ver tudo de forma mais profunda, mais multidimensional. Entendi que, por trás das manifestações materiais visíveis, existem leis invisíveis, mas extremamente poderosas, que governam tudo.

Sobre por que pessoas como Anran são tão firmes em sua prática em um ambiente tão hostil, acredito que existam algumas razões principais:

Primeiro, a experiência pessoal dos benefícios do Falun Gong: A maioria das pessoas que começam a praticar o Falun Gong sente mudanças positivas notáveis na saúde física e mental. Doenças diminuem ou desaparecem, o temperamento se torna mais calmo e alegre, os relacionamentos familiares e sociais melhoram. Quando as pessoas realmente vivenciam essas coisas boas, sua fé se torna muito sólida.

Segundo, a compreensão da Verdade: Como eu disse, o Falun Gong não é apenas uma prática de qigong para a saúde, mas um Grande Caminho (Dafa) de cultivo do corpo e da mente, que ajuda as pessoas a entenderem o significado da vida, as leis do universo. Quando se percebe que essa é a Verdade, o caminho correto para o retorno, nenhuma dificuldade ou perigo pode abalá-los. Eles entendem que o que estão buscando é extremamente nobre e valioso.

Terceiro, a força de Verdade, Compaixão e Tolerância: São esses princípios que lhes dão força para enfrentar a perseguição. A "Verdade" os ajuda a não mentir, a não se curvar a exigências irracionais. A "Compaixão" os ajuda a manter a benevolência mesmo com seus perseguidores, a não responder à violência com

violência. A "Tolerância" os ajuda a suportar as tribulações, as torturas cruéis, enquanto mantêm sua fé.

Quarto, a responsabilidade para com a comunidade e o futuro: Muitos praticantes do Falun Gong sentem que têm a responsabilidade de contar a verdade sobre a perseguição, para que as pessoas não sejam enganadas pela propaganda falsa, para proteger os bons valores para as gerações futuras. Eles acreditam que sua perseverança contribuirá para fazer o mal recuar e a justiça prevalecer.

Em resumo, Sra. Sophia, o Falun Gong não traz apenas saúde, mas, mais importante, traz às pessoas uma iluminação moral, uma elevação espiritual, uma esperança no futuro. Ele responde às perguntas mais profundas sobre a vida e o universo que cada um de nós, em maior ou menor grau, pondera. É por causa desses valores grandiosos e verdadeiros que muitas pessoas, como Anran, estão dispostas a sacrificar tudo para proteger sua fé.

Não é cegueira, mas uma escolha consciente, baseada em uma compreensão e experiência profundas. E isso é algo que, antes de realmente investigar, eu nunca poderia ter entendido.

Sophia Bell:

Sim, obrigado por dar uma resposta que é ao mesmo tempo analítica e conclusiva... Pessoalmente, concordo com o que o senhor disse. Também já li o livro "*Zhuan Falun*" e ele me trouxe muitas vibrações profundas na mente e no pensamento... Mas muitos de nossos leitores nunca leram este livro, então, explicar de forma que todos possam entender com apenas algumas breves palavras não é algo que qualquer um possa fazer...

Então, haveria uma maneira de expressar isso de forma mais compreensível e vívida? Por exemplo, através de ações, palavras ou eventos de praticantes do Falun Gong que o senhor testemunhou e que o fizeram admirá-los?... Quando sua filha foi presa, o senhor recebeu alguma ajuda específica deles?

Sr. Liu Siyuan:

(Ao ouvir as preocupações de Sophia, ele acena levemente. Ele entende que explicar os valores profundos de uma prática de cultivo para aqueles que nunca tiveram contato não é fácil.)

A senhora está certa, Sophia. De fato, com apenas algumas palavras de análise, é difícil para aqueles que nunca leram o "*Zhuan Falun*", que nunca tiveram contato com os praticantes, sentirem toda a profundidade e o poder do Falun Gong. Talvez histórias específicas, ações

reais que eu testemunhei, ajudem as pessoas a ter uma imagem mais clara.

(Ele fica em silêncio por um momento, como se recordando das memórias, das pessoas que passaram por sua vida após a tragédia.)

Depois que Anran foi presa, e especialmente depois que perdi todos os meus cargos e fui evitado por amigos e colegas, minha vida caiu em uma escuridão e desespero. Senti como se o mundo inteiro me tivesse abandonado. Foi nesses momentos que alguns praticantes do Falun Gong, pessoas às quais eu antes nem dava atenção, ou sobre as quais tinha uma visão distorcida, foram os que ativamente me procuraram.

A primeira coisa que me fez admirá-los foi a coragem e o altruísmo. Eles sabiam quem eu era, sabiam que eu fazia parte do sistema que os perseguia, sabiam que entrar em contato comigo poderia trazer riscos para eles mesmos. Mas eles vieram assim mesmo, sem hesitação. Não vieram para culpar, não vieram para exigir, mas para compartilhar, para confortar.

Outra coisa foi a paciência e a compaixão deles. Quando falavam comigo sobre o Falun Gong, sobre a verdade da perseguição, eles não tentavam impor nada, não mostravam amargura ou ódio. Falavam de forma pacífica, calma, apresentando evidências e argumentos

com paciência, mesmo quando eu ainda estava cheio de ceticismo, e até mesmo com palavras pouco amigáveis no início. Eles pareciam não se importar com a minha atitude, mas se concentravam apenas em me ajudar a entender a verdade.

Quando Anran foi presa, eles realmente tentaram me ajudar muito, embora eles próprios estivessem enfrentando inúmeras dificuldades.

Alguns praticantes tentaram usar seus poucos contatos para descobrir notícias sobre Anran, onde ela estava detida, qual era a sua situação. Eles até me apresentaram a alguns corajosos advogados de direitos humanos, que estavam dispostos a aceitar casos "sensíveis" como este, mesmo sabendo que a chance de sucesso era muito baixa e os riscos para eles eram enormes.

Nos dias em que eu estava mais deprimido, eles me visitavam com frequência, traziam um pouco de comida, sentavam-se em silêncio para me ouvir, ou simplesmente ficavam ao meu lado. Alguns eram apenas trabalhadores comuns, com vidas modestas, mas estavam dispostos a compartilhar o que tinham. Essa sinceridade e simplicidade tocaram meu coração.

Foi um deles, uma senhora de meia-idade com um ar muito bondoso, que me deu o livro "*Zhuan Falun*". Ela disse que talvez a leitura do livro me ajudasse a

encontrar paz e respostas para minhas dúvidas. Ela não forçou, apenas sugeriu gentilmente.

Lembro-me de uma vez, quando eu estava em desespero, quase querendo desistir de tudo, um jovem praticante me disse: "Tio Liu, não desanime. A luz virá. Temos que acreditar na justiça, mesmo que ela demore. O importante é manter a benevolência em nossos corações, não deixar que o mal nos torne como eles." Aquelas palavras, de um jovem enfrentando uma perseguição brutal, me comoveram profundamente e me fizeram pensar muito.

Ou outro praticante, um homem mais velho que havia sido brutalmente torturado na prisão, mas quando me encontrou, não mostrou nenhum ressentimento. Ele apenas disse que esperava que aqueles que cometeram os crimes despertassem em breve, porque eles também estavam destruindo seu próprio futuro. Essa magnanimidade, naquela circunstância, realmente me fez curvar a cabeça em admiração.

Essas ações, essas palavras, embora talvez pequenas, demonstravam uma força interior extraordinária, uma bondade que nada poderia extinguir. Eles não apenas falavam sobre Verdade, Compaixão e Tolerância, mas viviam de acordo com esses princípios, mesmo nas circunstâncias mais severas.

Foram essas coisas, Sra. Sophia, que gradualmente derreteram o gelo em meu coração, me fizeram reavaliar tudo e, finalmente, me deram coragem para começar a investigar o Falun Gong seriamente. Eles me mostraram que, mesmo na escuridão mais desesperadora, sempre existem pessoas que carregam a luz da fé e da bondade. E é essa luz que tem o poder mais duradouro de mover os corações das pessoas.

Sophia Bell:

Então, em comparação com a propaganda do Partido Comunista Chinês sobre o Falun Gong, como o senhor vê a diferença em relação ao que vivenciou ou testemunhou na prática?

Sr. Liu Siyuan:

(Ao ouvir esta pergunta, um sorriso triste e um tanto irônico passa por seus lábios. Ele balança a cabeça levemente.)

"Diferença"... talvez essa palavra não seja suficiente para descrever, Sra. Sophia. Deveria ser dito que é completamente o oposto, como o dia e a noite, como o branco e o preto. O que eu vivenciei e testemunhei na prática sobre os praticantes do Falun Gong, e mais tarde, o que eu mesmo senti ao começar a praticar, é

absolutamente o oposto da propaganda mentirosa e fabricada que o Partido Comunista Chinês tem repetido diariamente.

(Ele respira fundo, como para se preparar para expor essas contradições.)

Sobre o que eles chamam de "Superstição, anticiência":

Propaganda do PCC: Eles descrevem o Falun Gong como uma superstição que vai contra a ciência, fazendo as pessoas recusarem tratamento médico, levando à morte. Eles tentam criar a imagem de praticantes ignorantes e atrasados.

Realidade que testemunhei e vivenciei: Vi muitos praticantes que são intelectuais, com altos graus acadêmicos, incluindo cientistas, médicos, engenheiros, professores... como minha própria filha, Anran. Eles vieram para o Falun Gong não por ignorância, mas depois de uma pesquisa e consideração cuidadosas. Eu mesmo, que já trabalhei com pesquisa científica, ao ler o "Zhuan Falun", também vi que suas explicações não contradizem a ciência verdadeira, mas abrem um entendimento mais profundo sobre o universo e o ser humano. O Falun Gong enfatiza o cultivo do caráter, juntamente com a prática de exercícios suaves, ajudando a melhorar a saúde de forma holística. Muitas pessoas se curaram de doenças incuráveis após a prática, isso é um

fato que testemunhei. Eles não rejeitam a medicina moderna, mas entendem que o cultivo é um caminho diferente, em um nível mais elevado, para alcançar a saúde e a elevação espiritual.

Sobre o que eles chamam de "Organização política, subversão do governo":

Propaganda do PCC: Eles caluniam constantemente o Falun Gong como uma organização política com a intenção de derrubar o Partido Comunista, controlada por "forças hostis estrangeiras". Este é o principal pretexto que usam para legalizar a perseguição.

Realidade que testemunhei e vivenciei: O Falun Gong não tem uma estrutura organizacional rígida como um partido político. Não há lista de membros, não há taxas, não há hierarquia, não há escritórios. As pessoas vêm para praticar os exercícios e estudar o Fa de forma totalmente voluntária. As palestras do Mestre Li Hongzhi, o fundador do Falun Gong, são todas públicas e se concentram apenas em guiar as pessoas a cultivar seu caráter, elevar sua moralidade, sem uma única palavra incitando a subversão ou a oposição ao governo. O fato de os praticantes protestarem contra a perseguição, esclarecerem a verdade, é um direito legítimo de autodefesa das vítimas, não é "fazer política". Eles apenas desejam um ambiente livre para praticar,

nada mais. É a perseguição irracional do PCC que os empurrou para a posição de ter que se manifestar.

Sobre o que eles chamam de "Perturbação da ordem social, perigoso":

Propaganda do PCC: Eles encenaram incidentes como a "falsa autoimolação na Praça Tiananmen" para difamar o Falun Gong, atribuindo aos praticantes comportamentos extremistas e violentos que prejudicam a sociedade.

Realidade que testemunhei e vivenciei: Os praticantes do Falun Gong com quem tive contato são todas pessoas pacíficas e bondosas, que sempre tentam viver de acordo com os princípios de Verdade, Compaixão e Tolerância. Eles tratam bem a todos, são responsáveis com suas famílias e trabalho. Mesmo quando tratados injustamente, espancados, torturados, eles mantêm uma atitude pacífica, não respondendo à violência com violência. Eles apenas fazem apelos pacíficos, exibem faixas, distribuem panfletos esclarecendo a verdade. Como pessoas assim poderiam "perturbar a ordem social"? É o aparato de perseguição do PCC que causa instabilidade, medo e divisão na sociedade.

Sobre o que eles chamam de "Lavagem cerebral, controle mental":

Propaganda do PCC: Eles afirmam que o Falun Gong faz "lavagem cerebral" nos praticantes, tornando-os obcecados, fazendo-os abandonar suas famílias e trabalhos.

Realidade que testemunhei e vivenciei: O Falun Gong é exatamente o oposto. Ele ajuda as pessoas a se tornarem mais claras, mais sábias, a entenderem melhor o significado da vida. Os praticantes continuam a viver vidas normais na sociedade, trabalhando, cuidando de suas famílias. Na verdade, eles desempenham esses papéis ainda melhor porque seu caráter é elevado, e eles aprendem a pensar nos outros. Ninguém é forçado a acreditar, a seguir. Tudo é voluntário, baseado na compreensão e experiência de cada um. O que realmente faz "lavagem cerebral" é o sistema de propaganda do PCC, que incutiu na cabeça das pessoas informações falsas e ódio infundado.

(Ele suspira, uma tristeza passageira.)

Essa diferença, Sra. Sophia, é tão grande que me faz sentir nojo das mentiras nas quais eu um dia acreditei, mesmo que apenas em parte. Também me mostrou o poder terrível da máquina de propaganda, como ela pode transformar o branco em preto, transformar pessoas boas em inimigas do povo aos olhos de muitos.

E o mais doloroso é que foram essas mesmas mentiras que criaram uma névoa espessa, obscurecendo a verdade, permitindo que o crime da extração forçada de órgãos de praticantes do Falun Gong e outros prisioneiras de consciência ocorresse por tanto tempo sem ser amplamente exposto.

É por isso que contar a verdade, por mais difícil e perigoso que seja, se tornou tão importante.

Sophia Bell:

Sim, essas também são as mentiras do Partido Comunista Chinês que eu li e ouvi... e essa perseguição, até agora, já dura um quarto de século...

Uma nova pergunta surgiu em minha mente: se, hipoteticamente, o senhor fosse agora o conselheiro político do atual líder da China, o que o aconselharia a fazer?...

Do meu ponto de vista como jornalista externa, não vejo uma posição clara dele sobre a perseguição ao Falun Gong... Embora não tenha sido ele quem a iniciou, sua atitude parece ser de tolerância e conivência com o mal...

Sr. Liu Siyuan:

(Ao ouvir a pergunta de Sophia, ele fica em silêncio por um longo momento. Uma expressão pensativa e complexa é visível em seu rosto. Ele massageia levemente as têmporas, como se este fosse um problema extremamente difícil, um fardo de mil quilos.)

"Se eu fosse o conselheiro político do atual líder do Partido Comunista Chinês..."

(Ele repete, a voz grave e reflexiva.)

Esta é uma suposição muito grande, Sra. Sophia. E, para ser honesto, no contexto atual, não acho que o conselho de alguém como eu, um "desertor", alguém que "despertou" de uma forma que eles não desejam, seria ouvido.

(Ele suspira, depois olha diretamente para Sophia, o olhar sério.)

Mas se, apenas "se", eu tivesse essa oportunidade, e se esse líder realmente tivesse um pinga de boa vontade, um pinga de desejo de deixar uma marca positiva na história, e não apenas consolidar o poder a qualquer custo, eu ousaria dar os seguintes conselhos, especialmente sobre a questão do Falun Gong:

Primeiro, enfrentar corajosamente a verdade e encerrar imediatamente a perseguição:

Este é o passo prévio e mais importante. Eu o aconselharia que a perseguição ao Falun Gong, que já dura mais de duas décadas, é um grave erro histórico, uma mancha indelével, que vai completamente contra os valores humanitários, morais e o estado de direito. Ela não apenas causou sofrimento a milhões de pessoas inocentes, mas também prejudicou gravemente a reputação internacional da China, semeando medo e desconfiança na sociedade. Continuar essa perseguição, de qualquer forma, só agravará o problema, criará mais inimigos e deixará um legado terrível para as gerações futuras.

Ação concreta: Ordenar a cessação imediata de todas as prisões, torturas e detenções ilegais de praticantes do Falun Gong. Libertar todos os que estão injustamente detidos.

Segundo, investigar de forma abrangente e pública o crime da extração forçada de órgãos:

Este é um crime contra a humanidade intolerável. Eu o aconselharia a estabelecer um comitê de investigação independente, com a participação de especialistas internacionais (se necessário e possível), para esclarecer toda a verdade sobre a extração forçada de órgãos de praticantes do Falun Gong e outros prisioneiros de consciência. Os mentores, os executores deste crime, em qualquer nível, devem ser levados a um julgamento

público e rigoroso perante a lei. Não pode haver encobrimento, nem conivência. Isso não é apenas para fazer justiça às vítimas, mas também uma forma de restaurar um pouco da fé na lei e na consciência.

Terceiro, restaurar a honra e compensar as vítimas:

É preciso pedir desculpas publicamente aos praticantes do Falun Gong e suas famílias pelo sofrimento e pelas perdas que tiveram que suportar devido à perseguição equivocada. É preciso restaurar a honra do Falun Gong, reconhecendo-o como uma prática de cultivo pacífica que traz benefícios para a saúde e a moralidade social. É preciso ter uma política de compensação adequada para as vítimas e suas famílias pelas perdas materiais e espirituais.

Quarto, permitir a verdadeira liberdade de crença:

Eu enfatizaria que a liberdade de crença é um direito humano fundamental, reconhecido na própria constituição da China (embora apenas formalmente). Permitir que as pessoas escolham livremente suas crenças, incluindo a prática do Falun Gong, ajudará a estabilizar a sociedade, elevar a moralidade e fará com que as pessoas se sintam mais ligadas ao país. Uma nação verdadeiramente forte não é aquela que controla o pensamento de seu povo, mas aquela que respeita sua diversidade e liberdade.

Quinto, reformar o sistema político e legal em direção à transparência e a um verdadeiro estado de direito:

A questão do Falun Gong é apenas uma manifestação de problemas mais profundos no sistema. Sem uma reforma real, tragédias semelhantes podem se repetir. É preciso construir um verdadeiro estado de direito, onde a lei esteja acima de tudo, incluindo o Partido Comunista. Deve haver independência judicial, liberdade de imprensa e mecanismos eficazes de supervisão do poder.

(Ele para, um ar de cansaço em seu rosto.)

Sobre a atitude do líder atual que a senhora mencionou... É verdade que é difícil ver uma posição clara. Talvez ele esteja tentando manter um certo "equilíbrio" interno, ou tenha outras prioridades que considera mais urgentes. Mas, como a senhora disse, "ser conivente com o mal" é também uma forma de mal. A história não perdoará aqueles que têm poder, mas não ousam ficar do lado da justiça, não ousam corrigir os erros do passado.

Esses conselhos, eu sei, podem ser considerados "ingênuos", "pouco realistas" no contexto político atual da China. Mas acredito que são as coisas certas a serem feitas, se se quer tirar o país do atoleiro de mentiras, violência e injustiça.

Se esse líder tivesse coragem e visão suficientes para implementar essas mudanças, ele não apenas resolveria

um problema espinhoso, mas também poderia abrir um novo e melhor capítulo para a China. Caso contrário... receio que o "Sonho Chinês" que ele está tentando construir será apenas um castelo de areia, facilmente destruído pelas tempestades da verdade e da justiça.

Sophia Bell:

Sim, eu entendo. Conselhos como esses, mesmo que sejam preciosos como ouro, aos olhos dos líderes do Partido Comunista Chinês seriam apenas palavras "sem praticidade" de alguém que é bom na teoria, mas não tem suficiente "perspicácia política"...

Sr. Liu, peço desculpas por deixar que o tempo desta sessão se estendesse para depois do meio-dia... Talvez possamos fazer uma pausa e continuar amanhã de manhã, o que o senhor acha?

Sr. Liu Siyuan:

(Ao ouvir Sophia mencionar o tempo, ele olha discretamente para o relógio e sorri levemente. Um sorriso um pouco mais relaxado depois de ter compartilhado tanto.)

Oh, é mesmo? Já passou do meio-dia?

(Ele balança a cabeça levemente, como se não tivesse notado.)

O tempo passa tão rápido quando conversamos. É verdade que, quando se pode desabafar, dizer coisas que estavam guardadas há tanto tempo, a gente acaba esquecendo do tempo.

(Ele acena com a cabeça.)

A senhora está certa, Sophia. "Sem praticidade", "bom na teoria, mas sem perspicácia política"... Essas são provavelmente as observações que eles fariam sobre tais conselhos, se tivessem a chance de ouvi-los. E talvez, eles não estivessem completamente errados do ponto de vista de quem detém o poder e só se preocupa em mantê-lo a qualquer custo.

(Ele olha para Sophia com gratidão.)

Obrigado por me ouvir pacientemente durante toda a manhã. Sinceramente, sinto-me muito mais aliviado. Há coisas que, se guardadas por muito tempo, se tornam um fardo insuportável.

Fazer uma pausa aqui e continuar amanhã de manhã é uma ótima ideia. Eu também preciso de um tempo para me acalmar, e talvez a senhora também precise descansar. Essas histórias, afinal, não são fáceis de ouvir, nem de digerir.

(Ele se levanta lentamente.)

Então, nos encontraremos novamente às 8h da manhã, aqui mesmo, senhora? Prepararei um novo bule de chá. Espero que amanhã tenhamos uma sessão tão produtiva quanto a de hoje.

Obrigado mais uma vez, Sophia. Por ter vindo e, mais importante, por ter ouvido com o coração.

Sophia Bell:

Sim, até amanhã de manhã...

E há mais um ponto sobre o qual gostaria de pedir sua opinião: em nossa equipe de jornalistas de THE LIVES MEDIA, um colega meu chamado Julian Lee é especialista em temas como política, filosofia e pensamento de liderança... Como o senhor já foi professor de filosofia, depois trabalhou com políticas e diretrizes no governo do PCC, e agora teve sua visão de mundo profundamente ampliada... de repente pensei que talvez pudesse convidar o Sr. Julian Lee para vir aqui comigo amanhã para continuar a conversa com o senhor. Seria possível?

Sr. Liu Siyuan:

(Ao ouvir a proposta de Sophia, ele fica um pouco surpreso, as sobrancelhas se franzem por um momento.

Ele fica em silêncio por um instante, olhando para Sophia, depois seu olhar se torna pensativo.)

Outro jornalista, especialista em política, filosofia e pensamento de liderança... O nome dele é Julian Lee, foi o que a senhora disse?

(Ele repete, como para memorizar e considerar.)

Esta é uma proposta inesperada, Sra. Sophia. Nossa conversa, como a senhora sabe, é profundamente pessoal, com experiências e dores que tentei esconder por muito tempo. Abrir-me para uma pessoa já foi um esforço considerável para mim.

(Ele para, olhando para a xícara de chá já fria sobre a mesa.)

No entanto, também entendo sua intenção. Meu passado, minhas reflexões, talvez toquem em áreas que interessam ao Sr. Julian Lee. Uma pessoa com profundo conhecimento em filosofia e ideologia poderia fazer perguntas mais perspicazes, ajudando a explorar aspectos que talvez ainda não tenhamos abordado, ou tornando as análises sobre o sistema ideológico e a transformação da minha percepção mais claras e coerentes para os leitores.

(Ele levanta a cabeça, olhando para Sophia com um certo questionamento.)

Se o Sr. Julian Lee for realmente uma pessoa de bom coração, que compreende e respeita esta história, como a senhora, e se a presença dele puder de fato ajudar meu "testemunho" a ser transmitido de forma mais profunda e abrangente aos leitores de THE LIVES MEDIA... então acho que posso considerar.

Não tenho medo de enfrentar perguntas difíceis, senhora. O que mais me importa é a sinceridade e o bom propósito desta conversa. Se ele vier com esse espírito, então talvez a presença dele seja algo bom.

A senhora poderia me dizer um pouco mais sobre o Sr. Julian Lee? Sobre seu método de trabalho, ou talvez seus trabalhos de destaque, se for conveniente? Mas, de qualquer forma, confio na sua recomendação e avaliação, Sophia. A senhora é quem melhor entende a natureza desta história e o que estamos tentando alcançar.

Então, se a senhora sentir que isso é o que deve ser feito, estarei disposto a conversar com ambos amanhã de manhã.

Sophia Bell:

Sim, eu entendo, Sr. Liu... Sua conversa com os leitores de THE LIVES MEDIA, através de mim como uma

pequena ponte, é de natureza pessoal e são compartilhamentos do fundo do coração sobre as coisas dolorosas que aconteceram, sobre a maldade do PCC, e também sobre a beleza do Falun Gong...

Acho que amanhã poderíamos dedicar um pouco mais de tempo para esclarecer e dar mais vida a alguns aspectos dos conteúdos mencionados... Depois disso, minha ideia é que o senhor compartilhe mais sobre o caminho futuro para a China, um tema ao qual o senhor dedicou sua vida inteira à pesquisa e, com a luz do Fa iluminando seu caminho após iniciar o cultivo, acredito que sua visão de mundo se expandiu muito... Isso me fez pensar em Julian Lee, porque vejo uma sintonia entre as pessoas, assim como nas ideias e nos campos de interesse que ambos compartilham... Minha intenção é simplesmente ser uma pequena ponte para conectar o encontro de duas pessoas com a mesma mente e "camaradas" no verdadeiro sentido da palavra...

Sr. Liu Siyuan:

(Ao ouvir as explicações e ideias de Sophia, seu rosto relaxa gradualmente, e um sorriso leve, de compreensão e apreço, aparece. Ele acena com a cabeça.)

Sim, Sra. Sophia, a senhora captou exatamente o espírito do que eu desejo compartilhar. Meu propósito ao sentar aqui é, de fato, contar a verdade sobre o sofrimento que

passamos, sobre a natureza perversa do PCC e, ao mesmo tempo, ajudar o mundo a entender melhor a beleza e a retidão do Falun Gong – aquilo que minha filha e milhões de outros defenderam com firmeza.

Dedicarmos mais tempo amanhã de manhã para esclarecer melhor o que foi compartilhado é muito necessário. Quero garantir que as mensagens mais importantes sejam transmitidas da forma mais clara e vívida possível.

(Ele para por um momento, olhando para Sophia com consideração.)

Quanto à sua ideia de convidar o Sr. Julian Lee para participar da segunda parte, quando discutirmos o caminho futuro para a China...

(Ele repete, a voz pensativa.)

Este é de fato um tema sobre o qual refleti e ponderei por toda a minha vida, desde quando era um jovem pesquisador até entrar na política, e agora, com o que aprendi com o Fa, minha perspectiva teve mudanças, aberturas que antes seriam impossíveis.

Se o Sr. Julian Lee for realmente alguém que compartilha das mesmas preocupações, do mesmo desejo de encontrar o caminho certo para o futuro, e puder discutir

comigo em um nível mais profundo sobre essas questões – não apenas análises políticas e econômicas superficiais, mas também elementos sobre moralidade, espiritualidade, o renascimento dos valores tradicionais – então acredito que sua presença poderá trazer um certo valor.

A senhora disse que vê uma "sintonia" e quer ser uma ponte para pessoas com a mesma mente, "camaradas" no verdadeiro sentido da palavra...

(Um sorriso triste passa por seu rosto ao mencionar a palavra "camarada", uma palavra tão manchada em sua terra natal.)

Eu entendo sua intenção. Em um mundo cheio de falsidade e interesses pessoais, encontrar pessoas que realmente compartilham da mesma visão, do mesmo coração voltado para o bem e que desejam coisas boas para a humanidade, é algo extremamente precioso.

Portanto, Sra. Sophia, eu concordo com sua proposta. Dedicaremos a primeira parte da manhã de amanhã para continuar a esclarecer o que ficou pendente. Depois, se a senhora achar apropriado, estou disposto a me encontrar e conversar com o Sr. Julian Lee sobre as questões que ambos temos em comum. Talvez uma conversa com alguém da mesma "frequência" que o Sr. Julian Lee, sob sua condução, possa trazer perspectivas interessantes e

profundas para nós e para os leitores.
Confio em sua organização e em sua boa vontade.

Sophia Bell:

Sim, então, até amanhã de manhã, Sr. Liu!

Sr. Liu Siyuan:

(Ele sorri, um sorriso sincero e um pouco mais aliviado do que no início da entrevista. Ele acena com a cabeça.)

Sim, Sra. Sophia. Até amanhã de manhã. Muito obrigado por uma manhã tão significativa.

(Ele acompanha Sophia até a porta, o olhar ainda com um traço de preocupação, mas já brilhando com uma nova esperança.)

DIA DOIS

[Cenário: Na manhã seguinte, ainda na aconchegante sala de estar da casa do Sr. Liu Siyuan. O Sr. Liu já preparou um novo bule de chá, cujo aroma paira suavemente no ar. Sophia Bell chega primeiro, e pouco depois, Julian Lee também chega. O Sr. Liu vai até a porta para recebê-los, apertando a mão de Julian de forma cortês, mas mantendo sua habitual expressão pensativa.]

Sophia Bell:

Bom dia, Sr. Liu. Obrigado por continuar a nos dedicar seu tempo para esta importante conversa.

Sr. Liu, como combinamos ontem, hoje teremos a participação do Sr. Julian Lee, um colega meu de THE LIVES MEDIA, especialista em questões políticas e de direitos humanos.

Sr. Julian, este é o Sr. Liu Siyuan, de quem lhe falei.

Sr. Liu Siyuan:

(O rosto do Sr. Liu parece um pouco mais radiante do que no dia anterior, mas ainda carrega uma preocupação oculta.)

Olá, Sra. Sophia, olá, Sr. Julian. Por favor, entrem. Eu já preparei o chá.

(Os três se sentam. O Sr. Liu serve chá para os convidados.)

Julian Lee:

(Com uma voz educada e profissional.)

Obrigado por nos receber, Sr. Liu. Sua casa é muito tranquila e acolhedora. Sophia me contou muito sobre o que o senhor compartilhou ontem, e estou realmente ansioso para ouvi-lo hoje.

Sophia Bell:

Ontem, ouvi o senhor compartilhar sua história como

uma testemunha viva, e na perspectiva de um pai, um homem e uma ex-autoridade do Partido Comunista Chinês...

Também soube que o senhor começou a praticar o Falun Gong, há cerca de um ano e meio ou dois anos... Porque, pelo que sei, para os praticantes, eles costumam ver a vida e os acontecimentos de uma maneira que é ao mesmo tempo leve, serena, e profundamente clara...

Por isso, gostaria de propor que, na conversa de hoje, pudéssemos ouvi-lo compartilhar na perspectiva de um praticante. O que o senhor acha?

Sr. Liu Siyuan:

(Ao ouvir a proposta de Sophia, ele acena levemente, um sorriso suave e sereno em seus lábios.)

Sra. Sophia, esta é uma proposta muito interessante e profunda. A senhora está certa, quando uma pessoa entra no caminho do cultivo verdadeiro, sua visão de mundo, sua perspectiva sobre a vida, passam por grandes mudanças. A maneira de ver as coisas, de enfrentar os altos e baixos da vida, também se torna muito diferente.

(Ele para por um momento, o olhar se dirige para a janela, onde a luz da manhã brilha, depois se volta para Sophia e Julian.)

É verdade que tive a oportunidade de começar a praticar o Falun Gong após os grandes eventos da minha vida. O tempo, embora não seja muito longo, quase dois anos como a senhora disse, mas o que aprendi, o que senti deste Fa, realmente mudou a pessoa que eu era desde a raiz.

Antes, mesmo sendo um intelectual, alguém que trabalhava com ideologia, eu via tudo com base nas teorias das pessoas comuns, com base nos ganhos e perdas, nas vitórias e derrotas do mundo secular. Quando encontrava infortúnios, eu facilmente caía no ressentimento, no sofrimento, no desespero. Quando tinha algum sucesso, facilmente desenvolvia o orgulho, o desprezo pelos outros.

Mas desde que comecei a praticar, aprendi gradualmente a ver tudo com um coração mais aberto, mais sereno. Entendi que tudo o que acontece na vida tem sua causa e efeito, nada é por acaso. As tribulações que tive que passar, embora extremamente dolorosas, foram também oportunidades para eu olhar para dentro de mim, para limpar minhas noções errôneas, para poder "despertar", como a senhora disse.

Aprendi a olhar para dentro, ou seja, quando encontro um problema, em vez de culpar as circunstâncias, os outros, primeiro preciso olhar para mim mesmo para ver se há algo que não está certo, algum apego ruim que

precisa ser eliminado. Isso me ajuda a manter a calma diante das tempestades e também me ajuda a me aprimorar a cada dia.

Os princípios de Verdade, Compaixão e Tolerância que o Falun Gong ensina se tornaram o guia para todos os meus pensamentos e ações. Viver com sinceridade, tratar os outros com benevolência e saber ser tolerante ao enfrentar adversidades – são coisas que parecem simples, mas são extremamente profundas e não são fáceis de praticar.

(Ele sorri levemente.)

Portanto, Sra. Sophia, Sr. Julian, estou muito disposto a compartilhar com os senhores na perspectiva de um praticante. Talvez, ao reexaminar o que aconteceu comigo, com minha família, e até mesmo as grandes questões do país sob esta perspectiva, teremos novos entendimentos, reflexões mais profundas.

Tentarei usar a sinceridade e o que compreendi do Fa para compartilhar. Por favor, sintam-se à vontade para fazer perguntas.

Sophia Bell:

Sim, na conversa de ontem, ouvi o senhor falar sobre a história muito dolorosa de sua filha, sobre a perseguição

ao Falun Gong, sobre seu caminho e carreira, e também sobre o mundo oficial ingrato e traiçoeiro...

Sinto que, da perspectiva de um praticante, mencionar esses pontos não é como o lamento de uma pessoa infeliz, com o objetivo de buscar consolo de alguém... mas é uma voz para defender a justiça, expor o mal e honrar o bem...

Sr. Liu Siyuan:

(Seu olhar é sereno, mas ainda contém uma firmeza.)

Sra. Sophia, a senhora expressou exatamente os pensamentos em meu coração. Realmente, quando decidi sentar aqui e compartilhar essas histórias, não foi para lamentar minhas desgraças pessoais ou para buscar compaixão e consolo. Essas coisas, para um praticante, não são mais o objetivo principal.

(Ele para por um momento, olhando diretamente para Sophia e Julian com sinceridade.)

Quando uma pessoa entra no caminho do cultivo, especialmente no cultivo do Grande Fa segundo os princípios de Verdade, Compaixão e Tolerância, ela entende que as tribulações, as injustiças que sofre, por mais dolorosas que sejam, são parte do processo de refinar o caráter, de pagar o carma criado no passado e de elevar seu nível. Lamentar-se, ressentir-se dos outros,

apenas aumentará o carma e não resolverá o problema pela raiz.

Por isso, quando conto a história de Anran, a dor de perder minha filha ainda está lá, impossível de se apagar. Mas agora, não a vejo apenas como a tragédia da minha família. Minha filha, e milhões de outros praticantes do Falun Gong, são vítimas de uma perseguição brutal, injusta, baseada em mentiras e ódio. Eles são perseguidos apenas por se manterem firmes em sua fé em bons valores, em Verdade, Compaixão e Tolerância.

Portanto, o fato de eu contar a verdade não é para "lamentar", mas para:

Primeiro, expor a natureza perversa da perseguição e do Partido Comunista Chinês: Quero que o mundo entenda melhor os crimes que eles cometeram e continuam a cometer, desde calúnias e fabricações, até tortura, assassinato e o terrível crime da extração forçada de órgãos. Um regime baseado em violência e mentiras não pode durar muito.

Segundo, defender a justiça e a verdade: A verdade precisa ser conhecida. A justiça precisa ser reivindicada para os inocentes que sofreram tanto. O silêncio diante do mal é cumplicidade com o mal.

Terceiro, honrar a beleza e a firmeza dos praticantes do Falun Gong: Quero que todos vejam que, em meio à

escuridão e à brutalidade, ainda existem pessoas que defendem com firmeza sua fé em valores benevolentes. Eles demonstraram uma paciência, uma compaixão, uma firmeza extraordinárias que nenhuma violência pode subjugar. Essa é a beleza do Falun Dafa, a beleza dos verdadeiros praticantes.

Quarto, despertar a consciência das pessoas: Espero que, através da minha história, através do que testemunhei, mais pessoas, tanto na China quanto no mundo, possam reavaliar, reconsiderar e não serem mais enganadas pela propaganda falsa. A consciência e a benevolência em cada pessoa são extremamente preciosas e precisam ser despertadas.

(Ele sorri levemente, um sorriso sereno, mas que contém força.)

Da perspectiva de um praticante, entendo que expor o mal não é para semear o ódio, mas para ajudar as pessoas a discernirem o certo do errado, para que possam escolher ficar do lado do bem. Isso também é uma forma de compaixão.

Portanto, Sra. Sophia, Sr. Julian, estou muito disposto a continuar compartilhando, com essa mentalidade. Espero que o que eu disser seja útil, mesmo que seja apenas um pouco, para esclarecer a verdade e proteger os bons valores.

Sophia Bell:

Sim, até amanhã, então...

E há mais um ponto sobre o qual gostaria de pedir sua opinião: na nossa equipe de jornalistas de THE LIVES MEDIA, um colega meu chamado Julian Lee não só é apaixonado por filosofia, pensamento de liderança, políticas ou instituições nacionais... mas ele também se dedica a ler os clássicos das religiões, e sei que ele também gosta de ler as escrituras do Falun Gong, e tem muita simpatia pelo Falun Gong... Assim, ele também concordaria em participar da conversa de hoje com a mentalidade de um buscador do Caminho ou usando uma perspectiva religiosa?

Julian Lee:

(Julian fica um pouco surpreso no início quando Sophia menciona que ele lê as escrituras do Falun Gong, mas rapidamente assume uma expressão aberta e sincera.)

Obrigado, Sophia, pela apresentação. É verdade que, além do meu trabalho como jornalista especializado em questões políticas e de direitos humanos, pessoalmente tenho um profundo interesse em questões filosóficas, sistemas de pensamento e, especialmente, no papel dos

valores espirituais e da religião na formação da sociedade e do comportamento humano.

(Ele para por um momento, olhando para o Sr. Liu com um leve sorriso.)

No meu processo de estudo, li muitos clássicos das principais religiões do mundo. E, como Sophia disse, também tive a oportunidade de ler as escrituras do Falun Gong, incluindo o livro "*Zhuan Falun*". O que li deixou-me impressões muito profundas, e realmente tenho muita simpatia pelos princípios e valores que o Falun Gong promove.

Percebi que, no nível mais profundo, muitas religiões e práticas de cultivo verdadeiras guiam as pessoas para valores benevolentes, para o autoaperfeiçoamento e para a busca de um significado mais profundo da vida, além das preocupações materiais do dia a dia.

(Julian olha para Sophia e para o Sr. Liu com seriedade.)

Portanto, Sra. Sophia, Sr. Liu, concordo plenamente e estou muito disposto a participar da conversa de hoje não apenas como jornalista, mas também com a mentalidade de alguém que está na jornada de busca do Caminho (Tao), alguém que valoriza os valores espirituais e deseja explorar os significados mais

profundos dos eventos e questões que estamos discutindo.

Acredito que, quando podemos olhar para os problemas não apenas da perspectiva política e social, mas também da perspectiva de princípios universais, de valores morais, nossa conversa se tornará ainda mais rica e profunda.

Ouvir o Sr. Liu, uma pessoa que teve experiências práticas extremamente especiais e que agora caminha no caminho do cultivo, compartilhar dessa perspectiva, é para mim uma oportunidade muito preciosa. E também espero poder contribuir com meus pensamentos e perguntas da perspectiva de alguém que está aprendendo e valorizando esses valores.

Obrigado a ambos. Estou pronto.

Sophia Bell:

Sim, obrigada a ambos... Então, vamos começar oficialmente a segunda sessão...

Sim, gostaria de começar com o tema da maldade do Partido Comunista Chinês... Se pesquisarmos a história, veremos as coisas horríveis que o PCC já fez... as mais

recentes sendo o evento da Praça Tiananmen em 1989 e a perseguição ao Falun Gong desde 1999 até hoje...

Os senhores poderiam compartilhar brevemente suas impressões sobre esses dois eventos da perspectiva de um observador? Primeiro, convido o Sr. Liu...

Sr. Liu Siyuan:

(Ao ouvir a pergunta de Sophia, seu rosto assume uma expressão de tristeza e reflexão. Ele olha para a xícara de chá à sua frente por um longo momento antes de falar, a voz carregada com o peso da memória e da contemplação.)

Sra. Sophia, Sr. Julian, é verdade que, olhando para trás, ambos os eventos são marcos trágicos.

Sobre o evento da Praça Tiananmen em 1989, na época eu era um estudante do segundo ou terceiro ano da universidade, com especialização em Filosofia Marxista-Leninista. Pouco antes disso, aos 20 anos, tive a honra de ser admitido no Partido Comunista Chinês. Para um jovem como eu naquela época, criado na educação e orientação do Partido, considerar a adesão ao Partido um orgulho, um grande reconhecimento, meu pensamento confiava completamente na liderança do Partido, no caminho socialista que o país estava seguindo.

Por isso, quando o movimento estudantil eclodiu, da perspectiva de um jovem membro do partido, alguém que acreditava na estabilidade e no papel de liderança do Partido, eu recebia informações principalmente pelos canais oficiais. O que ouvíamos era sobre um pequeno grupo de estudantes sendo "incitados", com demandas "inapropriadas", causando "desordem", afetando a "estabilidade social".

Para ser honesto, na época eu não conhecia a verdadeira natureza das demandas da maioria dos estudantes, nem imaginava a gravidade do que havia acontecido. A informação sobre a mobilização do exército, eu a entendia simplesmente como uma medida necessária para "manter a ordem", "proteger as conquistas da revolução". As imagens, os números de vítimas... quase não chegaram até nós de forma completa e objetiva. Tudo foi descrito como uma ação "decisiva" do governo para "reprimir a desordem".

Mais tarde, quando me formei, tornei-me professor e entrei na política, o evento de Tiananmen tornou-se quase um tabu, não discutido publicamente. Mesmo quando eu era uma autoridade provincial, as informações detalhadas e multifacetadas sobre o evento ainda estavam além do meu alcance.

Somente mais tarde, quando vim para os Estados Unidos e tive a oportunidade de acessar fontes de informação

livres, documentos históricos não censurados, relatos de testemunhas... foi que fiquei verdadeiramente chocado ao perceber a escala e a brutalidade do que aconteceu em Tiananmen. Naquela época, entendi a dor e a indignação daqueles que perderam entes queridos, daqueles que tiveram que viver no exílio. E também senti vergonha pela minha ignorância, pela minha indiferença por tanto tempo, embora talvez não tenha sido inteiramente minha culpa, mas uma consequência de um sistema de bloqueio de informações e da confiança um tanto cega da juventude.

Quanto à perseguição ao Falun Gong desde 1999, como já compartilhei, meu processo de conscientização passou por estágios semelhantes: de acreditar na propaganda unilateral, à indiferença, depois às dúvidas iniciais quando a tragédia atingiu minha família, e finalmente ao "despertar" completo quando eu mesmo investiguei e comecei a praticar.

Em comparação com o evento de Tiananmen, a perseguição ao Falun Gong talvez tenha sido encoberta de forma mais sofisticada, ocorrendo silenciosamente, mas de forma extremamente cruel e sistemática em uma escala muito maior. É também por isso que muitas pessoas, mesmo na China, não sabem ou não acreditam nos crimes que estão ocorrendo, especialmente a extração forçada de órgãos.

Ambos os eventos, para mim agora, são evidências claras de como um regime ditatorial pode controlar a informação, distorcer a verdade e cometer crimes terríveis sem ser devidamente punido, pelo menos por um longo tempo. E também mostra a importância de buscar a verdade, de ouvir vozes diferentes, algo que não consegui fazer durante a maior parte da minha vida até ser tarde demais.

Essas são minhas impressões, senhora, ao olhar para esses dois eventos da perspectiva de alguém que já esteve no "nevoeiro" da informação e tinha uma grande fé inicial no Partido.

Sophia Bell:

Sim, e quanto a você, Julian, por favor, compartilhe...

Julian Lee:

(Julian ouve atentamente o Sr. Liu e acena levemente quando Sophia o convida a falar. Ele pigarreja suavemente, a postura ereta e profissional.)

Obrigado, Sra. Sophia, obrigado, Sr. Liu, por seus compartilhamentos tão sinceros e profundos. Da perspectiva de um jornalista, alguém que observa os

desenvolvimentos políticos e sociais na China há muitos anos, também tenho algumas reflexões sobre esses dois eventos, que talvez adicionem alguns outros aspectos.

Sobre o evento da Praça Tiananmen em 1989, para a comunidade internacional e os pesquisadores, ele é frequentemente visto como um ponto de virada sombrio, que expôs a verdadeira face do Partido Comunista Chinês quando confrontado com desafios ao seu poder absoluto. O evento de Tiananmen tem as seguintes características principais:

Primeiro, a brutalidade calculada: A repressão não foi apenas uma reação impulsiva, mas mostra sinais de uma decisão cuidadosamente calculada pela mais alta liderança, com o objetivo de esmagar completamente o movimento democrático e enviar uma forte mensagem de intimidação a qualquer um com intenções semelhantes no futuro. Mostrou que, para o PCC, a "estabilidade" (em sua interpretação, manter o poder a qualquer custo) é mais importante que as vidas e aspirações do povo.

Segundo, o bloqueio de informações e a propaganda enganosa: Logo após o evento, a máquina de propaganda da China operou a todo vapor para distorcer a verdade, rotulando os manifestantes pacíficos como "desordeiros", "contrarrevolucionários", e escondendo o número real de vítimas. Isso, como o Sr.

Liu acabou de compartilhar, conseguiu enganar não apenas a opinião pública doméstica, mas também parte da opinião pública internacional por um tempo. É também um exemplo clássico de como um regime ditatorial controla o fluxo de informações.

Terceiro, as consequências a longo prazo: O evento de Tiananmen não apenas suprimiu o movimento democrático na China por muitos anos, mas também criou uma geração de líderes posteriores ainda mais vigilantes e duros com qualquer sinal de dissidência. Também fez com que muitos intelectuais com ideias reformistas se calassem ou deixassem o país.

Em relação à perseguição ao Falun Gong desde 1999, vejo-a como uma campanha em escala, sistemática e de natureza genocida em termos espirituais, e até mesmo físicos, contra um grupo pacífico com base em sua fé. A perseguição tem as seguintes características principais:

Primeiro, o medo irracional do regime: O rápido desenvolvimento do Falun Gong, com dezenas de milhões de praticantes em todo o país, juntamente com seu sistema de valores morais de Verdade, Compaixão e Tolerância, que intrinsecamente não entra em conflito com nenhum governo decente, foi visto pelo PCC (especialmente por Jiang Zemin na época) como uma ameaça ideológica. Eles temiam uma força espiritual

independente, fora do controle do Partido, que pudesse enfraquecer sua base ideológica.

Segundo, o uso do aparato estatal para a repressão: O PCC mobilizou todo o aparato estatal, desde a polícia, tribunais, prisões, até a mídia e organizações de massa, para executar a perseguição. A criação do "Gabinete 610", uma agência extralegal especializada em dirigir e executar a perseguição, mostra a gravidade e o desprezo pela lei.

Terceiro, a propaganda de ódio e a desumanização das vítimas: Uma das táticas mais brutais foi o uso da mídia para difamar e caluniar o Falun Gong, incitando medo e ódio na população contra os praticantes. A desumanização das vítimas ("culto maligno", "não são humanos") criou as condições para que atos de tortura e assassinato ocorressem com pouca resistência da consciência social. Esta é uma tática clássica dos regimes genocidas.

Quarto, crimes contra a humanidade: As evidências de tortura brutal, detenção ilegal e, especialmente, a extração forçada de órgãos de praticantes vivos do Falun Gong, como já mencionamos e discutiremos mais a fundo, ultrapassaram todos os limites do crime. Isso não é mais um assunto interno da China, mas um crime contra a humanidade que requer a condenação e a intervenção da comunidade internacional.

Ambos os eventos, na minha opinião, mostram um padrão de comportamento consistente do PCC: quando se sentem desafiados ou há um elemento que não podem controlar, eles não hesitam em usar a violência e a mentira para aniquilar. A diferença, talvez, esteja no nível de sofisticação do encobrimento e na escala da brutalidade.

E como o Sr. Liu disse muito bem, o controle da informação é uma ferramenta extremamente eficaz para eles. Ele não apenas engana o povo dentro do país, mas também dificulta o acesso do mundo exterior à verdade e a adoção de respostas oportunas e fortes. É também por isso que o trabalho de jornalistas independentes, daqueles que ousam falar a verdade, se torna mais importante do que nunca.

Sophia Bell:

Então, os senhores percebem que ambos esses eventos terríveis estão ligados a uma pessoa?

Sr. Liu Siyuan:

(Ao ouvir a pergunta de Sophia, ele franze a testa levemente, um olhar aguçado passa por seu rosto. Ele

fica em silêncio por um momento, como se ponderasse algo, e então acena lentamente com a cabeça.)

Sra. Sophia, sua pergunta é muito direta e toca em um ponto que talvez muitas pessoas já tenham pensado. Quando olhamos para a história desses dois eventos, é verdade que há marcas, decisões cruciais que parecem estar intimamente ligadas a alguns indivíduos específicos no topo do poder.

Sobre o evento da Praça Tiananmen em 1989, o papel de Deng Xiaoping na tomada da decisão final de usar a força já foi mencionado por muitos analistas históricos. No entanto, quem se beneficiou diretamente e foi elevado ao cargo de Secretário-Geral após o evento, como todos sabemos, foi Jiang Zemin. Pode-se dizer que o evento de Tiananmen abriu o caminho para ele chegar ao auge do poder.

E então, dez anos depois, em 1999, foi o próprio Jiang Zemin, como chefe do Partido, do Estado e das Forças Armadas, que, desconsiderando a oposição de muitos outros no Politburo, lançou e dirigiu unilateralmente a brutal perseguição ao Falun Gong. Ele estabeleceu o Gabinete 610, uma agência especial com poder ilimitado, para executar esta campanha.

Da perspectiva de um observador, e mais tarde de alguém que busca a verdade, vejo que há uma conexão

inegável. Parece haver um medo inerente, uma inveja e um desejo de consolidar o poder absoluto que impulsionaram essas decisões.

No evento de Tiananmen, talvez tenha sido o medo de toda uma geração de líderes veteranos diante do risco de perder o controle, e Jiang Zemin aproveitou essa oportunidade.

Na perseguição ao Falun Gong, muitas análises sugerem que foi a inveja pessoal de Jiang Zemin diante do rápido desenvolvimento e prestígio do Falun Gong, bem como o medo de que uma ideologia baseada em Verdade, Compaixão e Tolerância pudesse ofuscar a ideologia do Partido. Ele usou essa perseguição como uma forma de testar a lealdade dos funcionários, consolidar sua facção e criar um "inimigo" para desviar a atenção do público de outros problemas internos.

Sejam quais forem os motivos específicos, está claro que as decisões pessoais de um líder autocrático, em um sistema sem mecanismos de controle de poder, podem causar consequências catastróficas para toda uma nação. A história provou isso muitas vezes.

Julian Lee:

(Julian acena com a cabeça em concordância com a análise do Sr. Liu, e depois acrescenta com perspicácia.)

O Sr. Liu analisou com muita precisão. Da perspectiva do jornalismo e da pesquisa política, o papel de Jiang Zemin em ambos os eventos, embora em diferentes graus de envolvimento direto, é algo que não pode ser ignorado.

Sobre Tiananmen 1989: Como o Sr. Liu disse, Jiang foi o maior beneficiário político. Sua escolha para substituir Zhao Ziyang, que tinha uma atitude mais moderada com os estudantes, mostra a "adequação" de Jiang à linha dura que a facção conservadora do Partido desejava após o evento. Isso também moldou seu estilo de liderança posterior.

Sobre a perseguição ao Falun Gong em 1999: Esta foi claramente uma decisão com o cunho pessoal de Jiang Zemin. Muitas fontes internas e analistas internacionais apontam que Jiang enfrentou a discordância, e até mesmo a oposição velada, de outros membros do Comitê Permanente do Politburo, que acreditavam que perseguir um grande grupo de cidadãos pacíficos era desnecessário e poderia causar instabilidade. No entanto, Jiang usou seu poder pessoal, sua influência nas forças armadas e no aparato de segurança, juntamente com a incitação do medo de "perder o Partido", para impor sua vontade.

A famosa frase atribuída a Jiang: "Não acredito que o Partido Comunista não possa derrotar o Falun Gong"

expressa claramente sua beligerância e obsessão pelo poder.

O lançamento desta perseguição também é visto como uma maneira de Jiang Zemin criar seu próprio "legado" político, consolidar seu poder e instalar seus aliados antes da transição de poder.

A conexão de um indivíduo, especialmente um líder com poder supremo, com decisões tão cruciais e com consequências tão graves, é uma característica comum em regimes ditatoriais. Isso mostra o perigo da concentração de poder nas mãos de uma pessoa ou de um pequeno grupo, com falta de supervisão, falta de mecanismos de crítica e contrapeso de poder.

Quando um indivíduo pode colocar sua vontade subjetiva acima do interesse nacional, acima das vidas e da liberdade dos cidadãos, tragédias como Tiananmen ou a perseguição ao Falun Gong são difíceis de evitar. E esclarecer o papel e a responsabilidade desses indivíduos também é uma parte importante da busca pela justiça histórica.

Sophia Bell:

Sim, os senhores disseram que Jiang Zemin foi o maior beneficiário após o evento de Tiananmen, mas por que ele se beneficiou? Por que Deng Xiaoping o escolheu?

Sr. Liu Siyuan:

(O Sr. Liu acena levemente, o olhar refletindo sobre os complexos cálculos de poder do passado.)

Sra. Sophia, esta é uma pergunta que aprofunda os acontecimentos políticos do alto escalão da China daquela época, uma questão que talvez até mesmo os envolvidos tenham interpretações diferentes. No entanto, com base no que foi divulgado posteriormente e nas análises de estudiosos, podemos ter uma ideia dos motivos.

É verdade que Jiang Zemin foi o maior beneficiário após o evento de Tiananmen. Do cargo de Secretário do Partido em Xangai, ele foi escolhido por Deng Xiaoping e outros líderes veteranos para substituir Zhao Ziyang, que caiu em desgraça por sua atitude branda e simpática ao movimento estudantil.

Então, por que Jiang Zemin?

Primeiro, sua atitude linha-dura com o movimento estudantil em Xangai: Este foi talvez o fator mais crucial. Enquanto a situação em Pequim era muito tensa, em

Xangai, Jiang Zemin demonstrou uma atitude firme e um tanto mais hábil no controle da situação. Ele ordenou o fechamento do *World Economic Herald* (Shijie Jingji Daobao), um jornal de tendência reformista que apoiava os estudantes, e também tomou medidas para impedir que as manifestações se espalhassem sem causar um grande derramamento de sangue como em Pequim (pelo menos antes do massacre ocorrer). Essa ação de Jiang teria agradado a Deng Xiaoping e aos líderes da linha dura. Eles viram em Jiang alguém capaz de "manter a estabilidade", alguém que não hesitaria em proteger o poder do Partido, algo que Zhao Ziyang não demonstrou, na perspectiva deles.

Segundo, seu histórico relativamente "limpo" e pouco envolvimento em facções no governo central: Comparado a outros candidatos em potencial em Pequim, Jiang Zemin na época era considerado menos envolvido nas complexas lutas de facções no centro. Isso pode tê-lo tornado uma escolha mais "segura", alguém que poderia harmonizar diferentes grupos após a crise.

Terceiro, sua experiência em gestão econômica: Embora não fosse um reformador econômico excepcional, Jiang tinha experiência na gestão de um grande centro econômico como Xangai. Num contexto em que a China precisava continuar o caminho da reforma econômica após a turbulência política, esse fator também pode ter sido considerado.

Quarto, o apoio dos líderes veteranos: A decisão final ainda estava nas mãos de Deng Xiaoping e de um pequeno grupo de líderes anciãos. Eles precisavam de alguém que pudesse garantir a estabilidade política com uma linha dura e, ao mesmo tempo, continuar a reforma econômica que Deng havia iniciado. Jiang Zemin, com o que demonstrou em Xangai, parecia atender a esses requisitos aos olhos deles.

Em resumo, a escolha de Jiang Zemin, na minha opinião, foi uma combinação de muitos fatores, mas a sua atitude firme ao lidar com a situação em Xangai, especialmente ao reprimir a imprensa livre e controlar as manifestações, foi o maior "ponto positivo" aos olhos de Deng Xiaoping e da facção linha-dura. Eles precisavam de um sucessor que não vacilasse, que estivesse disposto a usar medidas fortes para proteger a supremacia do poder do Partido, e Jiang provou isso.

Julian Lee:

(Julian acena com a cabeça, adicionando uma perspectiva analítica.)

O Sr. Liu analisou muito bem os fatores principais. Gostaria apenas de enfatizar alguns pontos da perspectiva da observação política.

Primeiro, a queda de Zhao Ziyang criou um vácuo de poder: A remoção de Zhao Ziyang por discordar da forma de lidar com os protestos criou um vácuo no mais alto cargo de liderança. Deng Xiaoping precisava encontrar rapidamente um substituto para estabilizar a situação e demonstrar controle.

Segundo, Jiang Zemin era um "homem de Deng": Embora Jiang não fosse o confidente mais próximo de Deng, ele era visto como leal à linha de Deng, especialmente na manutenção da liderança do Partido enquanto promovia a reforma econômica. A atitude linha-dura de Jiang em Xangai fortaleceu essa confiança.

Terceiro, o "teste" em Xangai: A forma como Jiang lidou com o *World Economic Herald* e os protestos em Xangai foi vista como um "teste" de sua lealdade e capacidade de controlar a situação. O fato de Jiang ter seguido as ordens dos líderes centrais nesse assunto, apesar das reações negativas dos intelectuais, mostrou que ele era alguém que "sabia ouvir" e estava disposto a executar ordens difíceis.

Quarto, ele era menos "espinhoso" que outros candidatos: Algumas outras figuras no Politburo na época poderiam ter mais ambições ou facções mais fortes, o que poderia ter preocupado Deng e os veteranos sobre a estabilidade interna futura. Jiang Zemin, até certo ponto, parecia uma

escolha menos controversa internamente no Partido naquele momento.

Assim, a escolha de Jiang Zemin não foi apenas sorte pessoal, mas o resultado de uma série de cálculos políticos complexos durante um período de crise do PCC. E como o Sr. Liu disse, a "determinação" dele em Xangai foi o fator decisivo, mostrando que ele era a pessoa em quem Deng Xiaoping podia confiar para proteger o "bastião" do Partido.

Sophia Bell:

Eu geralmente não gosto de criticar indivíduos específicos em meus artigos ou livros... mas por que mencionei Jiang Zemin?... Porque, de uma perspectiva pessoal, percebo que ele é a personificação do mal!

Sr. Liu Siyuan:

(Ao ouvir as palavras de Sophia, ele acena lentamente, seu olhar mostra concordância, mas também uma certa reflexão.)

Sra. Sophia, entendo sua relutância em criticar nominalmente um indivíduo em suas obras. É uma atitude cautelosa e profissional de um jornalista e

escritor. No entanto, quando enfrentamos crimes e tragédias sistemáticas, esclarecer a responsabilidade dos líderes, daqueles que tomam as decisões, às vezes é inevitável se quisermos chegar ao fundo da verdade.

A senhora disse que, de uma perspectiva pessoal, percebe que Jiang Zemin é a "personificação do mal"...

(Ele para, pensativo.)

Esta é uma afirmação muito forte, e posso entender por que a senhora tem essa percepção, especialmente ao olhar para a perseguição ao Falun Gong.

Para mim, alguém que já esteve dentro do sistema, depois se tornou uma vítima indireta e, mais tarde, um buscador da verdade, também vejo que as políticas e ações sob o governo de Jiang Zemin, especialmente relacionadas à perseguição ao Falun Gong, carregam uma cor particularmente sombria e cruel.

Primeiro, a inveja e o medo pessoais: Muitas análises sugerem que a determinação de Jiang Zemin em erradicar o Falun Gong originou-se de sua inveja pessoal do crescente prestígio e influência do Mestre Li Hongzhi, bem como do medo de que um sistema de valores morais baseado em Verdade, Compaixão e Tolerância pudesse enfraquecer a base ideológica do Partido Comunista e, conseqüentemente, seu poder absoluto.

Não era uma preocupação com a nação ou o povo, mas uma preocupação com o poder pessoal e de sua facção.

Segundo, o desprezo pela lei e pela opinião coletiva: O fato de ele ter ignorado a discordância de muitos outros membros do Politburo e estabelecido o Gabinete 610 como uma agência acima da lei, mostra uma tirania e um despotismo extremos.

Terceiro, a incitação ao ódio e o uso brutal da máquina de propaganda: A maneira como a máquina de propaganda sob sua direção difamou e caluniou o Falun Gong, semeando medo e ódio na população, é um exemplo clássico do uso da mídia como ferramenta para o crime.

Quarto, a política de "arruinar suas reputações, levá-los à falência financeira e destruí-los fisicamente": Esta política genocida, que se acredita ter se originado das diretrizes de Jiang Zemin, levou a inúmeras tragédias, desde tortura e assassinato até o crime da extração forçada de órgãos. Isso mostra uma crueldade sem limites.

Quando um indivíduo, com poder em mãos, pode causar sofrimento a dezenas de milhões de pessoas, destruir belos valores morais e criar uma ferida incurável para toda uma nação apenas por motivos egoístas, vê-lo como uma "personificação do mal" não é sem fundamento.

No entanto, da perspectiva de um praticante, também entendo que o mal não existe apenas em um indivíduo. Jiang Zemin pode ter sido o iniciador, o principal responsável, mas esse crime também foi executado por todo um sistema, por inúmeras outras pessoas, desde os bajuladores, aqueles que cumprem ordens cegamente, até os que silenciosamente consentem.

E, em um nível mais profundo, esse mal também é uma manifestação da decadência moral em toda a sociedade, da prevalência dos desejos mais baixos, do esquecimento dos valores benevolentes.

Portanto, apontar o papel de Jiang Zemin é necessário para esclarecer a responsabilidade histórica, mas também é preciso reconhecer que, para que o mal pudesse se espalhar tanto, ele precisava de um "terreno fértil" para nutri-lo. E mudar esse "terreno", restaurar os valores morais, é a solução fundamental.

Julian Lee:

(Julian acena com a cabeça após o Sr. Liu terminar de falar, e então continua de forma analítica.)

Concordo com os pontos que o Sr. Liu acabou de levantar. A percepção de Sophia de que Jiang Zemin é a "personificação do mal" é um sentimento muito

compreensível, especialmente quando se confronta a escala e a natureza da perseguição ao Falun Gong.

Na ciência política e no estudo de regimes autoritários, frequentemente vemos que o papel do "homem forte" (strongman) ou do "líder supremo" é crucial na formulação de políticas e na causa de grandes convulsões. Jiang Zemin, no caso da perseguição ao Falun Gong, agiu como um "homem forte" típico:

Primeiro, concentração de poder: Ele consolidou seu poder pessoal e o usou para impor sua vontade a todo o Partido, apesar das opiniões divergentes.

Segundo, criação de um inimigo: "Descobrir" ou "criar" um inimigo (neste caso, o Falun Gong) é uma tática clássica para consolidar o poder, unir internamente (mesmo que à força) e desviar a atenção de outros problemas.

Terceiro, uso da violência estatal: Ele não hesitou em usar todo o aparato de violência do Estado para esmagar o "inimigo" identificado.

Quarto, culto à personalidade (implícito): Embora não tão aberto como na era de Mao, o fato de as políticas terem uma forte marca pessoal e a lealdade ao líder se tornar uma medida importante também é uma manifestação disso.

No entanto, como o Sr. Liu também apontou, um indivíduo, por mais poderoso que seja, não pode cometer sozinho um crime de grande escala como este. Requer a participação, a cumplicidade ou, no mínimo, o silêncio de todo um sistema. Esse sistema inclui:

Primeiro, o aparato burocrático: Aqueles que executam as ordens.

Segundo, as forças de segurança e militares: As ferramentas da violência.

Terceiro, a máquina de propaganda: A ferramenta de lavagem cerebral e incitação ao ódio.

Quarto, a indiferença ou o medo do público: Isso cria as condições para que o mal se espalhe.

Portanto, quando dizemos que Jiang Zemin é a "personificação do mal", talvez devêssemos entender que ele é a encarnação, o iniciador e o principal responsável por uma forma de "mal organizado", um "mal sistêmico" nutrido e executado por um regime ditatorial.

O fato de jornalistas, pesquisadores e testemunhas como o Sr. Liu ousarem apontar o papel de indivíduos específicos como Jiang Zemin é um passo importante na luta contra o esquecimento e na exigência de responsabilização. Não se trata apenas de "crítica

pessoal", mas de analisar de forma científica e responsável como o poder pode ser abusado para cometer crimes terríveis.

Sophia Bell:

Falando sobre a maldade do PCC manifestada através da perseguição ao Falun Gong, com base em suas observações pessoais e nas investigações internacionais independentes que o senhor conhece, o senhor poderia explicar melhor para que os leitores entendam? Sobre as evidências, os números, a escala...

Normalmente nos EUA ou na Europa, quando um paciente precisa de um transplante de órgão, ele geralmente precisa esperar meses ou anos para que o hospital encontre um doador compatível... Mas ouvi dizer que, nos casos na China, é possível encontrar um órgão compatível para um paciente em apenas alguns dias... o que isso nos diz?

Julian Lee:

(O rosto de Julian fica mais sério, ele pega um pequeno caderno e uma caneta, como para organizar informações importantes.)

Sra. Sophia, Sr. Liu, a questão que a senhora acabou de levantar – a incrível diferença no tempo de espera por

um transplante de órgão entre a China e os países ocidentais – é uma das evidências indiretas mais importantes, uma "bandeira vermelha" que sinaliza que algo extremamente anormal e alarmante está acontecendo na indústria de transplantes de órgãos da China.

Como a senhora disse corretamente, em países desenvolvidos como os EUA ou os países europeus, onde existem sistemas de doação de órgãos baseados na voluntariedade, transparência e regulamentação rigorosa, o tempo de espera por um rim, um fígado ou um coração compatível pode levar meses, ou até anos. Isso se deve à escassez de órgãos doados em comparação com a demanda e à complexidade de encontrar um órgão medicamente compatível. Os pacientes são colocados em uma lista de espera, e a alocação de órgãos é baseada em critérios médicos objetivos.

Então, por que na China é possível "encomendar" um órgão e recebê-lo em apenas alguns dias ou semanas?

Isso nos diz uma verdade terrível: a China deve ter um enorme "banco" de órgãos vivos, onde os "fornecedores" são pessoas vivas que podem ser mortas sob demanda para fornecer órgãos aos pacientes.

Para esclarecer melhor para os leitores, gostaria de apresentar alguns pontos principais de investigações

internacionais independentes que estudei, especialmente dos relatórios de David Kilgour, David Matas e Ethan Gutmann:

Primeiro, sobre a explosão da indústria de transplantes de órgãos na China: A partir de 2000, o número de transplantes de órgãos na China aumentou drasticamente. A China rapidamente se tornou o segundo maior país do mundo em número de transplantes, atrás apenas dos EUA. O notável é que essa explosão ocorreu em um contexto em que a China não tinha um sistema público eficaz de doação voluntária de órgãos. De acordo com a cultura tradicional, os chineses geralmente não desejam doar órgãos após a morte. O número de doadores voluntários era extremamente pequeno, incapaz de atender à enorme escala de transplantes.

Segundo, sobre a fonte "oficial" de órgãos inexplicável: Inicialmente, o governo chinês alegou que a principal fonte de órgãos vinha de prisioneiros executados. No entanto, o número de prisioneiros executados (embora ainda alto) não poderia explicar o número de transplantes. Além disso, o uso de órgãos de prisioneiros executados também viola os padrões internacionais de ética médica. Sob pressão internacional, a China anunciou que construiria um sistema de doação voluntária e reduziria gradualmente o uso de órgãos de prisioneiros executados. Mas o número de transplantes

permaneceu alto, e o tempo de espera por órgãos continuou suspeitosamente curto.

Terceiro, sobre o tempo de espera por órgãos absurdamente curto: Como a Sra. Sophia mencionou, esta é uma das evidências mais fortes. Hospitais na China, sites que promoviam o turismo de transplantes (antes de serem removidos devido à pressão) anunciavam abertamente que podiam encontrar um órgão compatível para um paciente em apenas algumas semanas, ou até dias. Isso é impossível sem um enorme banco de prisioneiros, que são testados para tipo sanguíneo e de tecido com antecedência, prontos para serem mortos quando há um "pedido". Alguns hospitais podiam até agendar transplantes de órgãos com antecedência, o que mostra que eles tinham controle total sobre o fornecimento de órgãos.

Quarto, sobre as evidências de testemunhas: Os investigadores coletaram depoimentos de médicos, enfermeiros (alguns fugiram para o exterior), guardas prisionais e até mesmo de ex-pacientes de transplantes na China. Seus depoimentos revelam um processo bem organizado, desde a testagem de sangue dos prisioneiros (especialmente praticantes do Falun Gong), até a seleção da "fonte" adequada e a realização da cirurgia de extração de órgãos, muitas vezes enquanto a vítima ainda estava viva ou tinha acabado de ser morta. Há relatos horríveis de praticantes do Falun Gong sendo

torturados, submetidos a exames de saúde anormais (focados apenas nos órgãos internos) e depois "desaparecendo".

Quinto, sobre os dados estatísticos e a análise lógica: Os investigadores analisaram dados de centenas de hospitais de transplantes na China, comparando dados sobre o número de leitos, médicos, cirurgias anunciadas (embora muitas vezes ocultadas) com o número de órgãos de fontes legais. A discrepância é enorme, chegando a dezenas de milhares de casos por ano sem origem explicável. Ethan Gutmann, em seu livro *"The Slaughter"* (O Massacre), estima que cerca de 65.000 praticantes do Falun Gong podem ter sido mortos para extração de órgãos no período de 2000-2008. Relatórios posteriores atualizaram esse número, que pode ser muito maior.

Sexto, sobre a coincidência temporal: A explosão da indústria de transplantes na China (após 2000) coincide de forma surpreendente com o início da perseguição ao Falun Gong (julho de 1999) e o grande número de praticantes do Falun Gong presos e detidos em prisões e campos de trabalho em todo o país. Eles se tornaram uma "fonte de órgãos" abundante, saudável (por não fumarem, beberem e praticarem qigong) e desprotegida pela lei.

Todos esses fatores, quando reunidos, pintam um quadro terrível: o Partido Comunista Chinês, por lucro e para eliminar um grupo que considera "inimigo", tolerou, e até mesmo arquitetou, uma indústria de extração forçada de órgãos de prisioneiros de consciência, cujas principais e primeiras vítimas são os praticantes do Falun Gong.

O fato de o tempo de espera por órgãos na China ser tão curto, Sra. Sophia, não é uma "conquista médica" como eles tentam propagandear, mas sim uma evidência que denuncia um crime contra a humanidade em andamento. Mostra o desprezo extremo pela vida humana, onde as pessoas são transformadas em um "estoque de peças de reposição" para servir aos interesses de outros.

Sr. Liu Siyuan:

(O Sr. Liu ouve Julian falar, seu rosto fica ainda mais pesado, ele acena levemente, a voz um pouco trêmula.)

Sr. Julian, o que o senhor acabou de apresentar... sistematiza e esclarece muitas das coisas que eu senti vagamente e dolorosamente descobri mais tarde. Quando Anran... quando ela foi levada, e depois que soube da verdade, também me perguntei por que eles podiam fazer isso tão rapidamente, por que havia uma "demanda" tão grande.

Os números, as análises que o senhor apresentou, mostram que esta não é uma ação impulsiva de alguns indivíduos desumanos, mas todo um sistema de crime organizado de forma sofisticada. O chamado "curto tempo de espera por órgãos" na China, para mim agora, é sinônimo de inúmeras vidas inocentes que foram tiradas injustamente, "sob encomenda".

Isso também explica por que o regime tenta tanto esconder as informações, por que eles se recusam a permitir investigações internacionais verdadeiramente independentes. Porque a verdade é terrível demais, e se for totalmente exposta, será um veredito de consciência inegável para eles.

Eu... eu realmente não sei mais o que dizer. Apenas sinto que a dor e a indignação crescem cada vez mais. Obrigado, Sr. Julian, por ter a coragem de dizer essas coisas.

Sophia Bell:

Falando nisso, lembro-me de algo que me chocou profundamente, e suspeito que esteja relacionado ao crime de extração forçada de órgãos na China...

Vou resumir da seguinte forma: no final de junho de 2018, durante uma viagem de trabalho à Cidade de Ho Chi Minh – a maior cidade do Vietnã – li por acaso uma informação de que havia uma exposição de corpos humanos plastinados, chamada "Mistério do Corpo Humano", em nome da ciência e da arte...

Eu fui ver e fiquei chocada...

Não consegui entender por que as pessoas fariam isso em nome da ciência e da arte...

Uma imagem que mais me chocou foi o corpo de uma mulher grávida com o abdômen aberto, com um feto de cerca de 7 a 8 meses dentro... Não entendo por que e como eles poderiam obter o corpo de uma mulher grávida para dissecar e exibir ao público. Se essa mulher tivesse morrido de doença ou acidente, sua família certamente a teria enterrado com dignidade, não haveria uma situação em que a família doaria o corpo a um estranho para que ele o dissecasse e exibisse à vontade...

Mais tarde, pesquisei mais e descobri que esses corpos vieram de uma fábrica de plastinação de corpos fundada por um alemão chamado Gunther von Hagens em agosto de 1999, na China... E parece que muitas outras fábricas foram estabelecidas por outras pessoas também... e eles realizaram muitas exposições em vários lugares do mundo...

Minha suspeita é: será que os corpos fornecidos a essas fábricas são os corpos das vítimas da extração forçada de órgãos vivos na China?

Julian Lee:

(Julian ouve a história de Sophia com uma expressão muito séria. Quando Sophia termina, ele acena lentamente, o olhar cheio de reflexão e uma certa indignação.)

Sra. Sophia, sua experiência e suas dúvidas sobre a exposição "Mistério do Corpo Humano" que a senhora viu na Cidade de Ho Chi Minh são realmente muito pertinentes, e coincidem perfeitamente com as profundas preocupações que muitos investigadores de direitos humanos, incluindo eu, têm levantado ao longo dos anos.

O que a senhora descreveu – especialmente a imagem chocante do corpo plastinado de uma mulher grávida com seu feto – é um dos pontos-chave que levanta questões sobre a origem e a ética dos corpos usados nessas exposições.

(Ele para por um momento, como para enfatizar a importância do assunto.)

Exatamente como a senhora descobriu, Gunther von Hagens, o inventor da técnica de plastinação, estabeleceu

uma grande fábrica em Dalian, China, em agosto de 1999. E não foi apenas a fábrica de Von Hagens; mais tarde, muitas outras instalações de plastinação surgiram na China, transformando o país em um centro de produção e exportação de espécimes de corpos humanos plastinados.

A coincidência temporal é muito suspeita:

Primeiro, Julho de 1999: O Partido Comunista Chinês inicia a perseguição ao Falun Gong em todo o país, levando à prisão e detenção de milhões de praticantes.

Segundo, Agosto de 1999: A fábrica de plastinação de Von Hagens é estabelecida em Dalian.

Terceiro, a partir de 2000: A indústria de transplante de órgãos na China explode, e ao mesmo tempo, as exposições "Body Worlds" e versões semelhantes começam a aparecer e a viajar pelo mundo, usando principalmente corpos da China.

Sua suspeita sobre se esses corpos são de vítimas da extração forçada de órgãos é uma suspeita totalmente fundamentada e compartilhada por muitos:

Primeiro, a fonte obscura dos corpos: Os organizadores da exposição geralmente afirmam que os corpos são de "doadores voluntários para a ciência" ou "corpos não

reclamados". No entanto, eles raramente, ou nunca, fornecem provas autênticas do consentimento do falecido ou de sua família, especialmente para os corpos provenientes da China. O sistema de doação voluntária de corpos na China, assim como o de órgãos, é quase inexistente ou muito fraco.

Segundo, o "desaparecimento" de prisioneiros de consciência: Como já discutimos, centenas de milhares, talvez milhões de praticantes do Falun Gong e outros prisioneiros de consciência "desapareceram" no sistema prisional e nos campos de trabalho da China. Suas famílias não recebem informações, não recebem os corpos. A questão é: para onde foram esses corpos?

Terceiro, o benefício econômico: Tanto a indústria de transplante de órgãos quanto a indústria de exposição de corpos humanos plastinados geram lucros enormes. A possibilidade de os prisioneiros de consciência serem vistos como um "recurso" a ser explorado – extraindo os órgãos para venda e vendendo o resto do corpo para fábricas de plastinação – é um cenário horrível, mas não ilógico em um sistema desumano que coloca os interesses econômicos e políticos acima da vida humana.

Quarto, o caso específico da mulher grávida: Como a Sra. Sophia apontou com muita perspicácia, é quase impossível que uma família doe voluntariamente o corpo de uma mulher grávida junto com seu feto para exibição

em qualquer cultura, especialmente na cultura do Leste Asiático. A existência de tais espécimes aumenta ainda mais a suspeita de que sua origem não foi "voluntária" nem "limpa". É muito provável que fossem prisioneiros que foram mortos, e ninguém pôde falar por eles.

Conexão com a extração forçada de órgãos:

Embora provar diretamente e legalmente que um corpo específico na exposição pertence a uma vítima específica da extração forçada de órgãos seja extremamente difícil (porque o governo chinês controla rigorosamente todas as informações e provas), as evidências indiretas são muito fortes:

Primeiro, a fonte abundante de prisioneiros de consciência, controlados e desprotegidos pela lei.

Segundo, após a remoção dos órgãos valiosos, o resto do corpo precisa ser "descartado". Vender para fábricas de plastinação traria lucro e ajudaria a "apagar os vestígios" de forma eficaz.

Terceiro, a falta de transparência e as explicações insatisfatórias tanto do lado chinês quanto dos organizadores da exposição.

Muitas organizações de direitos humanos e investigadores pediram investigações independentes

sobre a origem dos corpos usados nessas exposições e apelaram ao boicote delas até que haja total transparência.

O que a senhora testemunhou e suas suspeitas, Sra. Sophia, não são apenas sentimentos pessoais, mas refletem uma preocupação profundamente fundamentada sobre um crime potencial, onde a brutalidade não se limita a tirar a vida, mas também a profanar e comercializar o corpo da vítima após a morte.

Sr. Liu Siyuan:

(O Sr. Liu ouve a história de Sophia e a análise de Julian, seu rosto empalidece, revelando horror e dor. Ele balança a cabeça lentamente, a voz um tanto rouca.)

Inacreditável... Inacreditável até que ponto a crueldade humana pode chegar... Quando soube que Anran foi submetida à extração forçada de órgãos, pensei que esse era o cúmulo da desumanidade. Mas ouvindo o que a Sra. Sophia contou, e a análise do Sr. Julian... o fato de que os corpos das vítimas, talvez até o da minha filha, ainda são usados para exibição, comercializados... isso é uma humilhação, uma profanação que não pode ser descrita em palavras.

Eu... eu realmente não sei mais o que dizer. Isso ultrapassa todos os limites da imaginação sobre o mal. Se

isso for verdade, então o Partido Comunista Chinês não apenas cometeu crimes contra a humanidade, mas também está destruindo todos os valores morais, os últimos limites da humanidade.

(Ele abaixa a cabeça, as mãos cerradas, tentando conter as emoções.)

Eu pensava que entendia um pouco da brutalidade deles. Mas talvez, eu ainda fosse muito ingênuo. O mal deles não tem fundo.

Sophia Bell:

Sim, casos como o da filha do Sr. Liu são uma história trágica... atos perversos que são encobertos e protegidos pelo próprio governo chinês, revelados apenas parcialmente por um pequeno número de fontes e testemunhas...

Julian Lee:

(Julian acena com a cabeça para as palavras de Sophia, seu olhar expressa empatia pelo Sr. Liu, mas também a determinação de um jornalista que busca a verdade.)

A Sra. Sophia está absolutamente certa. Casos como o de Anran, a filha do Sr. Liu, são tragédias pessoais extremamente dolorosas, mas não são eventos isolados ou excepcionais. São peças que revelam uma pequena parte de um quadro de crimes muito maior, um crime sistematicamente encoberto e protegido pelo poder do Estado do Partido Comunista Chinês.

(Ele olha para o Sr. Liu, depois se volta para Sophia.)

O fato de esses atos perversos serem revelados apenas parcialmente por um pequeno número de fontes e testemunhas é uma realidade triste, mas compreensível no contexto de um regime totalitário:

Primeiro, o controle absoluto da informação: Como já mencionamos várias vezes, o PCC controla quase todo o fluxo de informações no país. Qualquer informação desfavorável a eles, especialmente informações que expõem crimes, é rigorosamente censurada, bloqueada e distorcida. O "Grande Firewall" não apenas bloqueia informações de fora para dentro, mas também impede que informações de dentro vazem para fora.

Segundo, a intimidação e o terrorismo contra as testemunhas: Aqueles que ousam falar, que ousam testemunhar sobre esses crimes, enfrentam o risco de retaliação brutal, desde prisão, tortura, encarceramento, até o assédio e a vigilância de seus parentes. Isso cria

uma atmosfera de medo generalizado, fazendo com que muitos que sabem a verdade não ousem falar.

Terceiro, a falta de mecanismos de investigação independentes no país: Na China, não há agências de investigação independentes, não há um judiciário verdadeiramente independente, não há imprensa livre para expor e julgar esses crimes. Tudo está sob a direção do Partido.

Quarto, a complexidade e a dificuldade na coleta de provas: Para crimes cometidos secretamente e de forma organizada, como a extração forçada de órgãos, a coleta de provas diretas e irrefutáveis é extremamente difícil, especialmente para investigadores internacionais, que têm seu acesso ao local e às testemunhas na China muito limitado.

Quinto, a indiferença ou os interesses econômicos de alguns países e organizações internacionais: Infelizmente, às vezes, por interesses econômicos ou políticos imediatos, alguns países e organizações internacionais optaram por "fechar os olhos" para as evidências dos crimes do PCC, ou apenas se manifestaram de forma fraca, sem poder de dissuasão.

É por causa dessas barreiras que as informações que obtemos são muitas vezes apenas a "ponta do iceberg", vindas de:

Primeiro, testemunhas corajosas que conseguiram fugir para o exterior: Podem ser ex-prisioneiros de consciência, médicos, enfermeiros, policiais... pessoas que souberam direta ou indiretamente do crime e decidiram falar, apesar do perigo.

Segundo, parentes de vítimas que buscam incansavelmente por justiça: Como no caso do Sr. Liu, embora tardiamente, a dor e a verdade o impulsionaram a falar.

Terceiro, investigadores internacionais persistentes de direitos humanos: Pessoas como David Kilgour, David Matas, Ethan Gutmann... que passaram anos coletando e analisando evidências, apesar dos obstáculos e da negação do lado chinês.

Quarto, vazamentos de informações de dentro do sistema: Embora raros, às vezes há informações e documentos secretos que vazam de pessoas com consciência dentro do sistema.

Cada pedaço de informação, cada depoimento de testemunha, por menor que seja, é extremamente valioso. Eles são como peças de um quebra-cabeça, que lentamente nos ajudam a formar o quadro completo do crime. E o trabalho de jornalistas independentes, de organizações de direitos humanos, é justamente tentar coletar, verificar e divulgar essas peças, para que a

verdade ne seja enterrada e para que os criminosos ne possam escapar para sempre da responsabilidade.

A luta para expor a verdade e exigir justiça para as vítimas do PCC é uma luta longa e árdua. Mas, como o Sr. Liu disse, enquanto houver pessoas corajosas que ousem falar, enquanto houver pessoas que persistam em buscar a verdade, a luz finalmente triunfará sobre a escuridão.

Sophia Bell:

Então, a comunidade internacional, especialmente governos ou organizações globais como as Nações Unidas, ainda não tomou nenhuma ação concreta e forte o suficiente para trazer este crime à luz... Pelo que observo, ainda são apenas alguns indivíduos ou pequenos grupos que corajosamente se manifestam sobre este assunto...

Houve um tempo em que eu esperava que os governos dos EUA, da França ou do Canadá pudessem fazer declarações ou tomar ações mais fortes, em vez de apenas algumas frases nos relatórios anuais de religião, ou no rascunho de um projeto de lei de alguns poucos parlamentares...

Julian Lee:

(O rosto de Julian mostra clara concordância e uma certa decepção com as observações de Sophia.)

Sra. Sophia, o que a senhora acabou de compartilhar reflete uma triste realidade e também é uma grande preocupação para muitas pessoas interessadas na questão dos direitos humanos na China. É verdade que, até agora, a resposta da comunidade internacional, especialmente de grandes governos e organizações globais como as Nações Unidas, aos crimes do PCC, incluindo a extração forçada de órgãos, tem sido muito limitada, não correspondendo à gravidade do problema.

(Ele para, como para enfatizar a decepção.)

O que vemos?

Primeiro, as Nações Unidas: Frequentemente criticadas por sua ineficácia, por serem influenciadas por grandes potências (incluindo a China com seu poder de veto no Conselho de Segurança), e por geralmente emitirem apenas relatórios e apelos genéricos, sem medidas punitivas ou mecanismos de investigação verdadeiramente fortes. Os órgãos de direitos humanos da ONU podem se manifestar, mas seu alcance e capacidade de ação são frequentemente limitados por fatores políticos.

Segundo, os governos ocidentais (EUA, França, Canadá, etc.):

Como a senhora disse, eles emitem relatórios anuais sobre a situação dos direitos humanos e da liberdade religiosa, que mencionam a perseguição ao Falun Gong e as alegações de extração forçada de órgãos.

Também há parlamentares e legisladores nesses países que se esforçam para apresentar projetos de lei e resoluções condenando o crime, exigindo investigações ou proibindo seus cidadãos de participarem do turismo de transplantes na China. São esforços muito louváveis.

No entanto, no nível executivo, no nível da política externa geral, as ações geralmente não são fortes e decisivas o suficiente. As declarações são muitas vezes diplomáticas, evitando o confronto direto excessivo com Pequim.

Por que essa hesitação e falta de decisão? Existem muitas razões complexas:

Primeiro, por interesses econômicos: A China é um mercado enorme, um importante parceiro comercial para muitos países. O medo de prejudicar as relações econômicas, de sofrer retaliações comerciais, muitas vezes faz com que os governos "considerem" antes de

tomar ações fortes relacionadas aos direitos humanos. O "dinheiro" costuma ter uma voz muito alta.

Segundo, considerações geopolíticas: A China é uma potência global, com um papel importante em muitas questões internacionais (mudanças climáticas, combate ao terrorismo, proliferação de armas nucleares...). Os países ocidentais às vezes precisam da cooperação da China nessas questões e, portanto, podem "ceder" ou "suavizar" as questões de direitos humanos em troca dessa cooperação.

Terceiro, a complexidade de coletar provas "irrefutáveis": Como já dissemos, coletar provas diretas que atendam aos mais altos padrões legais para impor sanções fortes é extremamente difícil quando se lida com um regime de sigilo como o da China.

Quarto, o forte lobby da China: Pequim gasta muito dinheiro em atividades de lobby e propaganda no exterior para minimizar as acusações, influenciar políticos e a mídia.

Quinto, a polarização política interna nos países ocidentais: Às vezes, as questões de política externa, incluindo os direitos humanos, também se tornam temas de debate entre os partidos políticos, enfraquecendo o consenso e a ação conjunta.

Por isso, o fardo de se manifestar, expor a verdade e exigir justiça muitas vezes recai sobre:

As organizações não governamentais (ONGs) de direitos humanos: Elas desempenham um papel muito importante na investigação, coleta de provas, lobby político e conscientização pública.

Ou, jornalistas independentes e ativistas individuais: Pessoas corajosas e persistentes que buscam a verdade apesar das dificuldades e perigos.

Ou, a comunidade chinesa no exterior e os grupos de vítimas: A voz deles, daqueles que vivenciaram diretamente ou têm parentes que foram vítimas, tem um poder de comoção muito grande.

Eu também compartilho da decepção da Sra. Sophia. Esperávamos ações mais fortes e decisivas das principais democracias do mundo. Mas a realidade mostra que a luta pelos direitos humanos e pela justiça é muitas vezes um caminho longo, que exige persistência e esforços contínuos de muitas partes, e não podemos depender apenas dos governos.

No entanto, não é sem esperança. A pressão da opinião pública, das organizações da sociedade civil e os esforços incansáveis de indivíduos podem gradualmente gerar mudanças. O fato de cada vez mais parlamentos em

vários países aprovarem resoluções de condenação, o fato de tribunais independentes (como o Tribunal da China em Londres) emitirem veredictos sobre os crimes do PCC, são passos importantes, embora talvez lentos.

Sr. Liu Siyuan:

(O Sr. Liu ouve a análise de Julian, ele suspira, uma tristeza e uma impotência passageiras.)

O Sr. Julian está absolutamente certo. Os cálculos de interesses econômicos, as considerações geopolíticas... muitas vezes fazem com que a justiça e os direitos humanos sejam relegados a um segundo plano. Essa é uma triste realidade deste mundo.

Quando eu ainda estava no sistema, também testemunhei como o governo chinês usava o poder econômico como uma ferramenta para influenciar, para silenciar as críticas externas. Eles são muito bons em "comprar o silêncio" ou "desviar a opinião pública".

E quando vim para cá, também depus muitas esperanças nas potências democráticas. Mas depois percebi que nada é fácil. Esta luta não é apenas a luta das vítimas, mas também a luta da consciência de toda a humanidade.

Ainda assim, continuo a acreditar que, enquanto não desistirmos, enquanto a verdade continuar a se espalhar, um dia a justiça será feita. Os esforços de pessoas como a Sra. Sophia, o Sr. Julian e muitas outras ao redor do mundo são um grande encorajamento e esperança para pessoas como eu.

Sophia Bell:

E quanto à perspectiva do atual líder do Partido Comunista Chinês? Ontem eu também disse que não vejo ele expressar claramente sua posição sobre a perseguição ao Falun Gong e o crime da extração forçada de órgãos... Li em algum lugar que alguém compartilhou a opinião de que a situação do Sr. Xi é como o ditado "uma vez montado no tigre, é difícil descer"...

Os senhores poderiam interpretar o significado deste ditado para o caso do Sr. Xi?

Sr. Liu Siyuan:

(O Sr. Liu ouve a pergunta de Sophia, ele fica pensativo por um momento, o olhar distante como se tentasse entender os complexos cálculos de poder dentro de Pequim.)

O ditado "uma vez montado no tigre, é difícil descer"... é de fato uma imagem muito sugestiva, e talvez reflita em parte a situação do atual líder da China, o Sr. Xi Jinping, ao enfrentar o pesado legado da perseguição ao Falun Gong e os crimes relacionados.

(Ele para, escolhendo as palavras com cuidado.)

Da perspectiva de alguém que já esteve no sistema, posso imaginar alguns aspectos do "tigre" que o Sr. Xi pode estar "montando":

Primeiro, o legado de Jiang Zemin e sua facção: A perseguição ao Falun Gong foi um grande "projeto", um "legado" político que Jiang Zemin e sua facção diligentemente construíram e mantiveram. Esse grupo ainda tem uma influência considerável no Partido, nas forças armadas e, especialmente, no sistema de segurança, polícia e judiciário – os órgãos que executam diretamente a perseguição. Mexer na questão do Falun Gong, especialmente reverter o veredito, atingiria diretamente os interesses e até a segurança desse grupo. Eles não deixariam isso acontecer facilmente.

Segundo, o medo da "instabilidade" e de "perder o Partido": Este é um medo inerente a qualquer líder do PCC. Admitir o erro em uma perseguição de grande escala como esta, fazer justiça a dezenas de milhões de pessoas, poderia ser visto como um ato de "negar o

passado", enfraquecendo o prestígio e a legitimidade do Partido. Eles temem que isso possa levar a outras demandas, a outras "revisões históricas" e, finalmente, ao colapso do regime.

Terceiro, o crime é grande demais para ser "resolvido silenciosamente": O crime da extração forçada de órgãos, se admitido e investigado publicamente, seria um choque grande demais não apenas para o povo chinês, mas também para a comunidade internacional. A responsabilidade não se limitaria a alguns indivíduos, mas poderia envolver todo um sistema. "Descer do tigre" neste caso poderia significar enfrentar um "julgamento histórico" cujas consequências ninguém pode prever.

Quarto, o vínculo da máquina já estabelecida: O Gabinete 610 e todo o sistema de perseguição ao Falun Gong operam há mais de duas décadas, tornou-se uma máquina enorme, com inúmeras pessoas envolvidas, com interesses entrelaçados. Parar essa máquina, desmantelá-la e lidar com os envolvidos é uma tarefa extremamente complexa e difícil.

Então, o Sr. Xi pode estar em um dilema.

Ou continuar "montando o tigre": Ou seja, manter a política de perseguição como está, ou em certo grau, para evitar grandes perturbações dentro do Partido e manter a "estabilidade" superficial. Mas isso significa continuar a

tolerar o crime, continuar a carregar o fardo histórico e enfrentar a crescente condenação da comunidade internacional e das pessoas de consciência no país.

Ou tentar "descer do tigre": Ou seja, encontrar uma maneira de resolver fundamentalmente a questão do Falun Gong, fazendo justiça às vítimas. Mas este caminho está cheio de espinhos e perigos, exigindo uma coragem extraordinária, uma enorme determinação política, e possivelmente enfrentando uma forte oposição de forças conservadoras e daqueles com "dívidas de sangue".

O fato de o Sr. Xi não ter expressões claras sobre este assunto, como a Sra. Sophia notou, pode ser porque ele está ponderando, calculando entre essas difíceis opções. Ou talvez, ele priorize a consolidação do poder pessoal primeiro, resolvendo questões que considera mais urgentes, antes de ousar tocar neste "tigre" perigoso.

No entanto, a história mostrou que evitar enfrentar a verdade, tentar manter um status quo baseado na injustiça e no crime, nunca é uma solução sustentável. Aquele "tigre", se não for "domado" ou "derrubado" de forma sábia e corajosa, mais cedo ou mais tarde se voltará para morder quem o monta.

Esses são meus pensamentos, com base no meu entendimento limitado dessa situação complexa.

Julian Lee:

(Julian acena em concordância com a análise do Sr. Liu, e depois adiciona a perspectiva da ciência política.)

O Sr. Liu interpretou muito profundamente o significado do ditado "montado no tigre" no caso do Sr. Xi Jinping. Gostaria de adicionar alguns aspectos da perspectiva da análise política.

Primeiro, a continuidade da política e a sucessão de poder: Em sistemas de partido único como a China, muitas vezes há uma pressão implícita para manter a continuidade das grandes políticas, especialmente aquelas relacionadas à "segurança nacional" e à "estabilidade do regime". O fato de um novo líder reverter completamente uma grande política de seu predecessor, especialmente uma política "sensível" como a perseguição ao Falun Gong, poderia ser visto como um desafio à unidade do Partido e poderia causar fissuras internas.

Segundo, a "armadilha do legado" (Legacy Trap): O Sr. Xi herdou um "legado" de Jiang Zemin que é a perseguição ao Falun Gong. Este "legado" criou uma máquina enorme (Gabinete 610, sistema de campos de trabalho, prisões, hospitais envolvidos na extração de órgãos...), uma rede de grupos de interesse ligados à perseguição e um grande número de funcionários que

"sujaram as mãos". Lidar com este "legado" não é nada simples. Se o Sr. Xi agisse com força para revertê-lo, ele poderia criar uma forte onda de oposição daqueles cujos interesses estão ligados à perseguição, ou daqueles que temem ser responsabilizados.

Terceiro, a prioridade de consolidar o poder pessoal: Nos primeiros anos de seu governo, e mesmo depois, uma das principais prioridades do Sr. Xi foi consolidar seu poder pessoal, eliminando adversários políticos através da campanha de "caçar tigres e matar moscas". Talvez ele considere resolver as facções rivais, especialmente os remanescentes da facção de Jiang Zemin, como uma pré-condição antes de poder tocar em questões espinhosas como o Falun Gong. No entanto, a campanha anticorrupção do Sr. Xi, embora tenha atingido algumas figuras de alto escalão da facção de Jiang, parece não ter chegado à raiz do crime relacionado ao Falun Gong.

Quarto, o medo do "efeito dominó": Se admitisse o erro e resolvesse a questão do Falun Gong, poderia criar um "precedente", levando a exigências para rever outras questões históricas (como Tiananmen, a Revolução Cultural...), e finalmente poderia abalar os alicerces do regime. Isso é algo que qualquer líder do PCC tenta evitar.

Portanto, a imagem de "montado no tigre" é muito precisa. O Sr. Xi pode não ter sido quem "montou neste

tigre" proativamente (pois ele já estava lá desde o tempo de seu predecessor), mas uma vez nele, controlá-lo ou encontrar uma maneira de descer com segurança é extremamente difícil. Qualquer movimento pode causar reações imprevisíveis.

O silêncio ou a falta de clareza do Sr. Xi sobre a questão do Falun Gong pode ser entendido como uma estratégia de "esperar para ver" enquanto ele tenta consolidar o poder e lidar com outros desafios. Ou, mais tristemente, pode ser uma aceitação implícita, uma continuação da política antiga pelas razões mencionadas.

De qualquer forma, o fato de um líder não ousar ou não poder enfrentar e corrigir os erros e crimes do passado sempre será um fardo para ele e para toda a nação. A história julgará isso.

Sophia Bell:

Estou pensando, poderia haver uma situação em que, até agora, o próprio Sr. Xi ainda não saiba da extensão da maldade da perseguição ao Falun Gong?... Assim como no caso do próprio Sr. Liu, antes de sua filha ser prejudicada, o senhor também he sabia a verdade sobre esta perseguição...

Sr. Liu Siyuan:

(Ao ouvir a pergunta de Sophia, ele franze a testa levemente, pensativo por um momento. Esta é uma pergunta muito perspicaz e que evoca muitas reflexões.)

Sra. Sophia, esta é uma possibilidade que talvez não devamos descartar completamente, embora pareça difícil de acreditar para alguém na posição de poder supremo como o Sr. Xi Jinping.

(Ele para, escolhendo as palavras com cuidado.)

Quando olho para o meu próprio caso, é verdade que eu estava em uma "bolha de informação" criada pelo sistema. Embora eu fosse uma autoridade provincial, com meus próprios canais de informação, sobre questões "sensíveis" e estritamente controladas como o Falun Gong, o que chegava até mim era principalmente informação direcionada e filtrada. Eu não sabia, ou não queria saber, ou não ousava investigar a verdade completa até que a tragédia atingiu minha família.

Então, será que o Sr. Xi Jinping, o líder de toda uma nação, poderia estar em uma situação semelhante de "cegueira informativa" sobre a extensão da maldade da perseguição ao Falun Gong, especialmente sobre o crime da extração forçada de órgãos?

Acho que há alguns fatores a serem considerados:

Primeiro, o sistema de relatórios e "filtragem" de informações: Em um sistema autoritário, a informação que sobe da base para o topo é geralmente "filtrada" com muito cuidado. Os subordinados tendem a relatar o que os superiores querem ouvir, escondendo informações negativas, verdades que podem ser desfavoráveis. Informações sobre brutalidade excessiva, graves violações de direitos humanos, podem não ter sido relatadas de forma completa e honesta ao mais alto nível, ou foram muito atenuadas.

Segundo, o cerco de grupos de interesse: Aqueles que participam diretamente e se beneficiam da perseguição, especialmente aqueles que "sujaram as mãos" profundamente no crime da extração forçada de órgãos, farão de tudo para esconder a verdade, para impedir que a informação chegue ao Sr. Xi. Eles podem criar um muro de informações ao seu redor, fornecendo apenas relatórios "processados".

Terceiro, as prioridades do líder: Um líder supremo enfrenta inúmeros problemas domésticos e externos. Talvez, por um longo tempo, a questão do Falun Gong não tenha sido a principal prioridade do Sr. Xi, e ele tenha se baseado nos relatórios dos órgãos especializados (como o sistema de segurança, o Gabinete 610) sem verificação independente.

No entanto, também há fatores que nos fazem duvidar da possibilidade de ele "não saber de nada":

Primeiro, a campanha de "caçar tigres e matar moscas": No processo de expurgo de adversários políticos, especialmente figuras de alto escalão da facção de Jiang Zemin (como Zhou Yongkang, Bo Xilai, Xu Caihou, Guo Boxiong...), todos eles estavam profundamente envolvidos na perseguição ao Falun Gong e no crime da extração forçada de órgãos. É muito difícil acreditar que, durante a investigação, as informações sobre esses crimes não tenham chegado aos ouvidos do Sr. Xi, mesmo que não tenham sido tornadas públicas.

Segundo, as informações da comunidade internacional: Embora o PCC tente encobrir, os relatórios, as resoluções, as audiências de organizações de direitos humanos e parlamentos internacionais sobre a extração forçada de órgãos na China certamente não podem ter passado completamente despercebidos pelo sistema de inteligência e informação do Sr. Xi.

Terceiro, a persistência do problema: A perseguição ao Falun Gong dura mais de 20 anos, é um problema grande que afeta a reputação internacional da China. É improvável que um líder com a visão e o domínio da informação como o Sr. Xi esteja completamente "alheio" a um problema tão duradouro e sério.

Portanto, na minha especulação pessoal, a situação pode ser mais complexa do que "não saber de nada". Talvez o Sr. Xi saiba até certo ponto, mas o nível de detalhe e a verdadeira brutalidade do crime talvez ele não tenha compreendido completamente, ou tenha sido atenuado por informações distorcidas. Ou talvez, ele saiba, mas por cálculos políticos, por considerações de poder, ele tenha escolhido "não querer saber mais", ou "deixar de lado temporariamente".

Assim como no meu caso, talvez seja necessário um "choque", um evento especial, para que alguém na posição do Sr. Xi realmente enfrente toda essa terrível verdade. Mas se esse "choque" virá ou não, e se ele terá coragem suficiente para agir, é outra questão.

Estas são apenas especulações pessoais, baseadas na minha experiência e observação. A verdade dentro do PCC é sempre uma "caixa-preta" difícil de prever.

Julian Lee:

(Julian acena em concordância com a cautela do Sr. Liu.)

O Sr. Liu apresentou uma análise muito pertinente e equilibrada. Se um líder supremo como Xi Jinping "não sabe de nada" sobre a extensão da maldade da perseguição ao Falun Gong é uma questão complexa.

Concordo que a possibilidade de ele "não saber de nada" é muito baixa, especialmente após mais de uma década no poder e com o que aconteceu durante a campanha anticorrupção.

No entanto, há um conceito no estudo de regimes autoritários chamado "ignorância deliberada" (willful ignorance) ou "negação plausível" (plausible deniability).

Sobre a "ignorância deliberada": O líder pode deliberadamente não querer aprofundar-se nos aspectos mais sombrios, nos crimes específicos, para evitar a responsabilidade moral ou legal direta. Ele pode permitir ou tolerar tacitamente que seus subordinados façam o "trabalho sujo", desde que o objetivo político seja alcançado.

Sobre a "negação plausível": Os subordinados podem deliberadamente não relatar os detalhes dos atos brutais aos superiores, para que os superiores possam "negar plausivelmente" que sabiam sobre esses crimes se forem questionados mais tarde. É uma forma de proteger "o chefe".

No caso do Sr. Xi, pode ser uma combinação de muitos fatores:

Primeiro, ele pode saber que a perseguição ao Falun Gong é brutal, mas não imaginar a extensão da

selvageria do crime de extração forçada de órgãos em escala industrial.

Segundo, ele pode ter recebido relatórios "embelezados" ou "atenuados" das agências de inteligência e segurança.

Terceiro, ele pode estar priorizando outras questões que considera "vitais" para a sobrevivência do regime e seu poder pessoal, e temporariamente "fechando os olhos" ou adiando a resolução da questão do Falun Gong.

E quarto, como o Sr. Liu disse, o medo de "abrir a caixa de Pandora", o medo das consequências imprevisíveis se ele reabrir este caso, também é uma grande barreira.

Portanto, em vez de "não saber de nada", talvez seja mais preciso dizer que o Sr. Xi pode estar em um estado de "saber, mas não querer enfrentar completamente", ou "saber, mas ainda não poder/ousar agir decisivamente" devido a complexos cálculos políticos.

No entanto, como chefe de Estado, a responsabilidade final ainda recai sobre ele. A "ignorância" (em qualquer grau) não pode ser uma desculpa para não impedir e punir os crimes contra a humanidade que ocorrem sob seu governo. A história registrará isso.

Sophia Bell:

Sim, pensei nessa hipótese por duas razões:

Primeiro, vemos na história que muitos reis foram enganados por seus oficiais, o que os impedia de saber da corrupção no país, e eles ainda pensavam que o país estava em "paz";

Segundo, no caso do Sr. Xi, na verdade ele pode nunca ter tido contato direto com nenhum praticante do Falun Gong ou testemunha, e toda a informação que ele recebe é baseada em relatórios de seus subordinados...

Além disso, uma vez ouvi alguém compartilhar que o Sr. Xi está em uma situação em que "as ordens não saem de Zhongnanhai", ou seja, todas as suas ordens não são transmitidas completamente e não são executadas com seriedade...

Sr. Liu Siyuan:

(O Sr. Liu ouve as razões de Sophia, ele acena com a cabeça, a expressão mostrando compreensão e concordância com essa análise.)

Sra. Sophia, as razões que a senhora apresentou para apoiar a hipótese de que o Sr. Xi pode não ter conhecimento de toda a verdade são muito dignas de

reflexão, e refletem as realidades inerentes aos sistemas de poder centralizado.

Sobre os reis serem enganados:

Como a senhora disse, a história da China e de outros países tem inúmeros exemplos de imperadores, aqueles com poder supremo, vivendo em um "mundo à parte" criado por seus cortesãos e oficiais. Eles só ouviam palavras bonitas, relatórios de sucesso, enquanto as duras realidades, o sofrimento do povo, a corrupção do aparato burocrático eram habilmente escondidos. O objetivo desse encobrimento poderia ser agradar ao rei, encobrir a própria incompetência ou corrupção, ou evitar fúrias desnecessárias. O resultado é que o rei pensava que o país estava em "paz e prosperidade", enquanto na realidade poderia estar apodrecendo por dentro. Em um sistema como o do PCC, onde a lealdade ao superior (e a proteção dos interesses da facção) é muitas vezes colocada acima da verdade, o risco de "o líder supremo ser enganado" é muito real.

Sobre o Sr. Xi talvez nunca ter tido contato direto com praticantes ou testemunhas do Falun Gong:

Esta também é uma possibilidade muito alta. Um líder na posição do Sr. Xi é geralmente protegido por múltiplas camadas de segurança e informação. A chance de ele se encontrar e ouvir diretamente um praticante do Falun Gong contar o que passou, ou uma testemunha do crime da extração de órgãos, é quase impossível. Todas

as informações que chegam a ele sobre este assunto certamente passarão por muitas camadas de "filtragem" do aparato de segurança, propaganda e agências especializadas. Esses relatórios, como eu disse, muito provavelmente foram "editados" para se adequar à "linha geral" ou para não causar "pânico" na liderança. Sem contato direto, sem uma visão da realidade das vítimas, é muito difícil para um líder sentir a extensão total da brutalidade e da injustiça de uma política. Eles só veem números, relatórios secos, e não a dor, as lágrimas de pessoas de carne e osso.

Sobre "as ordens não saírem de Zhongnanhai":

Esta é uma observação muito interessante e também pode refletir parte da realidade da luta pelo poder na China. Embora o Sr. Xi tenha consolidado um poder enorme, eliminando muitos adversários, isso não significa que ele controle absolutamente todos os cantos da gigantesca máquina. Pode haver grupos de interesse, "imperadores aposentados" escondidos, ou forças subterrâneas nas localidades, nas forças armadas, no sistema de segurança, que ainda tentam obstruir, enfraquecer ou distorcer as diretrizes do Sr. Xi, se essas diretrizes forem contra seus interesses. Se isso for verdade, então mesmo que o Sr. Xi queira mudar uma certa política (por exemplo, a política em relação ao Falun Gong), sua ordem pode não ser executada completa e seriamente nos níveis inferiores, ou pode ser

deliberadamente distorcida. "Em cima há políticas, embaixo há contramedidas" é um fenômeno não raro na China. Isso também significa que o Sr. Xi pode estar enfrentando uma persistente luta de poder subterrânea, e a resolução da questão do Falun Gong, se houver, dependerá se ele realmente tem o "leme" de toda a máquina.

Todos esses fatores, Sra. Sophia, contribuem para tornar o quadro mais complexo. Mostra que mesmo um líder com poder supremo pode ser isolado informacionalmente, limitado na execução de sua vontade e enfrentar resistências invisíveis, mas muito fortes, do próprio sistema que ele lidera.

Isso não diminui a responsabilidade do líder, mas nos ajuda a entender melhor as dificuldades e complexidades que ele pode estar enfrentando, e por que as mudanças positivas às vezes acontecem lentamente ou não como esperado.

Julian Lee:

(Julian acena em concordância.)

Os pontos que a Sra. Sophia e o Sr. Liu acabaram de analisar são extremamente pertinentes. O fenômeno dos "casulos de informação" (information cocoons) que cercam os líderes de alto escalão é um problema muito estudado na ciência política. Quanto maior o poder,

maior o risco de ser isolado da realidade por aqueles ao redor.

E a frase "as ordens não saem de Zhongnanhai" (zhèng lìng bù chū Zhōngnánhǎi) é uma descrição clássica da fragmentação do poder ou da resistência subterrânea no sistema político chinês, mesmo sob os líderes considerados mais fortes. Mostra a complexidade de governar um país vasto com uma burocracia colossal e múltiplas camadas de interesses.

Se o Sr. Xi realmente está nessa situação, então a possibilidade de ele "não saber" ou "não poder fazer" em relação a certas questões, embora pareça difícil de acreditar, é uma possibilidade que precisa ser considerada seriamente. Isso apenas ressalta a importância de vozes independentes, de informações externas, para poderem perfurar essas "muralhas de informação".

Sophia Bell:

Sim, se os leitores de THE LIVES MEDIA lerem até aqui, eles podem se perguntar: "os reis antigos não tinham internet, então ser enganado pela falta de informação é compreensível; mas e a sociedade de hoje, com a

explosão da internet? Será que ele não sabe pesquisar na internet?"...

Portanto, Sr. Liu, no passado, em suas diferentes posições no regime do PCC, quando usava a internet, o senhor era bloqueado pelo sistema de firewall "Grande Muralha", ou sequer percebia que seu acesso estava sendo bloqueado? E será que o Sr. Xi é bloqueado por seu próprio sistema "Grande Muralha"?

Sr. Liu Siyuan:

(O Sr. Liu ouve a pergunta de Sophia e sorri levemente, um sorriso um tanto amargo e compreensivo.)

Sra. Sophia, esta é uma pergunta muito prática e reflete a dúvida de muitas pessoas que vivem em sociedades com internet livre. "Por que não pesquisar na internet?" – parece simples, mas a realidade na China é extremamente complexa.

(Ele para, como para escolher as palavras com precisão.)

Quando eu ainda trabalhava no sistema, em diferentes cargos, nosso uso da internet também tinha certas regras e limitações, embora talvez não tão rigorosas quanto para os cidadãos comuns em alguns aspectos.

Sobre o sistema "Grande Muralha" (Great Firewall): Sim, este sistema de firewall funciona muito bem. Para a maioria da população, o acesso a sites estrangeiros considerados "sensíveis", como Google, Facebook, Twitter, YouTube, e grandes sites de notícias internacionais (BBC, New York Times, THE LIVES TIMES...) é completamente bloqueado. Se quiserem acessar, eles precisam usar ferramentas para contornar o firewall (VPNs), mas o uso de VPNs também está sendo cada vez mais restringido e pode acarretar riscos legais.

Para os quadros e funcionários públicos:

Em algumas agências, especialmente aquelas relacionadas à pesquisa, relações exteriores ou segurança, pode haver "canais especiais" ou "exceções" que permitem o acesso a certos sites estrangeiros para fins de trabalho. No entanto, esses acessos são geralmente monitorados de perto.

Mesmo que pudessem acessar, a autocensura psicológica é muito forte. Sabíamos que todas as ações online podiam ser monitoradas. Procurar informações "sensíveis", "reacionárias", poderia trazer problemas desnecessários, afetando a carreira e até a segurança pessoal e familiar. Portanto, muitas pessoas, mesmo que tivessem a capacidade, não ousariam ou não gostariam de procurar informações que fossem contra a corrente principal.

Além disso, as fontes de informação internas (boletins internos, documentos secretos, diretrizes de superiores) eram geralmente consideradas "mais importantes", "mais confiáveis" do que as informações "flutuantes" na internet externa, que eram vistas como "hostis", "distorcidas". Havia uma confiança (ou uma confiança forçada) no sistema de informação oficial do Partido.

Eu pessoalmente percebia que estava sendo bloqueado? Sim, claro. Ao tentar acessar alguns sites de notícias internacionais ou fóruns de discussão livres, mensagens de erro ou páginas que não carregavam eram comuns. Mas, como eu disse, tentar "contornar o bloqueio" para encontrar essas informações não era uma prioridade e também envolvia riscos. Estávamos acostumados a viver em um "espaço de informação controlado".

Então, será que o Sr. Xi Jinping é bloqueado por seu próprio sistema "Grande Muralha"?

Esta é uma pergunta interessante.

Tecnicamente falando: Com sua posição, ele certamente tem acesso ilimitado a qualquer fonte de informação no mundo, se quiser. A "Grande Muralha" é uma ferramenta para controlar o povo, não para limitar o líder supremo.

Mas o problema não está apenas na técnica, mas também no "filtro humano" e no "filtro psicológico":

Primeiro, o filtro humano: O que as pessoas ao redor do Sr. Xi – secretários, conselheiros, agências de inteligência e segurança – apresentarão a ele? Eles ousariam apresentar informações contraditórias, verdades duras da internet "externa" que vão contra as opiniões dele ou do Partido? Ou eles também "filtrarão" as informações, entregando apenas o que é "apropriado", "benéfico"?

Segundo, o filtro psicológico: Mesmo que o Sr. Xi pudesse "pesquisar no Google" por si mesmo, ele teria tempo, paciência e, o mais importante, a mente aberta para receber informações completamente opostas ao que ele acredita e ao que seu sistema relata? Uma pessoa no auge do poder, cercada por elogios e relatórios "bonitos", aceitaria facilmente que foi enganada ou que seu sistema está cometendo crimes terríveis?

Além disso, pesquisar informações na internet também requer a habilidade de distinguir o verdadeiro do falso, de cruzar fontes. Em um ambiente onde ele está acostumado a receber informações "oficiais", "navegar" sozinho no mar misto de informações da internet global pode não ser a forma de trabalho usual de um líder como ele.

Portanto, embora o Sr. Xi não seja bloqueado pela "Grande Muralha" tecnicamente, ele pode ser "bloqueado" por outra "muralha de fogo invisível", que é

seu sistema de conselheiros, o aparato burocrático e até mesmo seus próprios preconceitos e prioridades políticas.

Em resumo, ter internet não significa ter liberdade de informação, especialmente para aqueles que estão em um sistema fechado e estritamente controlado como a China. E mesmo para o líder, acessar e aceitar a verdade não é tão simples quanto "pesquisar no Google".

Julian Lee:

(Julian acena em concordância com a análise do Sr. Liu.)

O Sr. Liu explicou de forma muito clara e realista. Gostaria apenas de acrescentar um pequeno ponto.

Além dos "filtros" que o Sr. Liu mencionou, há outro fator que é o "viés de confirmação" (confirmation bias). As pessoas geralmente têm a tendência de procurar e acreditar em informações que confirmam o que já acreditam, e de ignorar ou duvidar de informações contraditórias.

Para um líder que foi moldado por uma certa ideologia, que tomou decisões com base em informações "oficiais", buscar ativamente e aceitar informações completamente opostas na internet é um desafio psicológico muito grande.

Eles podem ver essas informações como "produto de forças hostis", como "notícias falsas", "distorções". O sistema de propaganda do PCC também é muito bom em criar "contra-narrativas" para neutralizar informações desfavoráveis do exterior.

Portanto, mesmo com a ferramenta da internet, a possibilidade de um líder supremo da China "ver" a verdade da mesma forma que nós no mundo livre a vemos é muito difícil e depende de muitos fatores complexos, e não apenas da capacidade de acesso técnico.

Sophia Bell:

Sim, no caso do Sr. Xi, mesmo que ele não fosse bloqueado pela "Grande Muralha", a probabilidade de ele pesquisar informações na internet não seria alta... ele pode nem mesmo usar um computador ou smartphone pessoalmente, por razões de "segurança".

Sobre o sistema "Grande Muralha", encontrei uma situação: outro dia, quando tentei usar um aplicativo de IA do qual a imprensa tem falado muito recentemente, chamado DeepSeek, tentei fazer uma pergunta simples: "O que você sabe sobre o Falun Gong?". Os senhores podem adivinhar como ele me respondeu?

Sr. Liu Siyuan:

(O Sr. Liu ouve Sophia contar sua experiência com o aplicativo de IA, ele franze a testa levemente, um sorriso um tanto sutil, mas não menos amargo, aparece.)

Sra. Sophia, esta é uma situação muito interessante e também muito digna de reflexão no contexto da tecnologia atual. O fato de líderes de alto escalão poderem não usar diretamente computadores ou smartphones por razões de "segurança" é algo totalmente possível. Eles geralmente têm toda uma equipe de assistentes e secretários para lidar com questões relacionadas à tecnologia e à informação. Isso aumenta ainda mais o papel dos "filtros humanos" que mencionamos.

Quanto à sua pergunta ao aplicativo de IA DeepSeek...

(Ele para, olhando para Sophia e Julian, como se esperasse uma confirmação para sua suposição.)

Se o DeepSeek é um aplicativo de IA desenvolvido ou operado sob o controle, ou pelo menos sob a influência, do sistema de censura na China, então posso supor que sua resposta sobre o Falun Gong seria muito... "cautelosa", para não dizer completamente alinhada com a orientação do governo.

Talvez ele:

Primeiro, respondesse de forma vaga e evasiva: Por exemplo: "O Falun Gong é um tópico complexo e há muitas opiniões divergentes. Não posso fornecer informações detalhadas sobre este assunto." Ou: "Sou um modelo de linguagem de IA, não tenho a capacidade de fazer julgamentos sobre questões religiosas ou políticas."

Segundo, repetisse a retórica da propaganda oficial do PCC: Pode ser que descrevesse o Falun Gong com termos negativos, com informações falsas que a máquina de propaganda deles espalhou, como "proibido na China", "relacionado a atividades ilegais"...

Terceiro, se recusasse completamente a responder ou desse um erro: Simplesmente não forneceria nenhuma informação, ou exibiria uma mensagem de erro dizendo que não pôde processar a solicitação.

Eu não acho que um aplicativo de IA operando nesse ambiente pudesse dar uma resposta objetiva e honesta, falando sobre os benefícios para a saúde, os valores morais do Falun Gong, ou mencionando a brutal perseguição que os praticantes estão sofrendo. A "Grande Muralha" não é apenas um firewall que bloqueia o acesso à internet, mas também um sistema de censura de conteúdo, uma orientação ideológica que se infiltra até mesmo em produtos de tecnologia como a IA.

Essa é a minha suposição, senhora. Estou muito curioso para saber qual foi a resposta real do DeepSeek.

Julian Lee:

(Julian acena com a cabeça, mostrando grande interesse na história de Sophia.)

Este é um exemplo muito bom de como o controle da informação pode se estender ao campo da inteligência artificial, Sra. Sophia. O Sr. Liu fez suposições muito pertinentes.

Grandes modelos de IA, especialmente aqueles treinados ou ajustados por empresas chinesas, ou modelos que querem operar no mercado chinês, certamente terão que cumprir as regulamentações de censura do governo. Seus dados de treinamento podem ter sido "limpos" para remover informações "sensíveis", ou eles foram programados para dar respostas "seguras" e alinhadas.

Eu também me inclino para a possibilidade de que o DeepSeek:

Ou daria uma resposta muito concisa, tão neutra a ponto de ser sem sentido, sem fornecer nenhuma informação valiosa.

Ou, se fosse um pouco mais "inteligente" em sua evasão, poderia citar seletivamente informações de fontes oficiais da China, ou seja, repetindo a retórica da propaganda.

O fato de uma IA "evitar" ou "distorcer" a verdade sobre o Falun Gong, se for o caso, seria mais uma prova de que a "Grande Muralha" não é apenas uma barreira técnica, mas uma ferramenta de moldagem da percepção, um esforço de controle do pensamento em grande escala, mesmo na era da IA.

Também estou muito curioso para saber qual foi a resposta real. Isso pode nos dar outra perspectiva sobre a extensão e o modo como a censura está sendo aplicada nas novas tecnologias.

Sophia Bell:

Sim, dentre as suposições que os senhores acabaram de fazer, uma estava correta, que foi a terceira suposição do Sr. Liu, ou seja, ele "se recusou completamente a responder ou deu um erro". Fiquei bastante surpresa! Ele não se esquivou de forma geral, mas deu um erro direto, acompanhado de uma mensagem informando que eu havia "violado a política de uso" deles. Apenas por uma pergunta!

Sr. Liu Siyuan:

(O Sr. Liu ouve a resposta de Sophia, ele acena levemente, um sorriso triste aparece em seus lábios. Não parece orgulhoso por ter adivinhado certo, mas é uma confirmação das coisas que ele conhece muito bem sobre este sistema.)

Então, minha terceira suposição estava correta... "Se recusou completamente a responder ou deu um erro." E ainda veio com uma notificação de que a senhora havia "violado a política" deles.

(Ele balança a cabeça levemente.)

Isso, Sra. Sophia, Sr. Julian, não me surpreende, mas ainda me deixa com uma profunda tristeza. Mostra que até mesmo uma ferramenta considerada "inteligência artificial", projetada para fornecer informações, foi "programada" para temer a verdade, para evitar questões que o governo considera "sensíveis".

O fato de notificar que a senhora "violou a política" ao fazer uma simples pergunta sobre o Falun Gong, uma entidade que existe objetivamente, mostra o quão profundamente a censura e a imposição ideológica estão enraizadas. Eles não apenas bloqueiam a informação, mas também querem rotular até mesmo a curiosidade, a

busca por informações sobre esses tópicos, como um comportamento "errado", uma "violação".

Isso também reflete algo que eu disse antes: a "Grande Muralha" não é apenas um firewall técnico. É um sistema abrangente de controle do pensamento. Cria um ambiente onde a verdade é sufocada, e até as ferramentas mais modernas devem se curvar para cumprir essas "políticas" irracionais.

É triste ver a tecnologia, que deveria servir para expandir o conhecimento e conectar as pessoas, ser transformada em uma ferramenta para fortalecer a censura e manter a ignorância.

Este é um exemplo muito concreto e vívido, que mostra os desafios que enfrentamos ao tentar encontrar e compartilhar a verdade em um ambiente tão estritamente controlado. Obrigado por compartilhar esta experiência. Realmente esclarece muitas coisas.

Julian Lee:

(Julian, com uma expressão séria, anota algo em seu caderno.)

A informação que a Sra. Sophia acabou de fornecer sobre a resposta do DeepSeek é extremamente valiosa. O fato de a IA se recusar a responder e relatar uma "violação de

política" quando questionada sobre o Falun Gong é uma evidência concreta de que as empresas de tecnologia, especialmente aquelas ligadas ao mercado chinês, estão sob enorme pressão de censura.

Isso tem muitas implicações importantes:

Primeiro, a disseminação da censura para o campo da IA: Mostra que a guerra de controle da informação do PCC se expandiu para as plataformas de IA. Os grandes modelos de linguagem estão se tornando uma nova "frente de batalha" na formação da percepção pública.

Segundo, a "política" pré-programada: O fato de a IA relatar "violação de política" indica que as regras de censura foram integradas ao seu algoritmo ou conjunto de dados de treinamento. Não é um erro aleatório, mas um design intencional.

Terceiro, o risco de uma "visão de mundo de IA" distorcida: Se os modelos de IA, que desempenham um papel cada vez mais importante no fornecimento de informações e no apoio aos humanos, forem "ensinados" a evitar ou distorcer a verdade sobre questões importantes, o risco de uma geração de usuários (especialmente na China) ter uma visão de mundo distorcida é muito grande.

Quarto, o desafio à liberdade acadêmica e pesquisa: Se até mesmo fazer uma pergunta sobre um tópico é considerado uma "violação de política", como pode haver pesquisa e discussão acadêmica livre e objetiva?

A experiência da Sra. Sophia é um exemplo clássico de como o "poder brando" da censura está sendo aplicado. Não se trata apenas de bloquear o acesso, mas de criar um ambiente onde certos tópicos se tornam "intocáveis", mesmo para a inteligência artificial.

Isso apenas ressalta a importância de desenvolver e proteger plataformas de IA abertas e transparentes, não dominadas por regimes autoritários, para garantir que essa tecnologia realmente sirva aos interesses da humanidade, e não como uma ferramenta de repressão e controle.

Obrigado por compartilhar este detalhe tão atual e alarmante.

Sophia Bell:

Chegando a este ponto, podemos ver que, não importa o quão grande seja a maldade do PCC, ainda há muitas situações em que as pessoas dentro e fora da China são, de uma forma ou de outra, afetadas pela "Grande

Muralha" ao buscarem a verdade pela internet, o que as impede de acessar informações mais multifacetadas e objetivas...

Sr. Liu Siyuan:

(O Sr. Liu acena lentamente, seu olhar mostra uma tristeza, mas também uma profunda compreensão.)

A Sra. Sophia está absolutamente certa. A "Grande Muralha" do PCC não é apenas uma barreira técnica para o povo chinês. Sua influência, direta ou indireta, pode se espalhar para além das fronteiras e afetar até mesmo as pessoas que tentam descobrir a verdade sobre a China de todas as partes do mundo.

(Ele para, refletindo sobre as maneiras como a "Grande Muralha" pode influenciar.)

Para as pessoas dentro da China:

Primeiro, o isolamento informativo: Este é o impacto mais óbvio. Eles são cortados do fluxo de informações livres do mundo. O que eles sabem sobre eventos nacionais e internacionais é principalmente através da lente "editada" e direcionada pelo Partido Comunista. Isso cria uma "realidade paralela", onde a verdade objetiva é distorcida ou completamente ocultada.

Segundo, a psicologia do medo e da autocensura: Mesmo que alguém encontre uma maneira de contornar o firewall, o medo de ser monitorado, de ser punido, também os leva a autocensurar seu comportamento online, não ousando expressar opiniões dissidentes, não ousando procurar informações "sensíveis". Com o tempo, isso se torna um hábito, um reflexo condicionado.

Terceiro, a dificuldade em distinguir o verdadeiro do falso: Quando expostos a informações unilaterais por um longo período, a capacidade de pensamento crítico e de discernimento entre informações verdadeiras e falsas também diminui. Eles facilmente acreditam na propaganda estatal e desconfiam de informações externas.

Para as pessoas fora da China:

Primeiro, a dificuldade em acessar informações autênticas de dentro: Jornalistas, pesquisadores e organizações internacionais de direitos humanos enfrentam grandes dificuldades para entender a situação real na China. Entrevistar testemunhas e coletar evidências torna-se perigoso e restrito. A "Grande Muralha" dificulta o vazamento de informações de dentro do país.

Segundo, a disseminação de desinformação e propaganda: O PCC não apenas ergue a "Grande

Muralha" para bloquear informações, mas também usa ativamente a internet para espalhar desinformação e campanhas de propaganda para o mundo exterior através de seus canais de mídia estatais em línguas estrangeiras, contas de mídia social "fantasmas", ou influenciando plataformas de mídia internacionais. Isso pode criar ruído informativo e minar a confiança em fontes independentes.

Terceiro, o impacto nas empresas de tecnologia e plataformas globais: Como no caso do DeepSeek que a Sra. Sophia acabou de compartilhar, ou outras grandes empresas de tecnologia que querem operar no mercado chinês, elas podem ter que aceitar "jogar pelas regras" de Pequim, ou seja, realizar censura de conteúdo, cooperar com o governo no monitoramento de usuários. Isso indiretamente expande o alcance da "Grande Muralha" para além das fronteiras.

Quarto, a hesitação de indivíduos e organizações em criticar a China: O medo de retaliação econômica, ataques cibernéticos ou sanções por parte da China também pode fazer com que alguns indivíduos e organizações no exterior sejam mais cautelosos ao se manifestarem sobre questões sensíveis.

Assim, não importa o quão grande seja o crime do PCC, a "Grande Muralha" ainda é uma ferramenta eficaz para eles encobrirem e distorcerem a verdade, e para

dificultar os esforços em busca de justiça. Não é apenas um problema do povo chinês, mas um desafio à liberdade de informação e à verdade em escala global.

O fato de estarmos aqui sentados, tentando compartilhar e esclarecer essas coisas, é também um esforço para ajudar a perfurar essa "muralha de fogo", mesmo que seja apenas uma pequena parte.

Julian Lee:

(Julian acena com a cabeça, adicionando a perspectiva de um jornalista internacional.)

O Sr. Liu analisou de forma muito abrangente os impactos da "Grande Muralha". Concordo plenamente.

Pela minha experiência como jornalista, vejo que a "Grande Muralha" não é apenas um sistema de censura, mas também cria um "ecossistema de informação fechado" na China. Nesse ecossistema, aplicativos, plataformas e conteúdos "domésticos" são priorizados e dominam, enquanto os concorrentes externos são bloqueados. Isso torna o povo chinês cada vez mais dependente de serviços domésticos, que são facilmente controlados e monitorados pelo governo.

E, como o Sr. Liu disse, sua influência não para na fronteira. Estamos vendo uma "guerra de

informação" global, onde regimes autoritários como a China estão se tornando cada vez mais sofisticados no uso da tecnologia para propaganda, influência e enfraquecimento das democracias. Eles aprendem rapidamente as técnicas de disseminação de notícias falsas, usam IA para criar conteúdo enganoso e atacam as fraquezas das sociedades livres.

O fato de plataformas de IA como o DeepSeek terem que "cumprir a política" quando questionadas sobre o Falun Gong é um exemplo alarmante. Mostra que, sem vigilância e regulamentações claras sobre a ética da IA, sobre a transparência dos dados de treinamento, corremos o risco de criar ferramentas tecnológicas que servem à censura e à propaganda, em vez de servir à verdade e à liberdade.

A luta contra a "Grande Muralha" e esforços semelhantes de controle da informação, portanto, não é apenas a luta do povo chinês, mas a luta de todos que valorizam a verdade, a liberdade de expressão e um ciberespaço saudável e confiável.

Sophia Bell:

De repente, pensei nesta conclusão: onde há controle da informação, há algo de mau que se está tentando esconder...

Os senhores não acham?

Sr. Liu Siyuan:

(O Sr. Liu ouve a conclusão de Sophia, ele acena lentamente, uma profunda concordância evidente em seu olhar. Ele fica em silêncio por um momento, como se ponderasse sobre essa síntese, e então diz lentamente.)

Sra. Sophia, essa sua frase, "Onde há controle da informação, há algo de mau que se está tentando esconder"... é concisa, sucinta, mas encapsula uma verdade muito amarga e universal.

(Ele para, olha para Sophia e Julian, e continua.)

Pela minha própria experiência, como alguém que já esteve em um sistema de controle rigoroso da informação, e mais tarde como alguém que tentou buscar a verdade, concordo plenamente com essa afirmação.

Por que controlar a informação? Se um governo é verdadeiramente íntegro, verdadeiramente para o povo, se as políticas que eles implementam realmente beneficiam a maioria, o que eles teriam a temer da

verdade? O que teriam a esconder? Pelo contrário, eles gostariam que a informação fosse transparente, para que o povo entendesse e apoiasse.

O que o controle da informação visa esconder? Geralmente, é para encobrir fraquezas, corrupção, políticas equivocadas, atos ilegais e, especialmente, crimes contra o povo. Quando a verdade é exposta, sua credibilidade desmorona, seu poder é abalado. Portanto, eles devem usar todos os meios para encobrir, para controlar o fluxo de informações, para manter uma imagem falsa.

O controle da informação é uma manifestação de falta de confiança e medo: Um governo forte, confiante em sua própria retidão, não precisaria temer opiniões divergentes, críticas. Estaria disposto a dialogar, a debater abertamente. Apenas os fracos, aqueles que sabem que estão errados, precisam usar a censura e a repressão para silenciar os outros.

A perseguição ao Falun Gong é um exemplo clássico. Se o Falun Gong fosse realmente um "culto maligno" como eles propagandeiam, por que proibiriam os livros, os materiais, por que bloqueariam todos os sites que falam sobre o Falun Gong de forma objetiva? Por que temeriam os relatos dos praticantes, as evidências do crime da extração forçada de órgãos? É porque eles sabem que a verdade não está do lado deles. É porque o que eles estão

fazendo é mau, é um crime, então eles devem tentar a todo custo escondê-lo.

Sua frase, não é apenas verdadeira para a China, mas talvez para qualquer lugar do mundo, em qualquer época, onde a liberdade de informação é pisoteada. É como uma lei. A escuridão sempre teme a luz. A mentira sempre teme a verdade.

É uma conclusão muito boa, senhora. Faz a gente pensar.

Julian Lee:

(Julian acena com a cabeça de forma decisiva, mostrando clara concordância.)

Concordo plenamente com a conclusão da Sra. Sophia e com a análise do Sr. Liu. É uma afirmação extremamente precisa e de alta universalidade.

No jornalismo e no estudo da liberdade de expressão, há um princípio não escrito: o nível de censura da informação de um governo é muitas vezes proporcional ao nível de erros e coisas obscuras que esse governo está escondendo.

Uma sociedade aberta e transparente, onde a informação flui livremente, onde a imprensa pode exercer seu papel de fiscalização e crítica, geralmente são sociedades com

menor nível de corrupção, maior responsabilidade governamental e mais respeito pelos cidadãos.

Pelo contrário, em lugares onde a informação é estritamente controlada, onde o Estado detém o monopólio da verdade, onde as vozes dissidentes são silenciadas, geralmente é um terreno fértil para o abuso de poder, a corrupção, a injustiça e os crimes sistemáticos.

A "Grande Muralha" da China é uma manifestação extrema do controle da informação para esconder coisas más. Seu propósito não é apenas impedir que o povo acesse a verdade, mas também manter uma "narrativa oficial" escrita pelo Partido Comunista, uma narrativa que embeleza a realidade e denigre qualquer um que ouse desafiá-la.

A frase da Sra. Sophia pode ser considerada um "teste de litmus" simples, mas eficaz, para avaliar a natureza de qualquer regime. Se eles temem a informação, se tentam silenciar o povo, então certamente há algo muito errado, muito mau, acontecendo por trás dessa cortina de censura.

Este é um forte lembrete da importância da liberdade de informação e do papel daqueles que ousam buscar e falar a verdade, onde quer que estejam.

Sophia Bell:

E em um lugar com tanta censura de informação, é muito fácil que muitas vidas sejam empurradas para a tragédia sem que ninguém saiba...

Falando nisso, me vem à mente o tema: como construir um país melhor, onde as pessoas tenham, no mínimo, liberdade de expressão?

Os senhores são pessoas interessadas em filosofia, em pensamento de liderança, na construção de instituições e políticas... então acho que perguntas sobre este tema serão de grande interesse para os senhores e terão interpretações profundas...

Mas o tempo de hoje já está quase chegando ao meio-dia, talvez possamos deixar este tema para amanhã de manhã? O que os senhores acham?

Sr. Liu Siyuan:

(O Sr. Liu ouve Sophia sugerir o novo tema, seus olhos se iluminam um pouco, mostrando claro interesse. No entanto, ele também olha para o relógio e acena em concordância com a proposta de Sophia.)

Sra. Sophia, o tema que a senhora acabou de levantar – "como construir um país melhor, onde as pessoas

tenham, no mínimo, liberdade de expressão" – é de fato uma questão imensa, uma preocupação não apenas minha, mas talvez de qualquer um que deseje uma sociedade justa, civilizada e progressista.

É a pergunta para a qual tentei encontrar uma resposta durante todos os meus anos de pesquisa e também quando entrei na política, embora meus pensamentos na época pudessem ser limitados e influenciados por preconceitos. E agora, com o que passei, com os novos entendimentos do caminho do cultivo, reflito sobre isso ainda mais profundamente.

Fatores como a filosofia fundamental, o pensamento dos líderes, a forma de construir instituições e políticas... todos desempenham um papel crucial na formação de uma nação.

Estou muito interessado e disposto a compartilhar meus pensamentos sobre este tema. No entanto, a senhora está certa, o tempo desta manhã já está acabando. Este é um tema grande, que precisa de tempo suficiente para que possamos aprofundar seus aspectos de forma completa.

Portanto, concordo plenamente com sua proposta. Dedicaremos a manhã de amanhã para nos concentrarmos na discussão deste assunto. Acredito que, com a participação do Sr. Julian, teremos uma troca

muito rica e benéfica. Terei mais tempo para refletir e organizar minhas ideias para a discussão de amanhã.

Julian Lee:

(Com um olhar interessado, aproveitando a oportunidade para apresentar o livro.)

Concordo plenamente com a Sra. Sophia e o Sr. Liu. O tema de construir um país melhor, especialmente garantindo a liberdade de expressão, é um dos maiores desafios e também um dos objetivos mais nobres de qualquer sociedade civilizada.

Esta também é uma área na qual passei muito tempo pesquisando. Sra. Sophia, Sr. Liu, estou realmente muito interessado nos temas que discutiremos amanhã. Nos últimos anos, meu trabalho também se concentrou bastante em entender o pensamento e o legado dos líderes depois que eles deixam o poder. Tive a oportunidade de me encontrar e entrevistar várias ex-autoridades de alto escalão e alguns ex-chefes de Estado.

Houve uma entrevista especial na qual dediquei muito esforço e tempo recentemente, que foi com um ex-presidente. Foi um diálogo de vários dias, aprofundando as decisões mais importantes de seu mandato, suas reflexões, o que ele aprendeu e, o mais importante, como ele queria que seu legado fosse lembrado.

Um livro no qual estou em processo de finalização, com o título de "AFTER POWER: THE LEGACY - A Conversation with a former President" (Depois do Poder: O Legado - Uma Conversa com um ex-Presidente). O manuscrito também já recebeu alguns feedbacks positivos iniciais de leitores de teste.

(Julian Lee tira de sua pasta um manuscrito cuidadosamente encadernado.)

A propósito, Sr. Liu, já que discutiremos esses temas amanhã, se o senhor não se importar, gostaria de lhe dar um exemplar do manuscrito para que possa dar uma olhada esta noite. Acredito que, com suas experiências e sua erudição, ler sobre as reflexões de outro líder após deixar o cargo, e depois seus próprios compartilhamentos sobre "poder" e "legado" de sua perspectiva única, trará um valor imenso para nossa discussão.

Sr. Liu Siyuan:

(O Sr. Liu parece um pouco surpreso, mas também apreciativo, ao aceitar o manuscrito.)

Oh, obrigado, Sr. Julian. Este é realmente um presente significativo e muito oportuno. "AFTER POWER: THE LEGACY"... o título é muito sugestivo. Com certeza lerei com atenção esta noite. E também estou muito ansioso

pela nossa troca de amanhã, certamente haverá muito mais para refletir.

Sophia Bell:

Maravilha! Então, até amanhã, senhores. Tenho certeza de que teremos outra sessão cheia de valor.

DIA TRÊS

Sophia Bell:

Bom dia, Sr. Liu! Tenha um bom dia! Hoje, Julian e eu viemos novamente para continuar a ouvir seus compartilhamentos. As duas sessões anteriores realmente nos trouxeram muitas reflexões.

Julian Lee:

Bom dia, Sr. Liu. Obrigado por continuar a nos dedicar seu tempo. Senhor, como Sophia disse, suas histórias e análises abriram muitas perspectivas valiosas. Também estou muito grato por o senhor ter aceitado dar uma

olhada no manuscrito do livro "AFTER POWER: THE LEGACY" que lhe envie.

Sr. Liu Siyuan:

(Sorri levemente, acenando com a cabeça.)

Bom dia, Sra. Sophia, Sr. Julian. Obrigado por terem vindo. Sim, eu dediquei um tempo para ler rapidamente o manuscrito "AFTER POWER: THE LEGACY" do Sr. Julian. Embora tenha sido apenas uma leitura superficial, o que senti deixou uma impressão verdadeiramente profunda. Fiquei bastante surpreso e também muito grato por um ex-presidente, alguém que esteve no auge do poder, ter reflexões e autoquestionamentos tão francos sobre a natureza das instituições, sobre os limites do poder e, especialmente, sobre o retorno aos valores morais fundamentais. Há muitos pontos no livro que me fizeram pensar e com os quais me identifiquei, especialmente quando ele enfatiza a importância de "ter a virtude como base" para uma nação, uma sociedade. Isso me lembrou muitos dos ensinamentos dos antigos sábios do Oriente que eu havia negligenciado no passado...

Sophia Bell:

É muito interessante que o senhor mencione isso, Sr. Liu. Nas duas sessões anteriores, aprofundamos suas experiências pessoais, a natureza da perseguição ao Falun Gong, bem como os crimes do Partido Comunista Chinês. Hoje, talvez possamos revisitar juntos os valores, as filosofias antigas tanto do Oriente quanto do Ocidente sobre a arte de governar, sobre uma sociedade melhor...

Sr. Liu, depois de tudo o que passou, e especialmente depois de ter começado a praticar o Falun Gong há pouco mais de um ano, o senhor tem alguma nova interpretação dos ensinamentos dos antigos, como o ditado "Quando os de cima não são retos, os de baixo caem no caos" (*Shàng bù zhèng, xià zé luàn*), por exemplo, ao aplicá-lo à situação atual da China?

Sr. Liu Siyuan:

(Acena com a cabeça, seu olhar revela uma profunda reflexão.)

Sra. Sophia, sua pergunta toca em algo sobre o qual tenho refletido muito, especialmente no último ano. Antes, quando eu era um pesquisador, uma autoridade, também lia os ensinamentos dos antigos como "Quando os de cima não são retos, os de baixo caem no caos". Mas, para ser honesto, na época eu os via apenas como sínteses históricas, lições de experiência... e não compreendia verdadeiramente a lei universal por trás

deles. Eu me concentrava demais nos modelos econômicos, nas instituições políticas, e esquecia que a base de uma nação, a prosperidade ou o declínio de uma sociedade, reside na moralidade de seus governantes e, mais amplamente, na moralidade de todo o povo.

Foi somente quando testemunhei com meus próprios olhos a brutalidade, a falsidade extrema do Partido Comunista Chinês na perseguição ao Falun Gong, e mais tarde, quando tive a sorte de encontrar o Grande Fa, de ler o *Zhuan Falun*, que minha visão de mundo mudou completamente. Foi como acordar de um longo sonho. "Quando os de cima não são retos, os de baixo caem no caos" não era mais um ditado vazio, mas se manifestava de forma dolorosa e clara em todos os cantos da sociedade chinesa de hoje. Quando os "de cima" – aqueles no poder mais alto – agem completamente contra os valores universais da humanidade, pisoteando a consciência, como os "de baixo" – ou seja, toda a sociedade – poderiam não cair no "caos"? É uma consequência inevitável, um carma que não pode ser evitado.

Julian Lee:

(Ouve atentamente, e depois acrescenta.)

Concordo plenamente com as observações iniciais do Sr. Liu. Da perspectiva da pesquisa política e da história das

nações, pode-se ver claramente uma lei: qualquer instituição, por mais superior que pareça em seu design, se carecer do fundamento moral daqueles que a operam, mais cedo ou mais tarde entrará em declínio ou se tornará uma ferramenta de opressão. A frase "Quando os de cima não são retos, os de baixo caem no caos" não é apenas verdadeira para a cultura oriental, mas também tem manifestações semelhantes na história ocidental. Quando a elite governante perde a integridade, persegue interesses pessoais e de grupo, a confiança pública se erode, a polarização social aumenta e a instabilidade é difícil de evitar. Aplicar essas filosofias antigas ao contexto moderno, especialmente ao que está acontecendo na China, é essencial para entendermos a raiz do problema.

Sophia Bell:

Obrigado pelos compartilhamentos gerais muito profundos do Sr. Liu e do Sr. Julian. Sr. Liu, o senhor poderia analisar mais especificamente, a partir do que testemunhou e vivenciou, como a "não retidão" dos "de cima" na China se manifesta, e como isso levou ao "caos" na sociedade, especialmente no contexto da perseguição ao Falun Gong?

Sr. Liu Siyuan:

(Acena levemente, a voz se torna mais grave, carregada de emoção.)

Sra. Sophia, a "não retidão" dos "de cima" na China, ou seja, do Partido Comunista, não se trata apenas de atos isolados de má conduta, mas de uma podridão na sua própria essência, na sua ideologia central.

Primeiro, é a negação completa de Deuses e Budas e dos valores morais tradicionais. Desde que tomaram o poder, o PCC tem sistematicamente destruído a cultura tradicional, substituindo-a pelo Marxismo-Leninismo, uma doutrina baseada na luta de classes, na violência e no ateísmo. Eles incutiram na cabeça das pessoas, especialmente das gerações mais jovens, que não existem Deuses ou Budas, que não há retribuição cármica, que o homem é o mestre da natureza e pode fazer qualquer coisa para atingir seus objetivos. Quando a base moral, o temor ao Céu e à Terra, a Deuses e Budas, não existe mais, que limite pode haver para o mal?

Segundo, é a falsidade e o engano sistemáticos, que se tornaram a natureza do regime. Das promessas iniciais de uma sociedade justa e livre, aos números de crescimento econômico enfeitados, ao encobrimento de crimes hediondos... tudo é mentira. Eles construíram uma enorme "cortina vermelha" de propaganda para enganar o povo e o mundo. Quando o líder, todo um

sistema, vive da mentira, como se pode exigir que os "de baixo" sejam honestos?

Terceiro, é a glorificação da violência e do poder absoluto. "O poder nasce do cano de uma arma" – esta frase se tornou o guia. Qualquer pessoa, qualquer grupo com pensamentos diferentes, que ameace o poder monopolista do Partido, é visto como inimigo e deve ser eliminado. Eles não usam a virtude para conquistar os corações, mas usam a polícia, o exército, as prisões, os campos de reeducação para reprimir.

É a partir dessa "não retidão" fundamental que surgiu o "caos" generalizado na sociedade.

A corrupção se tornou uma praga nacional, desde os maiores tigres no Politburo até as menores moscas no nível das aldeias, todos procuram saquear, enriquecer com o suor e as lágrimas do povo. Porque quando não há mais moralidade, quando não se acredita no carma, a ganância não tem limites.

A moralidade social se deteriorou gravemente. As pessoas enganam umas às outras para obter lucro, alimentos contaminados e produtos falsificados são abundantes. A indiferença e o egoísmo se infiltraram em todas as famílias, em todos os relacionamentos. Porque quando os "de cima" dão o mau exemplo, pisoteando

todos os valores morais, como os "de baixo" podem manter a bondade?

E o auge desse "caos", nada é mais claro do que a perseguição ao Falun Gong.

O Falun Gong ensina as pessoas a viverem segundo Verdade, Compaixão e Tolerância, guiando as pessoas de volta aos melhores valores morais. Uma prática tão pacífica, apenas porque o número de praticantes era muito grande, superando o número de membros do partido, fez com que os líderes do PCC, especialmente Jiang Zemin, sentissem seu poder ameaçado. A inveja e o medo irracionais se transformaram na campanha de perseguição mais brutal da história moderna. Eles fabricaram, caluniaram, usaram toda a máquina de mídia para difamar o Falun Gong, transformando praticantes gentis em "inimigos do Estado". Milhões de pessoas foram presas, brutalmente torturadas, enviadas para campos de trabalho forçado, submetidas à extração forçada de órgãos vivos... Isso não é mais "caos", é um crime contra a humanidade, a manifestação mais clara da natureza perversa de um regime que perdeu completamente sua humanidade.

Julian Lee:

(Ouve atentamente, e depois acrescenta.)

A análise do Sr. Liu sobre a "não retidão" do PCC e a consequente "queda no caos" é extremamente pertinente. Eu só gostaria de adicionar um aspecto: essa "não retidão" também se manifesta no fato de que o PCC deliberadamente desconectou o povo chinês de suas próprias e grandiosas raízes culturais. Uma nação que não está mais conectada com sua tradição, com os valores morais que foram forjados ao longo de milhares de anos, torna-se fácil de manipular, fácil de ser guiada por ideologias estrangeiras e extremistas. Quando as pessoas não sabem mais temer o Céu e a Terra, não entendem mais sobre causa e efeito, torna-se muito mais fácil para elas cometerem atos maus, ou tolerarem o mal. A Revolução Cultural é um exemplo clássico da destruição das raízes da cultura tradicional, e suas consequências ainda persistem até hoje, criando as condições para que perseguições como a do Falun Gong pudessem ocorrer.

Sr. Liu Siyuan:

O Sr. Julian está absolutamente certo. Eles temem a cultura tradicional porque os valores de Verdade, Compaixão e Tolerância, os princípios de Benevolência, Retidão, Cortesia, Sabedoria e Fé que os antigos promoviam, são completamente opostos à sua natureza mentirosa e violenta. Uma pessoa imbuída da cultura tradicional dificilmente aceitaria o governo de um partido ateu e imoral como esse.

Sophia Bell:

Sim, entendo que a arte de governar precisa ter a "virtude" como base... não apenas no modelo feudal antigo, mas também nos modelos comunista e capitalista de hoje. Parece que em qualquer modelo ou instituição, se os líderes e o povo não tiverem a virtude como base, mais cedo ou mais tarde a sociedade cairá no caos e declinará... Mas será que com um "bom modelo" essa decadência poderia ocorrer mais lentamente, Sr. Liu, Sr. Julian? E quando se fala em "ter a virtude como base", que sugestões as ideias do Taoísmo, como "O Caminho Imperial do não-agir" (*Huáng Dào wú wéi*) ou "O Caminho do Imperador de estabelecer a virtude" (*Dì Dào lì dé*), podem nos trazer hoje?

Sr. Liu Siyuan:

A Sra. Sophia levanta uma questão muito profunda. É verdade que o "modelo" ou a "instituição" também tem seu papel. Uma instituição bem projetada, com mecanismos de controle de poder, com transparência, pode conter de alguma forma a decadência quando a moralidade geral da sociedade declina, ou pelo menos fazer com que o processo ocorra mais lentamente, com menos dor. No entanto, ainda acredito que isso é apenas

a ponta. Se a "base da virtude" já está abalada, até o melhor dos modelos acabará sendo corrompido, explorado por pessoas sem moral. A história mostrou que muitas repúblicas, muitas instituições democráticas que pareciam sólidas, também declinaram quando a elite e o povo perderam seus valores morais fundamentais.

Quanto às ideias do Taoísmo que a senhora mencionou, como "O Caminho Imperial do não-agir" ou "O Caminho do Imperador de estabelecer a virtude", estas são as filosofias de governo que eu senti profundamente após começar a praticar.

"O Caminho Imperial do não-agir" não significa não fazer nada, mas que o governante segue o Caminho do Céu, segue as leis da natureza, não intervindo de forma grosseira, não impondo sua vontade subjetiva sobre o povo. Deixar o povo viver livremente, desenvolver-se livremente, com o governo desempenhando apenas um papel de harmonização, de orientação suave, como a água que flui naturalmente.

"O Caminho do Imperador de estabelecer a virtude" enfatiza que o líder deve ter como prioridade o cultivo de sua própria moralidade, usando sua virtude para inspirar, para dar o exemplo ao povo. Quando o de cima tem virtude, o povo naturalmente o seguirá, a sociedade será pacífica, sem a necessidade de punições severas ou leis complicadas.

Vamos comparar isso com o Partido Comunista Chinês, e veremos que eles fizeram exatamente o oposto. Eles não praticam o "não-agir", mas o "agir" de forma extrema, intervindo em todos os aspectos da vida do povo, desde o pensamento, a crença, até o sustento. Eles não "estabelecem a virtude", mas "estabelecem o poder" pela violência, pela propaganda mentirosa. E qual é o resultado? Uma sociedade cheia de contradições, tensões, pessoas vivendo com medo, sem confiança. A perseguição ao Falun Gong é um exemplo típico desse "agir" e dessa "falta de virtude". Uma prática pacífica que ensina as pessoas a cultivarem seus corações para o bem, a viverem segundo Verdade, Compaixão e Tolerância, foi vista por eles como uma ameaça e eles tentaram destruí-la a todo custo. Eles foram contra o Grande Caminho (Dafa), contra a vontade do Céu e do povo.

Julian Lee:

Concordo plenamente com a análise do Sr. Liu. O conceito de "não-agir" (wu wei) do Taoísmo, visto da perspectiva da filosofia política ocidental, tem semelhanças interessantes com as ideias de "governo limitado" (limited government) ou do liberalismo clássico, onde o papel do Estado é limitado a proteger as liberdades básicas e manter a ordem, deixando o resto para a sociedade se auto-regular. No entanto, a diferença fundamental, e também a profundidade do Taoísmo, como o Sr. Liu apontou, é que ele se baseia no "Caminho"

(Tao) e na "Virtude" (De). Um governo de "não-agir" não é apenas aquele que não intervém, mas que não intervém porque o líder alcançou um certo nível moral, compreende as leis do universo e confia na capacidade de auto-ajuste da sociedade quando as pessoas vivem com moralidade.

Quanto a "O Caminho do Imperador de estabelecer a virtude", isso enfatiza algo que muitas democracias modernas às vezes negligenciam: a qualidade moral pessoal do líder. Podemos ter processos eleitorais muito democráticos, mecanismos de supervisão complexos, mas se a pessoa eleita carece de virtude, ela ainda pode encontrar maneiras de manipular o sistema para servir a interesses pessoais ou de grupo. Pelo contrário, um líder verdadeiramente virtuoso, mesmo em uma instituição imperfeita, ainda pode trazer estabilidade e prosperidade à nação. A história da China antiga tem muitos governantes sábios como Yao, Shun, Rei Wen, Rei Wu, que governaram não pela astúcia do poder ou por leis severas, mas por sua própria virtude, fazendo com que o mundo se submetesse.

Sr. Liu Siyuan:

Exatamente, Sr. Julian. Os Santos Reis da antiguidade, eles não precisavam de máquinas de propaganda ruidosas, não precisavam de forças policiais numerosas para controlar o povo. Eles só precisavam viver de

acordo com o Caminho, cultivar a si mesmos, dar o exemplo para as centenas de famílias. Naquela época, como disse Laozi: "Eu não ajo, e o povo se transforma por si mesmo. Eu amo a quietude, e o povo se endireita por si mesmo. Eu não causo problemas, e o povo enriquece por si mesmo. Eu não tenho desejos, e o povo se torna simples por si mesmo." Esse é o mais alto nível da arte de governar.

Sophia Bell:

Se é preciso ter a "virtude" como base, então quanto maior a virtude do líder supremo, mais benéfico é para o povo e para o país, entendi corretamente, Sr. Liu, Sr. Julian?

Se for assim, outra pergunta surge: como escolher a pessoa com talento e virtude suficientes?...

Na história antiga da China, houve a "transmissão para os virtuosos" entre os imperadores Yao e Shun, enquanto hoje a maioria dos países segue a forma de eleição... Essas formas realmente garantem que a pessoa mais digna seja encontrada? E a filosofia do Confucionismo de "Cultivar a si mesmo, harmonizar a família, governar o estado, pacificar o mundo" nos dá alguma sugestão sobre as qualidades necessárias de um líder?

Sr. Liu Siyuan:

(Acena com a cabeça, com expressão de aprovação.)

A Sra. Sophia entendeu exatamente o que eu quis dizer. Quanto maior a virtude do líder, maior a bênção para a nação, para o povo. Porque quando o líder tem virtude, ele saberá amar o povo como a seus próprios filhos, saberá colocar o interesse da nação acima dos interesses pessoais, saberá usar pessoas talentosas e virtuosas, e não fará coisas que vão contra o Caminho do Céu e a retidão.

Sobre a questão de como escolher a pessoa com talento e virtude suficientes, esta é de fato uma questão difícil desde os tempos antigos, em qualquer sistema. A "transmissão para os virtuosos" na era de Yao e Shun é um modelo ideal, onde o sucessor era escolhido com base na virtude e no talento comprovados, e não na linhagem ou facção. Esse é o auge da imparcialidade e do serviço ao povo. No entanto, esse modelo exige que o governante atual seja verdadeiramente um sábio, sem egoísmo, e que a sociedade da época também tenha uma base moral muito elevada.

Hoje em dia, a eleição é a forma popular em muitos países democráticos. Em teoria, ela dá ao povo o poder de escolher seus representantes. Mas, na prática, como vemos, a eleição também tem muitos problemas. É

facilmente influenciada pelo dinheiro, pela mídia, por promessas grandiosas, mas irrealistas, e pelas emoções momentâneas da multidão. Às vezes, os bons oradores, os bons lobistas, ganham a eleição, e não necessariamente as pessoas que realmente têm virtude, talento e um coração para o povo. Na China, então, não há eleição real para o cargo de liderança mais alto. É puramente uma luta de poder e arranjos dentro do Partido.

Quanto à filosofia de "Cultivar a si mesmo, harmonizar a família, governar o estado, pacificar o mundo" do Confucionismo, este é um guia extremamente importante sobre o caminho e as qualidades de um líder, de um cavalheiro. Ele aponta uma sequência muito lógica: para fazer grandes coisas pelo mundo, primeiro é preciso começar cultivando a própria moralidade ("cultivar a si mesmo"). Quando se tem virtude e sabedoria, pode-se gerenciar bem a própria família ("harmonizar a família"). Com uma família harmoniosa e ordenada, pode-se governar bem uma nação ("governar o estado"). E quando a nação está estável e próspera, pode-se pensar em trazer paz e estabilidade para todo o mundo ("pacificar o mundo").

O Partido Comunista Chinês foi completamente contra essa sequência. Seus líderes, quantos deles realmente "cultivam a si mesmos"? Ou eles apenas se preocupam em acumular para si mesmos, para suas famílias, para

suas facções? As famílias de muitos altos funcionários estão cheias de escândalos, com filhos vivendo luxuosamente no exterior com o dinheiro do povo. Uma pessoa que não "cultiva a si mesma", que não consegue "harmonizar a família", como pode "governar o estado" bem? A perseguição ao Falun Gong, uma prática que ensina as pessoas a "cultivarem a si mesmas" de acordo com Verdade, Compaixão e Tolerância, é a prova mais clara de que eles temem pessoas com moralidade, temem valores que podem abalar a base de seu governo, que se apoia na mentira e na violência.

Julian Lee:

(Continua.)

A questão da escolha de um líder talentoso e virtuoso que a Sra. Sophia levantou, e a análise do Sr. Liu sobre a "transmissão para os virtuosos" e a "eleição", são de fato um desafio eterno. Mesmo nas democracias ocidentais, com seus sistemas eleitorais multipartidários, encontrar e eleger líderes verdadeiramente dignos ainda é muito difícil. Como o Sr. Liu disse, o dinheiro e a mídia têm uma influência excessiva. Às vezes, o público é levado por imagens construídas, por mensagens cuidadosamente calculadas, em vez de olhar para a substância e a capacidade do candidato.

A filosofia de "Cultivar a si mesmo, harmonizar a família, governar o estado, pacificar o mundo" do Confucionismo, embora de origem oriental, tem valores universais. Ela enfatiza que a capacidade de liderança não é apenas uma habilidade de gestão ou conhecimento técnico, mas deve se originar do caráter pessoal. Um líder não pode separar sua pessoa privada de seu papel público. A desonestidade na vida privada, a ganância ou outras questões morais pessoais, mais cedo ou mais tarde afetarão suas decisões e comportamentos quando estiverem no poder.

E acho que outro ponto importante no "cultivar a si mesmo" é a capacidade de autoconsciência, de se corrigir e de ouvir. Um líder, por mais talentoso que seja, se não souber "cultivar a si mesmo", se não souber olhar para si mesmo, muito facilmente se tornará despótico e distante da realidade.

Sr. Liu Siyuan:

O Sr. Julian está absolutamente certo. "Cultivar a si mesmo" não é apenas manter a moralidade, mas também um processo contínuo de aprendizado e correção. Os antigos diziam "nenhum homem é perfeito", todos têm falhas. O importante é se atrever a reconhecê-las e corrigi-las. Os líderes do PCC se consideram o "ápice da sabedoria", os "representantes dos interesses do povo", então eles nunca admitem seus erros, nunca se dispõem

a "cultivar a si mesmos" nesse sentido. Todos os erros são atribuídos a "forças hostis" ou fatores objetivos. Essa é outra manifestação da "não retidão".

Sophia Bell:

Mas para as pessoas modernas de hoje, o que é vistoso por fora, o que é fácil de ver, é mais convincente... Enquanto as ideias antigas, invisíveis e abstratas, são difíceis de as pessoas perceberem... É por isso que o crescimento econômico explosivo da China nos últimos 40 anos é como um "diamante" ofuscante que atrai o apoio do povo dentro do país e dos amigos internacionais...

Falando nisso, lembro-me de uma viagem de trabalho ao Vietnã em 2018, quando eu estava em um trem que atravessava o país de sul a norte, às vezes passando por áreas rurais e colinas... Naquela época, olhando pela janela do trem para as colinas verdejantes ao longe, de repente comentei com outro passageiro ao meu lado: "vocês, vietnamitas, têm uma ótima consciência de proteção florestal"... Naquele momento, os senhores sabem o que aquele passageiro me respondeu?..

Ele respondeu: "Minha cara jornalista americana, a paisagem verdejante que você vê não é tão bonita quanto você pensa!"...

Eu não entendi bem o que ele quis dizer e perguntei: "O que o senhor quer dizer?!"..

Ele explicou: "Sabe, aquelas florestas verdejantes ao longe são florestas de eucalipto, o 'resultado' do desmatamento para o plantio de árvores industriais... O eucalipto é uma espécie de crescimento rápido, muito adequada como matéria-prima para a indústria de papel. Mas, sabe, as pessoas não percebem que o eucalipto é uma espécie que destrói terrivelmente a fertilidade do solo! Ele não só não tem a capacidade de reter a umidade do solo, como também mata outros arbustos com a toxina em suas folhas e raízes... E em apenas cerca de 10 anos de cultivo desta espécie, as colinas ficarão erodidas e desbotadas, os arbustos e microrganismos não conseguirão sobreviver... De longe, parece muito bonito, mas se você chegar perto e olhar para o chão, verá que o solo das colinas está desolado como um deserto..."

Essa imagem me chocou...

E mais tarde, associei a imagem da floresta de eucalipto no Vietnã ao regime comunista na China... Com seus arranha-céus, cidades modernas, números impressionantes de crescimento econômico... será que

isso também não está escondendo uma desolação, uma destruição interna da moralidade, da cultura, dos direitos humanos, Sr. Liu, Sr. Julian? E não seria essa a manifestação de um "Caminho da Tirania (Bà Dào)" sobre o qual os antigos alertavam, um governo baseado apenas na força externa, sem uma base moral sustentável?

Sr. Liu Siyuan:

(Fica em silêncio por um momento após ouvir a história de Sophia, seu rosto revela uma profunda reflexão e empatia.)

Sra. Sophia, sua história e sua analogia são realmente muito profundas, muito imagéticas. "A floresta de eucalipto"... isso me dá arrepios. Não é apenas uma imagem, é a verdade nua e crua sobre a chamada "ascensão milagrosa" da China sob o domínio do Partido Comunista.

Exatamente como a senhora disse, os arranha-céus, as pontes sobre o mar, os números vertiginosos de crescimento do PIB... são coisas vistosas, fáceis de ver, fáceis de convencer aqueles que olham apenas para a superfície, ou aqueles que deliberadamente não querem ver a verdade. Mas o que está por trás desse "verde exuberante"?

É a destruição irreversível do meio ambiente, o ar tão poluído que as pessoas não ousam respirar, as fontes de água esgotadas e contaminadas.

É a degeneração moral ao extremo, onde as pessoas estão dispostas a fazer qualquer coisa por dinheiro, desconsiderando a consciência, a saúde e a vida de seus semelhantes.

É o pisoteio dos direitos humanos, da liberdade de crença, quando milhões de pessoas inocentes, praticantes do Falun Gong, uigures, tibetanos, são reprimidos, privados de seus direitos mais básicos como seres humanos.

É a erosão, a desertificação da bela cultura tradicional de milhares de anos, substituída por uma ideologia estrangeira, de luta e ateísmo.

E sua conexão com o "Caminho da Tirania (Bà Dào)" é absolutamente precisa. Os antigos distinguiam claramente entre o "Caminho do Rei (Wáng Dào)" e o "Caminho da Tirania (Bà Dào)". O "Caminho do Rei" é usar a benevolência e a virtude para conquistar os corações, fazendo com que o mundo se submeta naturalmente. Já o "Caminho da Tirania" é usar a força militar, a astúcia do poder, a opressão para dominar, fazendo com que as pessoas temam e obedeçam, mas não que respeitem.

O Partido Comunista Chinês está seguindo o típico "Caminho da Tirania". Eles usam o poder econômico para comprar, para influenciar outros países. Eles usam sua gigantesca máquina de propaganda para embelezar sua imagem, para encobrir seus crimes. Eles usam o exército e a polícia para reprimir as vozes dissidentes internamente. Eles podem alcançar temporariamente alguns "sucessos" superficiais, podem fazer com que algumas pessoas os aclamem, mas é uma prosperidade falsa, um "verde" de uma floresta de eucalipto, sem raízes sustentáveis. Porque é construída sobre a mentira, sobre o medo e sobre a destruição dos valores humanos fundamentais. Uma vez que esse "Caminho da Tirania" não tenha mais força suficiente para oprimir, ou quando o povo estiver cansado demais, sofrendo demais, o colapso será inevitável.

Julian Lee:

A imagem da "floresta de eucalipto" da Sra. Sophia é realmente muito poderosa. Ela mostra uma lei universal: o que cresce rápido demais, focando apenas no exterior e negligenciando a base interna, muitas vezes esconde riscos potenciais de destruição. Em economia, também se fala de "crescimento superaquecido" insustentável. Na política, um regime que se baseia apenas na força coercitiva, sem o consentimento genuíno do povo, mais cedo ou mais tarde enfrentará uma crise.

O "Caminho da Tirania" que o Sr. Liu acabou de analisar, não se limita à forma como o PCC governa internamente. Também vemos claramente suas manifestações em sua política externa. A ambição da "Iniciativa do Cinturão e Rota" foi inicialmente promovida como uma cooperação de benefício mútuo, mas na prática, em muitos lugares, transformou-se em uma "armadilha da dívida", uma ferramenta para a China aumentar sua influência geopolítica e até mesmo interferir na soberania de outras nações. Isso é usar o poder econômico para impor sua vontade, uma forma de "Caminho da Tirania" nas relações internacionais. Isso é completamente oposto ao "Caminho do Rei" que os líderes verdadeiramente visionários e virtuosos do passado perseguiram, onde a influência era construída com base no respeito mútuo e no bem comum.

Sr. Liu Siyuan:

O Sr. Julian está certo. Esse "Caminho da Tirania" se espalha para o exterior. Eles querem que o mundo inteiro os reconheça, que reconheça o "modelo chinês" deles. Mas eles esquecem que o verdadeiro respeito não vem da força material ou da imposição, mas da moralidade, dos valores humanitários que uma nação contribui para a humanidade. Até agora, o que o PCC "contribuiu" para o mundo parece ser apenas instabilidade, competição desleal e a disseminação de uma ideologia tóxica.

Sophia Bell:

As "conquistas" da China moderna, notavelmente o sistema de trens de alta velocidade que abrange todo o país, construído em um tempo extremamente curto de cerca de 15 anos! Como uma observadora objetiva do outro lado do Pacífico, estou realmente impressionada!...

Essa conquista é algo que facilmente ganha o apoio do povo... Lembro-me de algumas semanas atrás, quando fui à Universidade de Harvard para uma breve reportagem, encontrei uma estudante chinesa que estudava lá. Conversei com ela por um tempo, ouvi-a falar sobre a China, sobre a vida de sua família em sua cidade natal. Seu avô era um veterano revolucionário do Partido, e seu pai era um empresário de sucesso. Uma vez, durante o jantar, seu avô e seu pai entraram em conflito sobre visões políticas... Lembro-me dela contando que seu avô repreendeu seu pai com uma frase: "Se não fosse pelo Partido, como você teria uma casa de luxo e um carro para desfrutar agora?! Você não sabe ser grato ao Partido e ainda diz essas palavras podres dos capitalistas reacionários?!"

A história desta estudante me fez pensar muito sobre a complexidade da sociedade chinesa. Por um lado, há conquistas materiais inegáveis, mas por outro, há sacrifícios, imposição ideológica e talvez a falta de um caminho moderado, um "Caminho do Meio" (*Zhong Yong*)

que o Confucionismo tanto valorizava, não é, Sr. Liu, Sr. Julian? Será que a ausência do "Caminho do Meio" levou a tais conflitos e extremismos tanto no pensamento quanto nas ações do governo e de uma parte da população?

Sr. Liu Siyuan:

(Ouve atentamente a história de Sophia, e depois acena levemente, uma expressão triste passando por seu rosto.)

A história que a Sra. Sophia contou é muito típica de muitas famílias na China de hoje, especialmente aquelas com várias gerações vivendo juntas. O conflito entre a geração mais velha, que passou pelo período revolucionário, sofreu "lavagem cerebral" e está profundamente imbuída da ideologia do Partido, e a geração mais jovem, que teve a oportunidade de ter contato com o mundo exterior e tem percepções diferentes, não é raro.

A repreensão do avô na história: "Se não fosse pelo Partido, como você teria uma casa de luxo e um carro para desfrutar agora?!" – essa é precisamente a retórica que o Partido Comunista tem conseguido incutir na cabeça das pessoas. Eles deliberadamente equiparam o desenvolvimento econômico, as conquistas materiais, com a existência e o "grande" papel do Partido. Eles querem que o povo acredite que tudo de bom que eles

têm foi dado pelo Partido e, portanto, devem ser "gratos ao Partido", devem ser absolutamente leais ao Partido.

Mas eles deliberadamente ignoram um fato: esse desenvolvimento econômico foi obtido com o suor, as lágrimas e até as vidas de milhões de trabalhadores, com a abertura tardia para absorver a ciência e a tecnologia do mundo, e também com o sacrifício do meio ambiente, da moralidade e dos direitos humanos. A "casa de luxo e o carro" podem ser reais, mas qual é o preço pago por eles? Seria a liberdade de pensamento, a dignidade humana, uma sociedade justa e humana?

E a senhora está absolutamente certa ao relacionar isso com a ausência do "Caminho do Meio" do Confucionismo. O "Caminho do Meio" não significa ser indeciso, sem opinião, mas manter a harmonia, o equilíbrio, não ir a extremos, não ser parcial. É o caminho da moderação, da razão e da virtude.

O Partido Comunista Chinês, desde sua fundação, sempre seguiu o caminho do extremismo. Ou é o extremo esquerdismo da Revolução Cultural, destruindo tudo, lutando brutalmente. Ou é o extremo direitismo no desenvolvimento econômico a qualquer custo, desconsiderando a moralidade e o meio ambiente. Eles não têm o "Caminho do Meio". Eles só têm "luta", "aniquilação", "imposição".

Essa falta do "Caminho do Meio" é evidente na forma como eles tratam aqueles com opiniões diferentes, com crenças diferentes. Em vez de dialogar, de buscar a harmonia, eles só sabem usar a violência para reprimir, como fizeram com o Falun Gong. Eles não aceitam a existência de nada fora de seu controle e de seu sistema ideológico. É precisamente esse extremismo, essa falta de "Caminho do Meio" no pensamento e na ação que criou inúmeras tragédias e instabilidades na sociedade chinesa.

Julian Lee:

A história da Sra. Sophia e a análise do Sr. Liu sobre o "Caminho do Meio" são muito instigantes. O extremismo no pensamento, como disse o Sr. Liu, é uma característica proeminente de muitos regimes autoritários, não apenas na China. Quando uma ideologia é considerada a única correta, todas as opiniões contrárias são vistas como "reacionárias", "hostis", e não há mais espaço para a moderação, para a busca de um terreno comum.

O "Caminho do Meio" do Confucionismo, se bem compreendido, é uma filosofia muito profunda sobre o autocontrole e o equilíbrio interior, que por sua vez leva à harmonia nas relações sociais e à estabilidade da nação. Exige que as pessoas sejam "sinceras em suas intenções, retifiquem seus corações, cultivem a si mesmas" antes de pensar em grandes feitos. Quando uma pessoa não

consegue manter o "meio" em seu coração, é facilmente abalada pela ganância, raiva, ignorância, pelos interesses imediatos, suas ações facilmente se tornam extremistas.

No contexto do avô e do pai na história da Sra. Sophia, vemos claramente a ausência de um espaço para o diálogo baseado no respeito e na razão. O avô está preso em slogans, em preconceitos doutrinados. O pai, embora possa ter percepções diferentes, também tem dificuldade em expressá-las de forma moderada. Essa polarização é uma grande ferida em muitas sociedades, e muitas vezes se origina da falta de cultivo do "Caminho do Meio", tanto no nível individual quanto no nível de governança nacional. Uma sociedade sem o "Caminho do Meio" é facilmente incitada, facilmente dividida e levada a ações extremas, prejudicando a si mesma.

Sr. Liu Siyuan:

Exatamente. "Caminho do Meio" também significa conhecer o "tempo", conhecer a "posição", saber o que é apropriado em cada circunstância, não ser rígido, não ser dogmático. O PCC, por outro lado, sempre impõe um modelo único, uma vontade única, a toda a sociedade, desconsiderando a realidade, desconsiderando as aspirações do povo. Isso é uma ruptura completa com o espírito do "Caminho do Meio".

Sophia Bell:

Gostaria de perguntar ao Sr. Julian: através de seus contatos e entrevistas com muitos ex-presidentes ou ex-altos funcionários de países ocidentais, o que o senhor notou de interessante em suas visões? Existe alguma sintonia com as ideias antigas da China que acabamos de discutir, como a importância da moralidade do líder, ou a necessidade de um caminho moderado e equilibrado na governança nacional?

Julian Lee:

(Sorri, acenando com a cabeça.)

Essa é uma pergunta muito interessante, Sophia. De fato, através de muitas conversas com líderes e formuladores de políticas no Ocidente, especialmente aqueles que já deixaram o cargo e tiveram tempo para refletir, percebo que há pontos em comum muito dignos de reflexão e, às vezes, semelhanças inesperadas com a sabedoria antiga do Oriente, embora expressas em uma linguagem e um sistema de referência diferentes.

Primeiro, algo que muitos ex-líderes frequentemente enfatizam depois de se afastarem da pressão do poder é a decepção com o pragmatismo excessivo e a erosão da moralidade na política moderna. Eles percebem que as decisões são muitas vezes dominadas por interesses de

curto prazo, por grupos de lobby, pela pressão da reeleição, em vez de por princípios morais universais ou pelo interesse de longo prazo da nação. Isso, de certa forma, também reflete a ausência da "base da virtude" que o Sr. Liu e os filósofos orientais mencionaram. Quando um líder não mais prioriza a moralidade, por mais democrática que a instituição pareça, ela ainda pode ser manipulada.

Segundo, há uma preocupação com a crescente polarização na sociedade e a dificuldade em encontrar um terreno comum, um consenso. Muitos admitem que a mídia, as redes sociais e até mesmo as táticas políticas contribuíram para aprofundar a divisão, em vez de promover o diálogo e o entendimento mútuo. Isso me lembra a importância do "Caminho do Meio" que acabamos de discutir. Uma sociedade que carece de moderação, de respeito por visões diferentes, dificilmente conseguirá manter a estabilidade e o desenvolvimento sustentável.

Terceiro, um ponto muito notável é a crescente conscientização sobre o papel dos "cidadãos silenciosos", indivíduos comuns que preservam os valores morais fundamentais em suas comunidades. Como o ex-presidente no livro "AFTER POWER: THE LEGACY" que o Sr. Liu leu, ele também enfatiza que o futuro de uma nação não está apenas nas mãos dos políticos ou da elite, mas depende muito da força moral das pessoas comuns.

Isso tem uma certa sintonia com a visão do Confucionismo de que a moralidade social é construída a partir da base da família e da comunidade.

E, finalmente, embora nem todos, alguns ex-líderes também começam a se voltar para questões filosóficas e espirituais mais profundas sobre o significado da vida, sobre o verdadeiro legado que deixam para trás. Eles percebem que o poder e a fama são passageiros, e o que resta são os valores humanos, a contribuição para um mundo melhor. Talvez seja uma forma tardia de "cultivo pessoal", mas ainda assim muito valiosa.

Claro, a cultura ocidental tem suas próprias tradições de pensamento, desde os filósofos gregos antigos como Platão e Aristóteles, com seus conceitos de justiça e virtude, até os iluministas com suas ideias de direitos naturais, contrato social e a república. Nesses pensamentos, o papel da razão, da lei e das instituições é frequentemente enfatizado. No entanto, se olharmos mais a fundo, ainda vemos fios de conexão com os pensamentos orientais, que é o anseio por uma sociedade justa, onde as pessoas possam viver com dignidade e os líderes tenham uma responsabilidade moral para com o povo. A diferença talvez esteja nos métodos e na ênfase, mas acredito que o objetivo de uma sociedade melhor, baseada em valores universais, é um ponto de encontro.

Sr. Liu Siyuan:

(Ouve Julian, acenando em concordância.)

O compartilhamento do Sr. Julian é muito interessante. Isso mostra que, seja no Oriente ou no Ocidente, seja em diferentes sistemas políticos, as preocupações com a moralidade, com o papel do líder, com uma sociedade melhor, parecem ser as questões eternas da humanidade. Talvez, quando as pessoas chegam ao fim das teorias, dos modelos, elas retornam aos valores mais fundamentais, às coisas que pertencem à bondade primordial da natureza humana, sobre as quais o Grande Fa frequentemente fala.

Sophia Bell:

Discutimos alguns pontos de vista sobre a governança da China antiga, e alguns compartilhamentos do Sr. Julian sobre a perspectiva ocidental... E quanto à perspectiva religiosa?... O Sr. Liu é um praticante do Falun Gong, e o Sr. Julian, pelo que sei, também já leu com entusiasmo muitas escrituras de outras religiões... Os senhores poderiam compartilhar mais sobre o conceito de Bem e Mal, sobre a moralidade na governança, ou sobre quais princípios universais as grandes religiões costumam mencionar ao falar de uma sociedade ideal e do papel do líder?

Sr. Liu Siyuan:

(Seu olhar se torna mais sereno, a voz lenta.)

Sra. Sophia, olhando da perspectiva de um praticante, especialmente depois de ser iluminado pelo Grande Fa, vejo que todas as grandes religiões justas do mundo, embora tenham diferentes formas de expressão e doutrinas específicas, em essência, todas ensinam as pessoas a se voltarem para o bem, a acreditarem em Deuses e Budas, a acreditarem na lei de Causa e Efeito, e a valorizarem os valores morais universais.

Sobre o conceito de Bem e Mal, todas as religiões justas fazem uma distinção muito clara. O Bem é seguir a lei celestial, é ser compassivo, ser tolerante, ser verdadeiro, ser paciente. O Mal é ir contra a lei celestial, é ser egoísta, ser cruel, ser mentiroso, ser beligerante. Uma sociedade que deseja paz e prosperidade deve ter o Bem como base, erradicando o Mal. O líder, mais do que ninguém, deve ser o primeiro a praticar o Bem, usando sua virtude para guiar o povo. Se o coração do líder estiver cheio de pensamentos malignos, se ele agir segundo o Mal, essa nação certamente perecerá, e o povo sofrerá. A perseguição do Partido Comunista Chinês ao Falun Gong é a manifestação suprema do Mal, quando um regime usa a violência para aniquilar pessoas que praticam segundo Verdade, Compaixão e Tolerância.

As grandes religiões também falam sobre a lei de Causa e Efeito. O que se semeia, se colhe. Um indivíduo que faz o mal sofrerá a retribuição; um regime que comete crimes também não pode escapar da punição do Céu e da Terra. Isso pode não acontecer imediatamente, mas é uma lei universal infalível. Quando eu estava no sistema, não acreditava nisso. Mas agora, acredito absolutamente. Os crimes que o PCC cometeu, especialmente o crime da extração forçada de órgãos vivos de praticantes do Falun Gong, mais cedo ou mais tarde serão expostos, e os mentores terão que pagar por seus crimes.

Sobre a arte de governar, as religiões justas geralmente não oferecem um modelo específico como as doutrinas políticas, mas todas enfatizam que o líder deve ter temor a Deus, deve amar o povo, governar com benevolência e não com violência. Eles devem ser os protetores da fé verdadeira, criando condições para que o povo cultive a moralidade. A história mostrou que as dinastias, as nações cujos líderes reverenciavam Deuses e Budas, valorizavam os talentosos e virtuosos, e cuidavam da vida moral do povo, geralmente desfrutavam de paz e prosperidade duradouras. Pelo contrário, os tiranos, os regimes que reprimem a fé, mais cedo ou mais tarde serão eliminados.

Julian Lee:

(Acena com a cabeça, continuando a fala do Sr. Liu.)

O que o Sr. Liu compartilhou é muito profundo e reflete o espírito central de muitas grandes religiões. Da perspectiva de alguém que estudou muitas escrituras, desde a Bíblia do Judaísmo e do Cristianismo, até o Alcorão do Islã, ou os Upanishads e o Bhagavad Gita do Hinduísmo, percebo um denominador comum muito claro: a existência de uma ordem sagrada, um Ser Supremo, e a responsabilidade do homem de viver de acordo com a vontade desse Ser Supremo, ou seja, viver segundo a moralidade e a justiça.

Na Bíblia, os reis de Israel são lembrados de temer a Deus, de guardar Suas leis e de governar o povo com justiça. Quando o faziam, o país prosperava. Quando caíam, adorando falsos deuses, oprimindo os pobres, a desgraça vinha. O conceito de "Justiça Divina" é uma base importante.

No Islã, o líder (Califado) é visto como o sucessor do profeta para aplicar a lei Sharia, com o objetivo de garantir a justiça (Adl) e o bem-estar comum (Maslaha) para a comunidade. A piedade (Taqwa) e a integridade são qualidades importantes.

No Hinduísmo, o conceito de "Dharma" (lei, dever, ordem cósmica) desempenha um papel central. O líder (Raja) tem o "Rajadharma" – o dever do governante – que é proteger o Dharma, manter a ordem social e garantir a

prosperidade de seus súditos. Se ele for contra o Dharma, ou seja, Adharma, isso levará ao caos.

Embora a expressão seja diferente, todas apontam para a mesma direção: uma sociedade boa deve ser construída sobre uma base moral, o líder deve ser um exemplo de virtude, e deve haver reverência por valores sagrados e transcendentais. Quando as pessoas, especialmente aquelas no poder, perdem essa conexão com suas raízes espirituais, buscando apenas o poder e os bens materiais seculares, é quando o Mal tem a oportunidade de surgir e a sociedade entra em declínio.

Sr. Liu Siyuan:

O Sr. Julian resumiu muito bem. Seja no Oriente ou no Ocidente, seja qual for a religião, a raiz ainda é ensinar as pessoas a se voltarem para o bem, a temerem a Deus e a acreditarem na retribuição. Esse é o fio que sustenta a moralidade da humanidade. Quando esse fio é cortado, como o PCC fez, as pessoas perdem seu ponto de apoio, e a sociedade cai no caos.

Sophia Bell:

Sim, sobre "o que se semeia, se colhe", sobre a "retribuição", eu também já li alguns conceitos como a

"retribuição cármica em ciclos" no Budismo, ou o antigo ditado chinês "O bem é recompensado com o bem, o mal é recompensado com o mal; não é que não haja retribuição, é que o tempo ainda não chegou"... Se isso for verdade, e se as pessoas, do líder supremo ao cidadão comum, soubessem temer o Céu e a Terra, temer os Deuses e Budas e a "retribuição", a moralidade geral da sociedade não seria elevada? E não seria a "virtude" a base fundamental para a prosperidade e o declínio? Com muita virtude, a nação estaria em paz e o povo seguro; com pouca virtude e grande carma, o país declinaria, a sociedade cairia no caos, e o povo sofreria...

Falando da questão da "raiz" e dos "ramos"... Será que o fato de muitos governos hoje, especialmente o governo chinês, só saberem usar o "governo pela lei" como base, mas na verdade, um "governo pela lei" sem um fundamento moral, é apenas a ponta, ou até mesmo uma ferramenta para encobrir a "falta de virtude" dos governantes, Sr. Liu, Sr. Julian?

Sr. Liu Siyuan:

(Acena com a cabeça vigorosamente, seu rosto se ilumina com profunda concordância.)

Sra. Sophia, o que a senhora acabou de dizer realmente tocou a essência do problema. Absolutamente correto!

Se as pessoas, do monarca ao cidadão comum, compreendessem e acreditassem na lei de Causa e Efeito, soubessem que todas as suas ações, sejam boas ou más, secretas ou públicas, terão consequências correspondentes, então a moralidade social certamente seria mantida e elevada. Com o temor ao Céu e à Terra, aos Deuses e Budas, com medo da retribuição cármica, as pessoas não ousariam fazer o mal, não ousariam ser gananciosas, não ousariam enganar. Então, sem a necessidade de leis severas, a sociedade naturalmente se tornaria estável e harmoniosa.

A "virtude" é a raiz de uma nação, o fundamento da prosperidade ou do declínio. Milhares de anos de história chinesa e mundial provaram isso. As dinastias em que o rei era sábio e os ministros virtuosos, em que superiores e inferiores cultivavam a moralidade juntos, o país estava em paz e o povo vivia feliz. Pelo contrário, quando a moralidade declinava, os reis eram devassos e imorais, os oficiais corruptos, não importa o quão poderosa a nação tivesse sido, ela rapidamente entraria em declínio, caos, e o povo sofreria. "Com muita virtude, a nação está em paz; com pouca virtude e grande carma, o país declina" – essa é uma verdade inegável.

Quanto ao "governo pela lei" que a senhora mencionou, concordo plenamente. A lei é necessária para manter a ordem social, para deter os malfeitores. Mas ela só pode ser o "ramo", a ferramenta complementar ao "governo

pela virtude". Se um governo se baseia apenas na lei, na punição, e negligencia a educação moral, não constrói uma base de fé para o povo, então isso é um fracasso.

Especialmente na China de hoje, o Partido Comunista sempre propaga o "estado de direito socialista", mas, na realidade, suas leis são apenas ferramentas para proteger o poder do Partido, para reprimir dissidentes, para legalizar seus próprios atos ilícitos. Eles usam o "governo pela lei" para encobrir a "falta de virtude" de todo um sistema. Quando aqueles que aplicam a lei não têm moralidade, quando as próprias leis são criadas por pessoas imorais, então esse "governo pela lei" é ainda mais perigoso do que a anarquia, porque se veste com o manto da "justiça" falsa para enganar o povo e o mundo. A perseguição ao Falun Gong é um exemplo claro: eles criam leis vagas, impõem acusações irracionais para prender e condenar praticantes pacíficos. Isso não é "governo pela lei", é o pisoteio da lei, da justiça humana.

Uma sociedade que realmente deseja estabilidade e desenvolvimento sustentável deve ter o "governo pela virtude" como raiz, o "governo pelos ritos" (educação através de rituais e cultura) como tronco, e o "governo pela lei" deve ser apenas os galhos e as folhas, a medida final quando a moralidade não é mais suficiente para dissuadir.

Julian Lee:

(Acena em concordância.)

A análise do Sr. Liu sobre a relação entre "governo pela virtude" e "governo pela lei" é extremamente profunda. No pensamento político ocidental, também existem debates semelhantes, por exemplo, entre a escola do direito natural (natural law), que sustenta que a lei deve se basear em princípios morais universais, e a escola do positivismo jurídico (legal positivism), que valoriza apenas a validade do processo de promulgação da lei.

No entanto, cada vez mais pensadores percebem que um sistema legal, por mais rigoroso que seja, não pode por si só garantir a justiça e a estabilidade se faltar o fundamento moral da sociedade e daqueles que o aplicam. A lei pode punir o mau comportamento, mas não pode semear a bondade. A lei pode prevenir o crime até certo ponto, mas não pode criar uma sociedade onde as pessoas voluntariamente fazem o bem.

Como a Sra. Sophia e o Sr. Liu disseram, se as pessoas têm fé em valores transcendentais, em causa e efeito, então a "lei no coração" será ainda mais forte do que a lei no papel. Então, o "governo pela lei" se tornará mais brando, e servirá apenas como uma ferramenta para ajustar casos isolados, em vez de ser o principal meio de governo.

O fato de o PCC enfatizar o "governo pela lei" enquanto reprime a fé e destrói a moralidade tradicional, na verdade, é uma contradição e eles estão cavando sua própria cova. Porque um "governo pela lei" sem a "virtude" como base será apenas um castelo de areia, que mais cedo ou mais tarde desmoronará diante das tempestades da história e do julgamento da consciência.

Sr. Liu Siyuan:

Exatamente, sem virtude, nada é sustentável. Isso é algo que, depois de tantas reviravoltas, eu compreendi profundamente.

Sophia Bell:

De repente, lembrei-me de uma frase, não me recordo bem onde a li, que diz algo como: "Com pouca virtude, mas em alta posição; com pouca sabedoria, mas com grandes planos; é raro não causar desastres"... Talvez este seja o espírito principal do que discutimos hoje... O Partido Comunista Chinês, com sua pouca virtude, causou desastres ao povo chinês, cujo clímax é a perseguição aos pacíficos praticantes do Falun Gong... e talvez, um dia, a "retribuição", como os senhores disseram, virá, e ele terá que pagar por tudo o que causou...

Os senhores concordam?

Sr. Liu Siyuan:

(Acena lentamente, o olhar firme e um tanto solene.)

Sra. Sophia, essa frase, embora a senhora não se lembre da fonte, contém uma grande verdade, uma lei do universo da qual ninguém pode escapar. "Com pouca virtude, mas em alta posição; com pouca sabedoria, mas com grandes planos"... esse é precisamente o retrato dos líderes do Partido Comunista Chinês de hoje, e daqueles que iniciaram a perseguição ao Falun Gong.

Eles não têm fé em Deuses e Budas, não têm fundamento moral, apenas uma ambição ilimitada de poder e o medo de perdê-lo. Eles usam intrigas astutas, táticas cruéis para manter seu domínio, para reprimir pessoas de bem. Eles se consideram "grandiosos, gloriosos, corretos", mas na realidade, sua sabedoria se limita à luta por interesses, ao engano e ao controle.

O fardo que eles estão tentando carregar – o destino de toda uma nação, a estabilidade de toda uma região – mas com tão pouca virtude e sabedoria, como podem suportá-lo? O desastre é inevitável, não apenas para eles mesmos, mas também para a nação que governam.

A perseguição ao Falun Gong é o clímax dessa "falta de virtude" e "falta de sabedoria". Perseguir pessoas que vivem segundo Verdade, Compaixão e Tolerância, pessoas que estão trazendo belos valores morais para a sociedade, não é apenas um crime, mas também um ato de autodestruição da base moral de sua própria nação.

E, como a senhora disse, a lei de Causa e Efeito não falha. "O bem é recompensado com o bem, o mal é recompensado com o mal." O que eles semearam, certamente colherão. O dia em que a "retribuição" chegar, pode não ser amanhã ou depois, mas certamente chegará. A história provou que nenhuma tirania pode durar para sempre, especialmente uma tirania que cometeu crimes hediondos contra seu próprio povo e contra os valores universais da humanidade. Eu acredito totalmente nisso.

Julian Lee:

(Pensativo.)

A frase que a Sra. Sophia citou, embora possa ser expressa de forma diferente em diferentes culturas, seu significado central é universal. É um aviso para não ultrapassar os próprios limites, especialmente os limites de moralidade e sabedoria ao assumir grandes responsabilidades.

Da perspectiva da história política, vemos muitos impérios, muitos líderes poderosos que caíram não por causa de inimigos externos, mas por erros decorrentes da arrogância, da falta de compreensão das leis naturais e sociais e, o mais importante, da erosão da moralidade interna.

O Partido Comunista Chinês pode ter alcançado certas conquistas materiais, pode ter construído uma sofisticada máquina de controle. Mas se a "virtude" dos líderes não for proporcional ao poder que detêm, se seus "planos" forem contra os interesses e a dignidade humana, mais cedo ou mais tarde essas conquistas se tornarão sem sentido, e essa máquina desmoronará sob o peso dos crimes e erros que cometeu.

A perseguição ao Falun Gong não é apenas uma questão de direitos humanos, mas também um indicador da profunda crise moral do regime. E, como o Sr. Liu e a Sra. Sophia disseram, tais ações não podem ficar sem consequências. A "retribuição" pode ser entendida de muitas maneiras, desde o julgamento da história, a punição da lei (embora tardia), até as leis de causa e efeito que talvez ainda não compreendamos completamente. Mas uma coisa é certa: nenhum mal pode existir para sempre sem pagar o preço.

Sophia Bell:

Sim, obrigada a ambos... Nós compartilhamos visões sobre o bem e o mal, sobre alguns pontos de vista da governança antiga baseada na virtude, sobre causa e efeito e retribuição... A sessão já se aproxima do meio-dia, acho que devemos encerrar a terceira entrevista aqui...

Juntamente com o conteúdo das duas sessões anteriores, ouvimos o Sr. Liu compartilhar sua história, sobre a perversidade do Partido Comunista Chinês através da perseguição ao Falun Gong, sobre o crime da extração forçada de órgãos vivos... As mensagens que os senhores compartilharam são todas questões pungentes de nossa era e exigem que cada um de nós, incluindo os leitores de THE LIVES MEDIA, encare a verdade e escolha agir de acordo com a justiça e a consciência...

Para o Sr. Liu, se tivesse que dizer uma ou duas frases curtas, mas sinceras, aos leitores de THE LIVES MEDIA, como despedida por hoje, o que o senhor diria?

Sr. Liu Siyuan:

(Olha para Sophia e Julian com gratidão, depois dirige o olhar para longe, a voz calma, mas contendo uma fé intensa.)

Sra. Sophia, Sr. Julian, e através dos senhores, gostaria de enviar uma mensagem aos estimados leitores de THE LIVES MEDIA.

Se há algo que quero transmitir depois de tudo o que passei, é isto:

Por favor, mantenham firme a fé na verdade e na consciência, não importa o quão avassaladora a escuridão possa parecer. Porque a luz de Verdade, Compaixão e Tolerância é indestrutível, e a justiça, no final, certamente triunfará sobre o mal.

Cada verdade que é disseminada, cada voz que se ergue pela justiça, é uma contribuição inestimável para tornar este mundo um lugar melhor. Muito obrigado a todos.

Sophia Bell:

Agradeço sinceramente ao Sr. Liu por seus compartilhamentos extremamente profundos e corajosos ao longo destas três sessões de entrevista. Agradeço também ao Sr. Julian por nos acompanhar e contribuir com suas valiosas análises. Nós nos esforçaremos para transmitir integralmente estas mensagens aos leitores.

Julian Lee:

Obrigado, Sr. Liu, pela confiança e pelo compartilhamento. Suas histórias e percepções são verdadeiramente uma fonte de inspiração e um poderoso lembrete para todos nós.

Sr. Liu Siyuan:

Eu também gostaria de agradecer à Sra. Sophia e ao Sr. Julian pela paciência em me ouvir e por criarem a oportunidade para que eu pudesse dizer estas coisas.

* * *

CONCLUSÃO

As três sessões de diálogo chegaram ao fim. Sem manifestos, sem rufar de tambores — apenas um homem que viveu no coração de uma tempestade histórica, agora narrando silenciosamente o que ele sabe, no que ele acredita, e aquilo sobre o qual não podia mais permanecer em silêncio.

Não esperamos que os leitores recebam tudo da mesma forma. Mas se há algo que permanece no final, é talvez a pontada de uma pergunta no coração: quantas coisas estão sendo escondidas sob o véu daquilo que é permitido dizer?

O Véu Vermelho não busca argumentar, não emite julgamentos. É simplesmente uma jornada da memória e da consciência, narrada com a voz mais sincera que pudemos preservar.

E se estes relatos puderem fazer com que alguém, em algum lugar, pare para refletir — então talvez, o livro tenha cumprido sua missão.

Sophia Bell

THE LIVES MEDIA

* * *

SOBRE A AUTORA E O PROJETO THE LIVES MEDIA

SOBRE A AUTORA

Sophia Bell é uma escritora independente que explora temas relacionados à política, cultura, sociedade, ciência e espiritualidade. Seu trabalho busca a verdade, desperta a consciência e dá voz às reflexões sobre o destino da humanidade.

Suas obras frequentemente se originam de entrevistas reais, registradas com honestidade, profundidade emocional e um espírito de iluminação.

SOBRE O PROJETO

Este livro faz parte de uma série de obras publicadas pela THE LIVES MEDIA – uma iniciativa editorial independente com visão global e a missão de preservar e disseminar ecos atemporais. Sem seguir o ciclo diário de

notícias, nosso objetivo são livros capazes de tocar profundamente a consciência humana.

CONTATO

- ✧ Website: www.thelivesmedia.com
- ✧ Email: editor@thelivesmedia.com
- ✧ QR Code:



OUTRAS OBRAS DO MESMO PROJETO

Você pode encontrar outras publicações da THE LIVES MEDIA:

- *Poeira Vermelha, Luz Dourada* (Red Dust, Golden Light)
- *Depois do Poder: O Legado* (After Power: The Legacy)
- *O Ocaso e a Aurora da Ciência* (Sunset and Sunrise of Science)

- *O Véu Vermelho* (The Red Veil) → este livro
 - *Ecos de Antes do Tempo* (Echoes Before Time)
 - *A Entrada no Mundo* (Entering The World)
 - *Os Últimos Sinos* (The Last Bells)
 - *Antes de Nós* (Before Us)
 - *Mil Vidas* (Thousand Lives)
-

Agradecemos sinceramente por dedicar seu tempo à leitura deste livro! Que Deus e Buda o abençoem em sua jornada de descoberta da verdade.